U.PORTO

MESTRADO INTREGADO

ARQUITECTURA

Revitalização de um lugar esquecido em Riba d'Ave. Requalificação urbanística da zona da antiga Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª e margens do rio Ave.

Ana Luisa Alvim Oliveira Dias de Almeida

M

2023

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Revitalização de um lugar esquecido em Riba d'Ave

Requalificação urbanística da zona da antiga Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª e margens do rio Ave

Ana Luísa Alvim Oliveira Dias de Almeida
Orientação Prof. Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
2023

Agradecimentos

Ao meu Orientador, Prof. Doutor Luís Viegas, pelo apoio em todo este trabalho,
Ao Prof. Doutor Américo Cardoso, pelas suas críticas.

À Arq. Ana Tsou, pela disponibilidade e por toda ajuda prestada,
Ao Arq. Nuno Travasso, pela disponibilidade e pela cedência de todo o material solicitado.

A todos os meus amigos, em especial:
À Alberta, que me fez ter gosto pela Arquitectura,
À Quinaz, que sempre me acompanhou na dissertação,
À Chen, minha companheira de aventuras,
Ao João, ao Fernando e à Marta pela amizade e animação musical nesta fase final da dissertação.

A toda a minha família,
Ao meu primo Nuno, que esteve sempre presente e nunca me deixou desistir,
Aos meus irmãos, pelas fotos motivacionais que me foram mandando.

E por último, aos meus pais pelo apoio incondicional e por serem os meus fãs nº1.

Dedicado à minha mãe.

Resumo

A Sampaio, Ferreira & C.ª, fundada em 1896, por Narciso Ferreira, foi a primeira empresa fábrica têxtil moderna do concelho de Vila Nova de Famalicão, na vila de Riba de Ave.

Esta dissertação apresenta um projeto de requalificação dos espaços e dos edifícios desta antiga Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª, nas margens do rio Ave. Os objetivos deste trabalho são a reformulação desses edifícios e espaços, valorizando-os e propondo uma revitalização no centro urbano de Riba de Ave, dando um propósito aos espaços desocupados e aos degradados.

Apresentam-se várias propostas de projetos e planos de outros autores, para esta zona, porque tem crescido o interesse sobre o complexo da Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª, com inúmeras reflexões e exercícios sobre o seu processo de reabilitação e revitalização, tanto pelas universidades, como pelo Município de Vila Nova de Famalicão. Faz-se um diagnóstico sobre o estado dos espaços e edifícios, concluindo que existem edifícios que estão em melhor condições, mas exigem ainda uma intervenção no sentido de os recuperar e revalorizar, com um novo programa, dando-lhes novas funcionalidades. Alguns dos edifícios estão com estruturas danificadas que obrigatoriamente terão de ser demolidas.

No projeto proposto, apresenta-se uma nova estratégia global para o complexo fabril e suas margens. As intervenções são pensadas em fases diferentes, desenham-se novas entradas, novas praças, pontes pedonais sobre o rio, um auditório ao ar livre, a demolição de alguns edifícios e a construção de outros para a função de estacionamento automóvel e ateliês, e requalifica-se outros para um museu, um centro de congressos, habitações e escolas. A chaminé da antiga fábrica preenche a paisagem como elemento emblemático da indústria têxtil que marcou aquela região do Vale do Ave. Propõem-se, ainda, vários percursos que fazem a ligação entre todos estes elementos, tornando este projeto íntegro e aproximando a comunidade local ao património industrial.

A proposta apresentada tem edifícios focados em várias funções, para que a comunidade possa conviver e circular nos espaços e salvaguardar a memória que tem deles. Assim, esta proposta de intervenção, um projeto sobre este lugar esquecido, é uma oportunidade de evidenciar uma intenção de renovar uma área da vila de Riba de Ave, promovendo a qualidade da vida urbana e abrindo possibilidades para novas práticas de arquitetura.

Palavras-chave: Estratégia; Projeto; Programa.

Abstract

Sampaio, Ferreira & C.ª, founded in 1896 by Narciso Ferreira, was the first modern textile factory in the municipality of Vila Nova de Famalicão, in the village of Riba de Ave.
This dissertation presents a project to redevelop the spaces and buildings of this former Sampaio, Ferreira & C.ª factory on the margins of the River Ave. The objectives of this work are to reformulate these buildings and spaces, enhancing them and proposing a revitalization of the urban center of Riba de Ave, giving a purpose to unoccupied and degraded spaces.

Several project proposals and plans by other authors are presented for this area, because interest in the Sampaio, Ferreira & C.ª Factory complex has been growing, with numerous reflections and exercises on its rehabilitation and revitalization process, both by universities and by the Vila Nova de Famalicão Municipality.A diagnosis is made of the state of the spaces and buildings, concluding that there are buildings that are in better condition, but still require intervention in order to recover and revalue them, with a new program, giving them new functions. Some of the buildings have damaged structures that will have to be demolished.

The proposed project presents a new overall strategy for the factory complex and its river margins. The interventions are designed in different phases: new entrances, new squares, pedestrian bridges over the river, an open-air auditorium, the demolition of some buildings and the construction of others for vehicle parking and workshops, and the redevelopment of others for a museum, a congress center, housing and schools.The chimney of the old factory fills the landscape as an emblematic element of the textile industry that marked this region of the Ave Valley. Several routes are also proposed that connect all these elements, making this project integral and bringing the local community closer to the industrial heritage.

The proposal has buildings focused on various functions, so that the community can socialize and circulate in the spaces and safeguard the memory they have of them. Thus, this intervention proposal, a project on this forgotten place, is an opportunity to highlight an intention to renovate an area of the town of Riba de Ave, promoting the quality of urban life and opening up possibilities for new architectural practices.

Keywords: Strategy; Project; Program.

Sumário

Agradecimentos 5
Resumo 7
Abstract 9

Introdução 13

Capítulo 1 Um lugar esquecido
1.1 Enquadramento do território e contextualização histórica 23
1.2. Reflexões e exercícios para a Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª e para Riba de Ave 29

Capítulo 2 Um lugar revitalizado
2.1 Diagnóstico 37
2.2 Projecto 59

Considerações finais 99

Fontes Bibliográficas 103
Fontes Iconográficas 105

Anexos 107

Introdução

> Imaginar significa recordar aquilo que a memória escreveu dentro de nós e pô-la em confronto com as exigências e as condições; mas também elevar as exigências e as condições ao nível da sua real complexidade, e por fim restituí-las na simplicidade oblíqua do projeto. (Siza Vieira, 2012, p. 13)

A motivação para a escolha do tema para a presente dissertação surge de uma particular experiência académica (da autora), ao abrigo do Progama Erasmus, na Gdańsk University of Technology, na Polónia. Foi, precisamente este o tema designado para ser trabalhado num caso prático, na unidade curricular Urbanismo, tratando-se de uma novidade nos seus estudos universitários, pois até então o tema só o tinha sido abordado, de uma forma teórica, noutras unidades curriculares.

Naquele contexto académico, o trabalho prático proposto de requalificação urbana pretendeu que se apresentassem propostas para, no território, unir as duas maiores universidades da cidade de Gdansk, a Gdańsk University of Technology e a University of Gdańsk, duas universidades que se situam perto uma da outra, mas que estão separadas por uma elevação do terreno e uma zona florestal. A proposta teve como objetivo conectar estas duas realidades, utilizando a zona florestal, para fazer percursos ou novos edifícios, tendo em consideração que existia, num ponto central, um estádio desportivo e um rio (que corre na parte inferior de uma das universidades, junto de um grande declive do terreno). Este foi um desafiante exercicio de projeto desenvolvido na unidade curricular em causa.

Na sequência desta experiencia, emerge a empatia para a realização deste tipo de trabalhos e a convicção de que este tema seria estimulante para explorar no futuro.

Nesse sentido, inicia-se a procura e a pesquisa de lugares geográficos, enquanto espaços que, de algum modo, estivessem descaracterizados e lhes faltassem dinâmica territorial, com necessidade de uma revitalização urbanística. Escolher e ser escolhido é uma tarefa paradoxal, como referiu Calvino (2009):

> o espírito de Palomar oscila entre dois impulsos contrastantes: aquele que tende para um conhecimento completo, exaustivo, e que apenas poderia ser satisfeito experimentando todas as qualidades de queijos; e o que tende para uma escolha absoluta, para a identificação do queijo que é o seu, um queijo que certamente existe, mesmo que ele ainda o não saiba reconhecer (não saiba reconhecer-se nele). Ou então, talvez não se trate de escolher o seu próprio queijo, mas sim de ser escolhido. Existe uma relação recíproca entre queijo e cliente: cada queijo espera o seu cliente, toma a atitude mais indicada para o atrair, com uma firmeza ou granulosidade um tanto ou quanto altivas. Ou, ao contrário, derretendo-se num abandono de quem se rende. (pp. 42-43)

Deste modo, após uma investigação exaustiva, o lugar de estudo selecionado foi um espaço com edificações industriais, nas margens ribeirinhas do rio Ave: um lugar (constituído por aglomerados) esquecido, no sentido de se encontrar abandonado e sem nenhum plano de requalificação,



Fig. 1 Vista da Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª

mas, especialmente de um local de memória, pois situa-se numa região perto do lugar onde a autora habita, onde as memórias pessoais são recuperadas e conduzidas para projetar uma nova tessitura para o espaço.

Trata-se de um lugar escolhido, pelas razões apontadas e, naturalmente, porque corresponde a um território, que já tendo sido abordado nalguns trabalhos de investigação, continua a desafiar um outro olhar sobre a mesma realidade para a interpretar e (re)inventar. Como afirma Gil (1984) "a investigação aplica-se a problemas que tem por objectivo resolver: e é isso - e não uma psicologia da invenção - que contém determinar" (p. 175).

Ao longo das últimas décadas, os processos de intervenção urbana têm sido alterados e têm evoluindo relativamente aos instrumentos de planeamento, aos programas e aos projectos que se debruçam sobre os tecidos urbanizados dos aglomerados. Assiste-se, cada vez mais, à reestruturação e revitalização funcional, recuperação ou reabilitação arquitectónica (Portas, fevereiro 1985, p. 8).

Objeto de estudo

Um dos objetivos da dissertação é o de analisar, teoricamente e de forma breve, o objecto/contexto da intervenção - o espaço e os edifícios da antiga Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª (designada Fábrica SF), nas margens do rio, na vila de Riba de Ave, concelho de Vila Nova de Famalicão e, aprofundadamente, apresentar um projeto aplicado ao lugar.

Este objeto de estudo estudado e trabalhado na unidade curricular de Projeto 5, do MIARQ (FAUP), no ano letivo 2019-2020, e por outros estudantes, em dissertações de mestrado e em teses de doutoramento, tanto da área da Arquitetura e da Arquitetura Paisagista, como da área da História, (a referenciar no capítulo seguinte). Apesar desta situação, considera-se, ainda, pertinente continuar a estudá-lo, pois reconhece-se que a reabilitação de edifícios e de espaços de unidades industriais

abandonados, com vista à sua reconversão, nunca estão suficientemente explorados e, nesse sentido existirão outras opções que podem ser investigadas, principalmente se forem abordadas com uma escala mais detalhada (como se pretende na presente abordagem).

Não tendo estado, a autora, envolvida na experiência de unidade curricular do Projeto 5, acima referida, e pela singularidade da sua experiência académica no programa de Erasmus considera-se pertinente esta particular contribuição e visão, para a reconversão deste lugar, tão emblemático para a indústria têxtil como promissor e desafiante na perspectiva de apresentação de resultados para a sua requalificação urbana e arquitetónica, no âmbito da presente dissertação de conclusão da formação académica.

Assim, o objeto de estudo, situado nas margens do rio Ave, centra-se na vila de Riba de Ave, que se encontra no concelho de Vila Nova de Famalicão. Esta vila desenvolveu-se pela exploração da indústria têxtil, no final do séc. XIX e século XX e foi o berço desta indústria, onde se destacaram grandes empreendedores, entre os quais Narciso Ferreira, que teve um papel imprescindível na criação do prestígio e no desenvolvimento deste sector industrial. Esta personalidade criou um complexo industrial, junto das margens do rio Ave, onde se destaca a fábrica têxtil Sampaio, Ferreira & C.ª, juntamente com outros edifícios, como os bairros operários, a escola, o hospital, o mercado, o quartel, o posto da guarda e outros. Estas estruturas foram surgindo à medida das necessidades dos habitantes e trabalhadores da fábrica, tendo, por isso, uma organização espacial da malha urbana muito irregular e orgânica.

Atualmente, Riba de Ave é caracterizada por uma ocupação urbana difusa e pouco estruturada, com um centro urbano desvalorizado, encontrando-se o edifício da antiga Fábrica SF abandonado e arruinado.

Nesta dissertação faz-se a proposta de construção de um projeto de reabilitação urbana, "… por razões históricas e de pragmática clarificação, distinguimos, da tríade História/teorias/Crítica,



Fig. 2 Interior da Fábrica

o Projeto (P+HtsC), e entendêmo-lo como prática aplicada à transformação do real, pela resolução de problemas ou programas, concretos, solicitados por entidades externas, individuais ou coletivas, privadas ou públicas" (Viegas, 2014, p. 397).

Assim, o projeto a apresentar, convergindo com pensamentos teóricos e por experiências autorais, abrangerá os núcleos associados à instalação industrial, com interesse patrimonial os edifícios da antiga Fábrica SF, e as ocupações lineares ao longo de linhas de água, trilhos ou caminhos onde o património associado está patente, assim como a componente ambiental envolvente, valorizando as frentes ribeirinhas como espaços de identidade e com vocação para atividades de lazer e recreio.

Objetivos

Assim, se o objetivo principal deste trabalho é o da apresentação de um projeto de requalificação urbana para a zona da antiga Fábrica SF, em Riba de Ave, os objetivos específicos são: i) Reformular os edifícios da antiga Fábrica SF e apresentar um programa de reabilitação, valorizando estes espaços, detentores de inúmeras potencialidades, propondo uma revitalização do centro urbano de Riba de Ave e dando um propósito aos espaços desocupados; ii) Reformular as frentes ribeirinhas do rio Ave, junto da Fábrica SF para revitalizar a paisagem, fazendo conexões entre as margens.

Metodologia

> O estudo dos problemas depara ainda com outros obstáculos. Uma classificação dos problemas em «bem» e «mal» estruturados, consoante o regime de decidibilidade das soluções, leva à situação paradoxal de se dever considerar que a grande maioria dos problemas são mal estruturados, vindo também a reconhecer que os problemas bem estruturados são, por via de regra, os menos interessantes. (Gil, 1984, p. 176)



Fig. 3 Vista Exterior da Fábrica


Fig. 4 Vista exterior da Fábrica

É importante definir e estruturar o problema de investigação com clareza. Para o filósofo, a investigação é constituída por um conjunto de operações, como a avaliação do problema de investigação, a pesquisa, seguida da operação inovação (Gil, 1984, p. 178).

Assim, a presente dissertação começou pelo levantamento, seleção e leitura de bibliografia relacionada com os tópicos de *História de Riba de Ave, Fábrica Sampaio, Ferreira C.ª e Indústria Têxtil*: o que permitiu obter uma perspetiva global e compreensível desta realidade na região do Vale do Ave. Seguidamente, realizou-se a análise bibliográfica para os tópicos de *Requalificação urbana, Projetos de reabilitação para a antiga Fábrica Sampaio, Ferreira C.ª e Planeamento urbanístico*. Na última parte, a mais importante deste trabalho, realizou-se o exercício de projeto, que teve como desafio construir, em modo de processo, sem conhecimento prévio, do que é suposto ou até necessário executar.

> É nossa convicção que o projeto é o potencial e principal provocador das dimensões analíticas, eventualmente, necessárias para a intervenção. Um médico não interpreta os resultados das 'análises' de um seu paciente, enquadra-os. Mas em Arquitetura, o enquadramento não pode ser parametrizado a priori, pois a sua atualização depende da ação programática implícita no próprio exercício de projeto. (Viegas, 2014, p. 412)

Iniciou-se este trabalho de projeto em que foi necessário escutar o passado e analisar os exercícios realizados anteriormente para o local, e depois questionar, problematizar e apresentar uma solução, comprometendo-se com ela. A observação participante foi primordial, a visualização do lugar, a visita e presença física nas estruturas fabris e margens do rio, seguida de uma contemplação que permitiu ter um olhar crítico e conferiu um sentido ao objeto de estudo.

> Naturalmente, se a componente analítica nos auxilia, de certo modo, no sistema de atribuição dos quadros valorativos, a delimitação da área de intervenção e escolha do instrumento de planeamento mais vocacionado, permitem-nos identificar o quadro inicial que confina e

> configura o objecto e o contexto de intervenção, quer em termos de dimensão territorial, quer no que respeita ao enquadramento político-urbanístico subjacente. (Viegas, 1998, p. 146)

A proposta de um projeto tem, quase sempre, um carácter pessoal, neste caso enriquecido pela memória das "teorias apreendidas" e da experiência já tida, num trabalho idêntico, como o da cidade de Gdansk. A objetividade e a racionalidade andaram sempre unidas à subjetividade e à surpresa de um lugar novo, no território selecionado. Foi necessário identificar a complexidade da realidade existente e simplificá-la, de modo a obter uma resposta e uma proposta para revitalizar este lugar esquecido. Como afirmou Solá-Morales (2008), um projeto é mais um relato, mais um texto que se acrescenta à realidade:

> Es cierto que un proyecto en la ciudad es un texto que se añade a tantos relatos ya existentes. Se ha hablado así de la ciudad como palimpsesto y de la forma narrativa del buen proyecto urbano. Frente a la pretensión de que un proyecto sea la "totalidad" de una obra, la "solución" de un problema, o la "intervención unitaria" - entendidas por analogía con la lógica industrial del proyecto constructivo, como racionalización ex ante de las operaciones para ejecutar una obra -, el proyecto en la ciudad es una adherencia a la dinámica propia de los hechos urbanos. La capacidad del arquitecto en la ciudad estará sobre todo en añadir, mucho menos en resolver. (p. 176)

A proposta de trabalho que se apresenta é um exercício analítico e um ato criativo que viaja de "hipóteses para o particular, ou identificar o particular e especular (experimentar) hipóteses sobre o geral. É esta a relação entre o estável e o instável que caracteriza o acto criativo do projetar o urbano…" (Viegas, 1998, p. 157).

Estrutura

Para concretizar o objetivo principal de apresentação de uma proposta de requalificação urbanística da zona da antiga Fábrica SF e margens adjacentes do rio Ave, pretende-se estruturar a dissertação com uma introdução, dois capítulos intermédios e as considerações finais.

Na sequência da introdução, no capítulo 1, no subcapítulo 1.1, efetua-se o enquadramento histórico e geográfico. Esta contextualização do território desenvolve-se a partir de uma pesquisa e análise bibliográfica; no subcapítulo 1.2, são analisados documentos que permitem a melhor compreensão do lugar de intervenção, os instrumentos de planeamento formal (p.ex. o Plano Diretor Municipal de Vila Nova de Famalicão) e outros projetos académicos, nos quais se apresentam exemplos similares de intervenção para o espaço da fábrica ou da zona industrial, de forma a sustentar o projeto proposto. São escolhidos os exemplos mais relevantes para o estudo e a análise, de forma a permitir conhecer as abordagens e os entendimentos das formas urbanas para este local. Por fim, no capítulo 2, apresenta-se a parte prática, composta por um diagnóstico da situação atual e pelo projeto de reabilitação dos espaços da antiga Fábrica SF e da revitalização das margens do rio Ave, junto da vila de Riba de Ave.





Capítulo 1 Um lugar esquecido

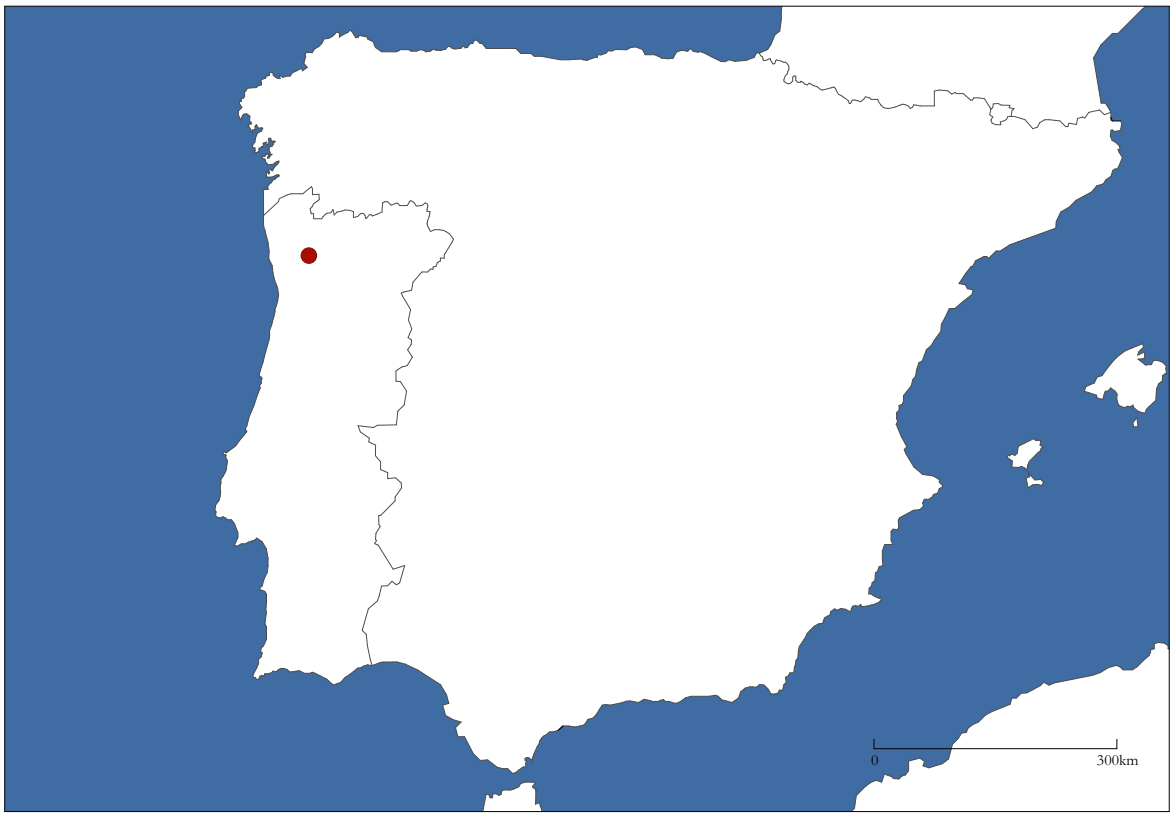


Fig. 7 Planta de localizacão de Riba de Ave

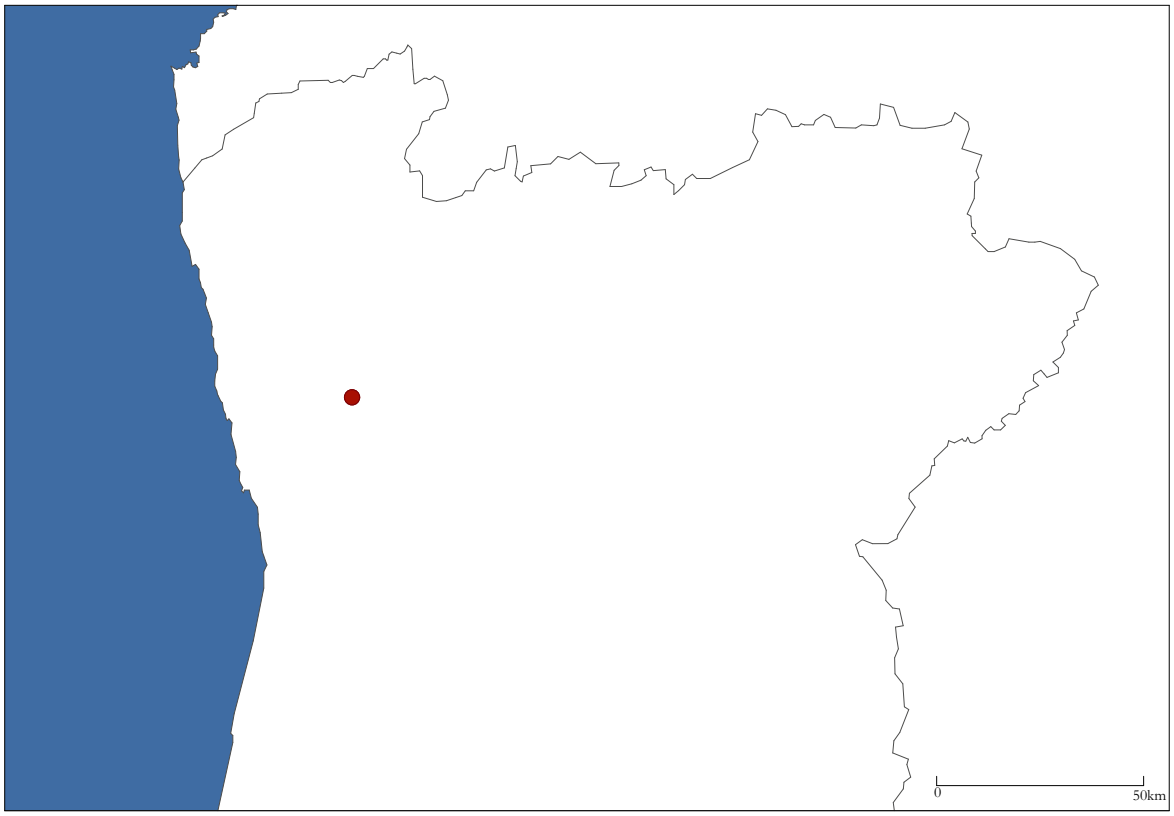


Fig. 8 Planta de localizacão de Riba de Ave

Capítulo 1 Um lugar esquecido

1.1 Enquadramento do território e contextualização histórica

Riba de Ave é um topónimo de origem latina, em que "riba" ou "ripa" se refere à margem alcantilada junto ao rio, e "ave" se refere ao nome que indica cursos fluviais. Este topónimo é muito antigo, segundo o investigador Fernando (1989, p. 73), este referenciado no *Dicionário Corográfico de Portugal* de Américo Costa e em *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal, designação já utilizada no século XIII. A vila de Riba de Ave está situada num vale, na margem esquerda do rio Ave, no limite sudeste do concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, na região Norte de Portugal, possuindo uma área de superfície de 2,83 Km2 (Couto et al., 2010-2011, p. 489). Não é possível, com precisão, referenciar a fundação deste aglomerado populacional, mas constata-se que está rodeada de povoações arcaicas, de povos antigos, de castros e de vestígios romanos, de igrejas românicas (Fernando, 1993, p. 41).

Nos finais do século XIX e metade do século XX, esta vila foi considerada o coração da indústria têxtil, ainda que uma parte da população estivesse dedicada ao setor da agricultura. Nesta região - Vale do Ave - há uma confluência de rios (Ave, Vizela, Selho e Ferro) que irão permitir a utilização da energia hidráulica para o desenvolvimento de indústrias ligadas ao têxtil. As margens dos rios, onde existiam moinhos e azenhas, foram aproveitadas para a instalação de fábricas dedicadas a esta indústria. Na zona de confluência do rio Vizela com o rio Ave, na bacia hidrográfica do Ave, houve uma maior concentração da indústria têxtil (Costa & Lopes, 2013, p. 488).

Em 1890, Riba de Ave era uma pequena freguesia rural, com 552 habitantes e 126 casas. Contudo, nesta década tudo vai ser alterado, a paisagem, o número de habitantes e habitações, o tipo de trabalho disponível, as estradas, etc. (Couto et al., 2010-2011, p. 490). Assim, a indústria algodoeira desenvolveu-se, segundo o Inquérito Industrial de 1881, inúmeras fábricas crescem intensamente, em número de mão de obra e tecnologicamente (Leitão & Saraiva, 2012, p. 8). No inquérito de 1890, já se encontravam referenciadas quatro fábricas de algodão, destacando-se a Fábrica SF, com 87 operários e 50 teares (Leitão & Saraiva, 2012, p. 10).

Narciso Ferreira (1862-1933), personagem central da história de Riba de Ave, no século XIX, iniciou os seus trabalhos como tecelão, em 1888, em Riba de Ave, numa casa térrea junto de um açude. Os produtos eram vendidos por ele, no Porto e nas feiras da região. Foi um grande impulsionador da indústria têxtil, tendo um papel preponderante no desenvolvimento da região e na melhoria de condições económicas e sociais da comunidade. Foi considerado um empreendedor com uma visão pioneira (Couto et al. 2010-2011, p. 490). A Fábrica SF, fundada por Narciso Ferreira, marca o início da industrialização do vale do Ave. Iniciou esta empresa com aquisição de terrenos, no lugar de Pena Cabrão, sobre as ribas do Ave, formalizou a escritura da sociedade em 1896, entrando com 20% do capital, com os sócios Manuel Joaquim de Oliveira, José Augusto Dias, Eng. Vasco Ortigão Sampaio e José Fernandes Machado. Narciso Ferreira começou como diretor técnico, dirigindo a laboração têxtil desta fábrica, com 18 teares mecânicos, movidos hidraulicamente pelo aproveitamento de uma levada que construiu no leito do rio. A fábrica-mãe (a partir desta nasceram

outras empresas) foi aumentando a sua produção, tendo possuído 200 teares, fiação, tinturarias e acabamentos, em 1910 já possuía 846 trabalhadores (Alves, 2005, p. 456). Foi uma das poucas fábricas que cumpria a totalidade do processo de produção do algodão ou de linho (fiação, tecelagem, tinturaria, acabamento final). Mais tarde, Narciso Ferreira utilizou outro curso do rio Ave para criar a central hidroelétrica Amieiro Galego, que ficou a fornecer a energia à fábrica e à localidade (Fernando, 1994, p. 30), e nos anos seguintes outras centrais hidroelétricas foram criadas na região. As duas empresas criadas por Narciso Ferreira, Sampaio Ferreira & C.ª Lda e Oliveira, Ferreira & C.ª Lda, empregavam cerca de 4000 operários de Riba de Ave e dos vários concelhos limítrofes, com grandes preocupações sociais, aspirando ao melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, com a criação de creches, escolas, hospital, cantinas e um bairro (Fernando, 1994, p. 50). Outras empresas de base familiar, de fiação, tinturaria e tecelagem foram criadas e acopladas a empresas elétricas, que aproveitavam a energia hidráulica para a associar à elétrica. Em 1939, existiam três fábricas do grupo, com 2936 operários e vinte anos depois com 12.000 trabalhadores (Leitão & Saraiva, 2012, p.11). Os continuadores das unidades fabris do Grupo Ferreira, foram os seus filhos, os irmãos Ferreira, os mais conhecidos: Raul Ferreira (Conde de Riba de Ave) e Delfim Ferreira (Fernando, 1994, p. 93).

A implantação do complexo da Fábrica SF no território de Riba de Ave, juntamente com a central elétrica, contribuiu para o processo de industrialização da Bacia do Ave e trouxe grandes alterações sociais e económicas à região, assim como alterou as dinâmicas do poder local (Pozzer, 2021, p. 232).

Desde a fundação da fábrica, que Narciso Ferreira pensou construir mais edifícios para a sua expansão. Esta hipótese defendida por Pozzer (2020, p. 19) tem a sua justificação a partir da análise das fotografias que estão num dos anúncios publicitários à fábrica. Entre 1900 e 1913, acrescentaram anexos às edificações existentes e construíram outras, como o escritório, composto por duas construções com telhados de duas águas e alpendre, a tinturaria foi expandida três vezes o tamanho inicial, porque o canal de água foi estendido. Outras áreas foram igualmente ampliadas, como o edifício da tecelagem e fiação. Também, Pozzer (2020, p. 21 a 41) refere que em 1900, Narciso Ferreira comprou, ao Barão da Trovisqueira, a fábrica de Sant´Anna e terrenos anexos e que os incorporou à Sampaio, Ferreira & C.ª. Foram construídas outras edificações, nomeadamente para abrigar uma turbina, foi feito um investimento em inovações tecnológicas, nomeadamente a central hidroelétrica de Amieiro Galego, em 1909, e alterações nos açudes no rio. A representação do complexo fabril nos jornais do Porto, ao longo dos anos de 1912 a 1915, mostram a evolução de vários elementos da fábrica, o aparecimento ou desaparecimento de edificações, como a construção do armazém de revista e de expedição.

Para J. Alves (2005), a primeira Fábrica SF foi um símbolo do pólo têxtil da região do vale do Ave e "tornou-se ainda o símbolo da realização dos sonhos do pequeno tecelão domiciliário que, órfão de pai, parte para a tecelagem e comércio de tecido por conta própria, ascendendo por sucessivas etapas ao estatuto de grande industrial de nível nacional" (p. 456).

Consequentemente, o desenvolvimento económico e o capital sustentado pela produção das fábricas do Grupo Ferreira proporcionou o crescimento do pólo habitacional e de serviços em Riba

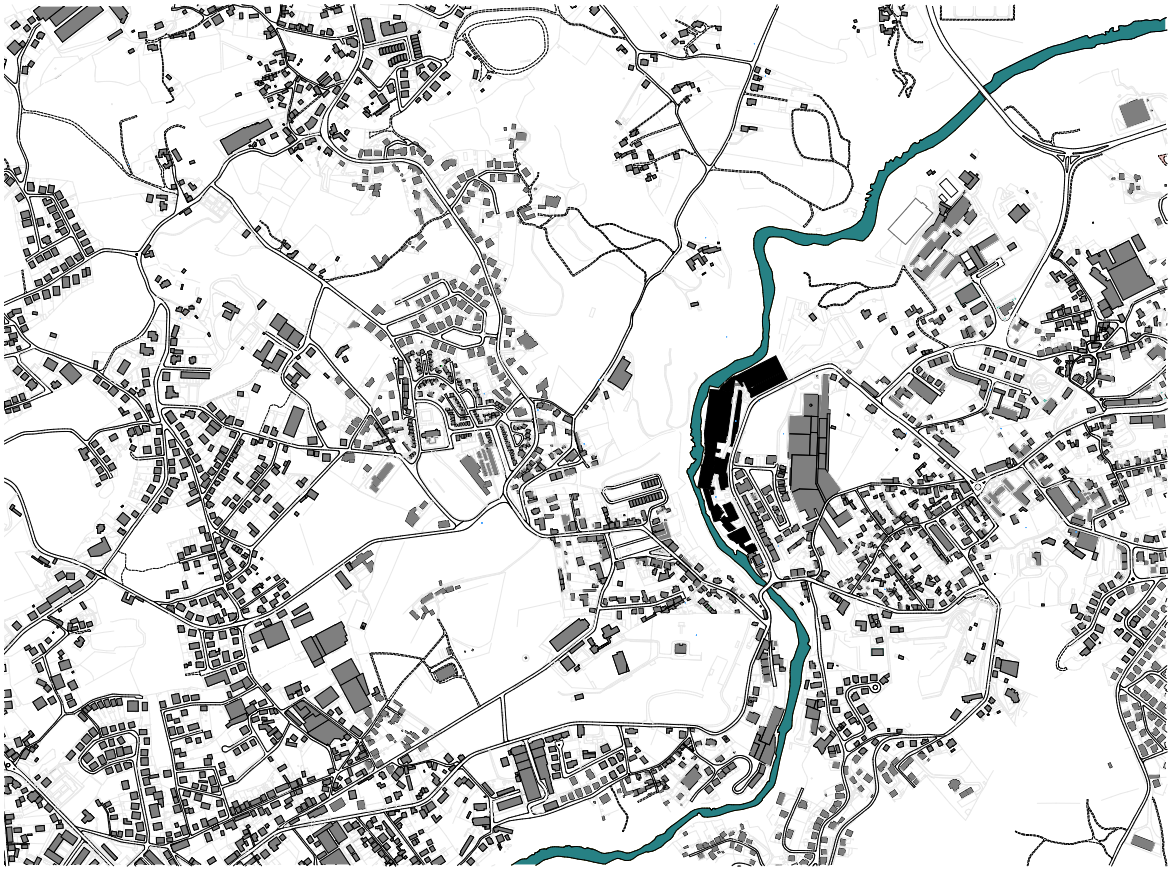


Fig. 9 Enquadramento da Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª no território |1.20000



Fig. 10 Enquadramento da Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª no território |1.10000

de Ave, tornando-a num centro urbano com novos arruamentos e equipamentos, como um bairro operário, o posto de guarda, o hospital, a escola primária, a igreja paroquial, o mercado, o teatro, a estalagem, a junta de freguesia, entre outros (Leitão & Saraiva, 2012, p. 13). Estes equipamentos e infraestruturas próprios dos grandes centros urbanos, e não de uma pequena vila, foram construídos para responder às necessidades dos trabalhadores das várias fábricas existentes, pela família Ferreira, ao longo das gerações (Couto et al., 2010-2011, p. 491).

> Assim, o nascimento e a expansão da Sampaio, Ferreira & C.ª tornaram-se paradigmáticos na região, pois foi a partir deste momento que o microcosmo de Riba d´Ave começou a passar por transformações urbanísticas e sociais cujo impacto não se traduz, necessariamente, em números expressivos, mas nos símbolos dessas mudanças que derivaram daquele momento para aquela localidade. (Pozzer, 2020, p. 32)

O estudo e análise da evolução deste equipamento foi elaborado por Pozzer (2021) ao longo dos anos, realçando as transformações entre os períodos de 1945 a 1957, 1958 a 1969, 1970 a 1995, quando teve início o declínio da Sampaio, Ferreira & C.ª, até ao encerramento das suas atividades produtivas em 2005 e o início do processo de degradação do conjunto edificado. A partir dos anos 60-70 do século XX, a vila não se desenvolveu mais, por um lado o problema da emigração e por outro a decadência da indústria têxtil e o crescimento urbano sem planeamento. Leitão e Saraiva (2012) afirmam que "sem grandes alterações no seu tecido e com as fábricas encerradas, é uma vila com caráter de aldeia urbana "museificada", marcada pelo abandono do passado áureo" (p. 17). Atualmente, a vila de Riba de Ave encontra-se com um núcleo histórico e industrial relevante, mas com os edifícios, nomeadamente os da Fábrica SF, abandonados e decadentes, aguardando por uma revitalização num centro urbano que se deseja requalificado.

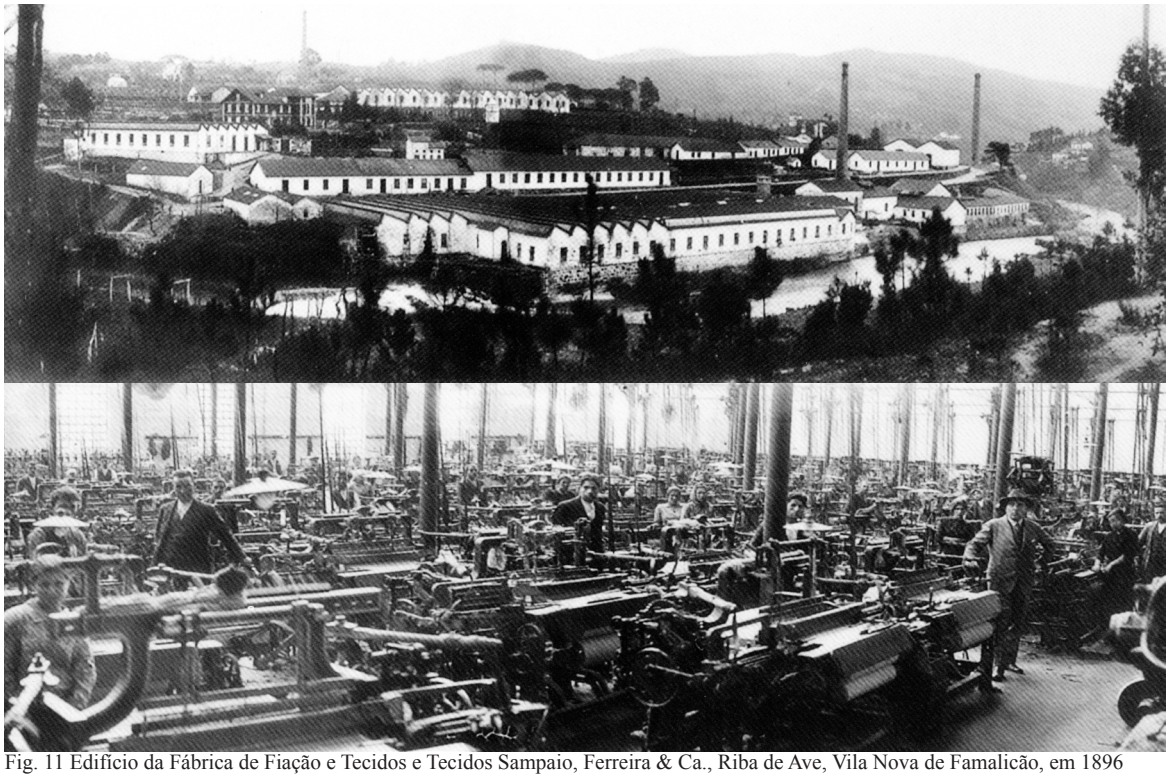


Fig. 11 Edifício da Fábrica de Fiação e Tecidos e Tecidos Sampaio, Ferreira & Ca., Riba de Ave, Vila Nova de Famalicão, em 1896
Fig. 12 Salão de tecelagem da Fábrica de Fiação e Tecidos Sampaio, Ferreira & Ca., Riba de Ave, Vila Nova de Famalicão, em 1896

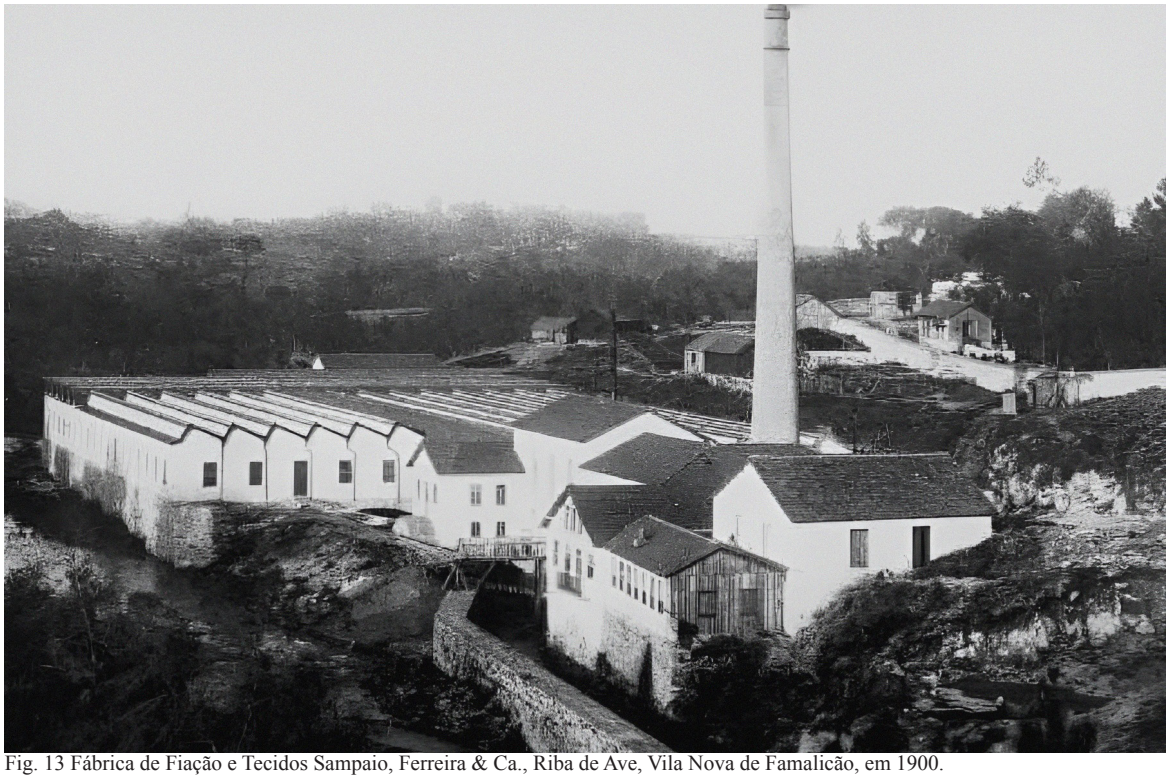


Fig. 13 Fábrica de Fiação e Tecidos Sampaio, Ferreira & Ca., Riba de Ave, Vila Nova de Famalicão, em 1900.

Entretanto, as instalações Fábrica Sampaio & Ferreira & C.ª foram vendidas e adquiridas, na totalidade, por um proprietário, que já requalificou os edifícios a sul do complexo, atribuindo-lhes outras funções na comunidade. A restante instalação industrial tem sido alvo de estudos e projetos, tendo o Município de Vila Nova de Famalicão atribuído o título de "instalação industrial relevante e com interesse patrimonial" na Área de Reabilitação Urbana (Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2016, 2017) e contemplado no Plano Diretor Municipal, premissas de "requalificação das margens do rio, enquadrando os edifícios da antiga fábrica Sampaio Ferreira" (Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2015). Neste registo, por exemplo, os investigadores Couto et al. (2010-2011, p. 492) defenderam a criação de um "Itinerário Cultural de Arquitectura, (made In(dústria)" para relacionar os variados edifícios, o vasto património construído existentes em Riba de Ave e na freguesia anexa Oliveira S. Mateus, para o abordar em duas dimensões, macro e micro, com o objetivo de promover e facilitar um itinerário visitável, dotado de informação sobre este património arquitetónico e histórico.

Hoje a vila de Riba de Ave, ao contrário do que sucedia antes, está agora "parada". Outrora não faltava trabalho, todas as pessoas tinham emprego, sendo muito concorrida. "Quem viu Riba de Ave e quem vê Riba de Ave… está parado, parou no tempo." (Pereira, 2012, p. 237).

1.2. Reflexões e exercícios para a Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª e para Riba de Ave

Surgiu, nos últimos anos, um interesse crescente, por parte das universidades, sobre o complexo fabril Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª, e as margens do rio Ave e a vila em si, com inúmeras reflexões e exercícios sobre o seu processo de reabilitação e revitalização, no âmbito de dissertações de mestrado, teses de doutoramento e trabalhos de projeto, nas áreas da Arquitetura, da Arquitetura Paisagista, da História e outras. Assim, apresentam-se algumas propostas de intervenções para este lugar, como mecanismos de abertura de espaço para a reflexão e para o debate sobre a revitalização urbana, que permitem outras leituras para o mesmo território.

Os trabalhos de investigação na área da História da Indústria Têxtil, nos subtemas Bacia do Ave e sobre esta fábrica em particular, são diversos, destacando-se os autores Jorge Alves (2005), F. Costa e J.M. Lopes Cordeiro (2013, 2015) e M. Leitão e V. Saraiva (2012).

A proposta apresentada por João Pinto de Sousa (2013), na sua dissertação de mestrado em Arquitetura (FAUP), apesar de não apresentar nenhuma intervenção para a Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª, revela um interesse por este lugar de Riba de Ave, desenvolvendo uma visão teórico-prática que aborda a problemática da intervenção e reestruturação de um edifício de gaveto na Avenida Narciso Ferreira e a rua Conde de Riba D'Ave, na porta de entrada na vila de Riba de Ave, no sentido poente. Apresentou uma proposta de reabilitação de um edifício existente e a criação de um novo programa, através do desenho, "como o principal instrumento de análise e pesquisa, e como veículo de verificação de ideias" (Sousa, 2013, p. 9). Considera-se importante a reflexão que fez sobre a relação novo/antigo e a reestruturação do espaço público na vila de Riba de Ave.



Fig. 14 Desenho da Planta de cobertura e alçado poente do edifício de gaveto na Avenida Narciso Ferreira e Conde de Riba D'Ave (Sousa, 2013)

O trabalho de dissertação de mestrado em Arquitetura (FAUP) de Joana Tomaz (2017) dedicou-se à construção de um projecto de requalificação da antiga Fábrica SF, resultante da participação da autora no concurso Desafios Urbanos'16, que tinha como objeto a reabilitação do edifício da fábrica. Refletiu sobre o contexto do lugar, aceitando, como tema central o desenvolvimento, a condição dos edifícios existentes e a sua mutação para as necessidades atuais, realçando o seu valor patrimonial e refletindo acerca da intervenção que deve ser realizada nestes complexos.

O concurso Desafios Urbanos'16 foi promovido pelo portal Espaço de Arquitectura, um portal electrónico sediado fisicamente em Guimarães. Com o patrocínio das entidades Alucobond, CS-Telhas, Love, Margres e Sá Castro e com o apoio institucional da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão o concurso foi lançado em outubro de 2016 e dirigido a arquitetos e a estudantes de Arquitetura e teve um programa obrigatório que propunha incluir na fábrica o atual Museu da Indústria Têxtil (Município de Vila Nova de Famalicão), que está instalado na antiga Fábrica de Fiação e Tecelagem de Lã "A Lanifícia do Outeiro, Lda.", em Vila Nova de Famalicão. O novo museu deveria possuir serviços educativos, um centro de documentação, uma sala de exposição, e uma praça para reintegrar os edifícios da antiga fábrica na malha urbana da vila.

A proposta apresentada pela estudante Joana Tomaz propunha a demolição de alguns edifícios menos representativos e a manutenção dos edifícios do lado norte, para reabilitação; a praça, a sul do terreno, garantia a proximidade com os restantes serviços da Avenida Narciso Ferreira, sendo o museu o equipamento mais beneficiado pela proximidade à nova praça, juntamente com um estacionamento e uma cafetaria. O desenho desta praça foi, ainda, complementado com a introdução

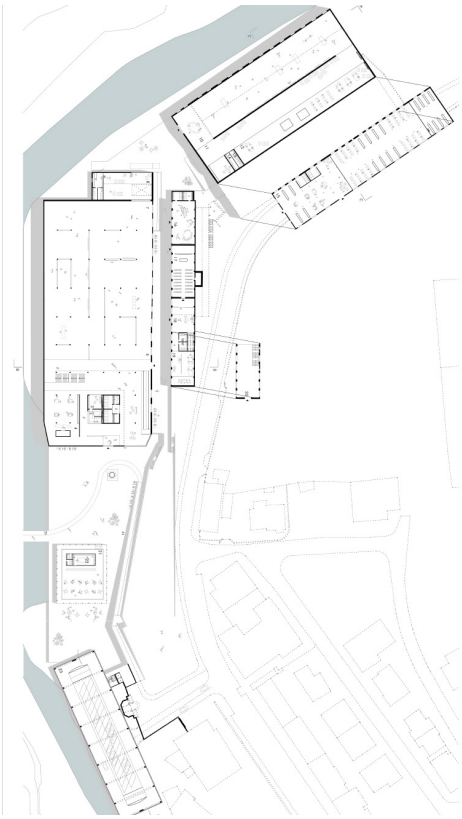


Fig. 15 Planta do Projeto Fábrica Sampaio Ferreira (TomaWz, 2017)

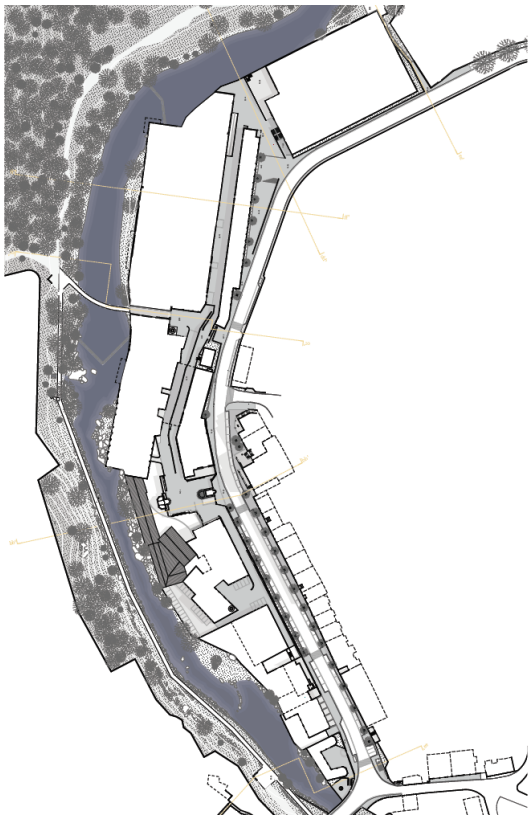


Fig. 16 Proposta para a Avenida Narciso Ferreira e Fábrica Sampaio Ferreira (Monteiro, 2020)

de uma ponte pedonal com ciclovia, que atravessa o rio, permitindo à população uma ligação à freguesia vizinha de São Mateus. O antigo edifício da fiação, o maior e mais central no complexo, foi escolhido para incluir o programa museológico, composto por sala de exposições permanente (3000 m2), sala de exposições temporárias (800 m2), bilheteira, livraria e receção.

Em síntese, este trabalho pretendeu preservar a memória do espaço da fábrica, preservando a identidade da vila, apropriando-se e intervindo na estrutura de modo a se adaptar à contemporaneidade, não descurando as qualidades plásticas formais dos edifícios e equilibrando a preservação e a integração de novas estruturas industriais.

No âmbito da unidade curricular Projeto 5, do curso de Arquitetura da FAUP, no ano letivo 2019-2020, o programa de trabalho foi o da criação de estratégias para várias áreas de reabilitação urbana de freguesias de Vila Nova de Famalicão, onde se incluía Riba de Ave. Os alunos apresentaram vários projetos para o lugar da Fábrica SF.

A dissertação de mestrado de Rafael Monteiro (2020), apresentada à FAUP, faz uma leitura do território difuso do Vale do Ave, centrando-se no rio e suas margens, os elementos agregadores e impulsionadores. Apresenta uma estratégia que assenta na necessidade de "contribuir para uma mudança de paradigma: a persistência de um imaginário colectivo que encontra dificuldade em ultrapassar a percepção do curso de água e suas margens enquanto espaço de descarte, traduzido num estado de resignação às vicissitudes de um passado áureo devotado à indústria que alimentou a intensa expansão urbana e, gradualmente, confinou e ocultou o "resíduo" do seu progresso" (p. 9).

Esta abordagem, teve como objetivos a representação e reconhecimento de materiais, estruturas e fragmentos, encontrados na aproximação aos lugares do rio Ave e pretendeu afastar-se da codificação de regras de uso impostas por instrumentos de planeamento urbano e ordenamento do território, que anulam qualquer referência à sua especificidade, esvaziando-as e homogeneizando-as sob classificações orientadas por critérios generalistas, enquanto "corredores", "verdes residuais" ou "reservas"; alertou para a necessidade de alterar este paradigma e olhar para o rio como elemento agregador de coesão social, reaproximando a comunidade do mesmo e comunicando as margens com a urbanização já existente; por fim, apresentou um projeto para a Fábrica SF como elemento mediador entre o plano estratégico desenvolvido para o espaço do rio, incluindo as dinâmicas da urbanização que procurou potenciar, explorando a possibilidade de constituição de construção de percursos centrados no eixo do Ave.

Na Universidade do Minho, Filipa Alves (2020) apresentou uma investigação, para dissertação de mestrado em Arquitetura, sobre a Fábrica SF, integrada na atual paisagem urbana do Vale do Ave, enquanto espaço abandonado, em ruína e estagnado, devido ao desenvolvimento urbano e às mudanças socioeconómicas. Procurou compreender o impacto que a indústria têxtil teve na paisagem, transformando-a segundo as necessidades e progressos industriais. O estudo sobre a Fábrica SF foi realizado encarando-a como espaço transversal a todo o processo de industrialização e teve como objetivo elaborar propostas de intervenção que envolvessem a ruína e a paisagem. Assim, propõe-se, perante a ausência de um programa que resolva a totalidade da área, uma estratégia através de intervenções pontuais assumindo, em simultâneo, "a existência de um presente contínuo que é a ruína e o próprio abandono. Intervenções estas que, respeitando o passado e o pa-

trimónio, não anulem a condição atual, mas que complementem e valorizem a ruína, o tecido social e a paisagem envolvente. Sem assumir um programa fixo, as intervenções apresentam-se mutáveis e abertas, possibilitando a contínua transformação que acontece no presente da ruína e protegendo, ao mesmo tempo, de ações descontextualizadas e irreversíveis" (Alves, 2020, p. 249-250). A síntese de todas as ações (com intervenções em todo o complexo) são: a Casa da Memória (exposições); módulo de cafetaria, mercearia e loja; sala de convívio, oficina, salas de trabalho e formação; estufa com espaços cultiváveis; espaço para reativar o património energético e percursos entre os edifícios. São ações do agir e do não agir, resultando numa estratégia única e possibilitando à Fábrica SF a reativação de um motor que permite a evolução e o desenvolvimento de uma paisagem produtiva.

Ana Luísa Martins (2016) apresentou uma dissertação de mestrado em Arquitetura Paisagista, à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, cujo objeto de trabalho foram as frentes ribeirinhas do rio Ave e sua recuperação para criação de espaços verdes de qualidade, nomeadamente de parque ribeirinhos. Para o caso de estudo, frente ribeirinha de Riba de Ave, Oliveira São Mateus e Oliveira Santa Maria (Vale do Ave), faz uma análise ao nível da paisagem, das componentes biofísicas, económicas e dos instrumentos de ordenamento do território. Apresentou uma síntese, com a identificação das oportunidades e dos constrangimentos de cada local que deu origem a um projeto ao nível do estudo prévio para as ditas frentes ribeirinhas.

Por fim, relativamente à atuação do Município de V. Nova de Famalicão sobre a problemática da reabilitação urbana para esta zona, o Plano Diretor Municipal (Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2015; Diário da República, 8 setembro de 2015) faz uma a referência à zona de Riba de Ave - "UP4. Vale do Ave (Nascente) Riba de Ave - abrange parte da bacia hidrográfica do rio Ave, sendo a principal aglomeração a vila de Riba d'Ave, cujo desenvolvimento industrial levou ao estabelecimento de importantes funções urbanas complementares, designadamente no setor

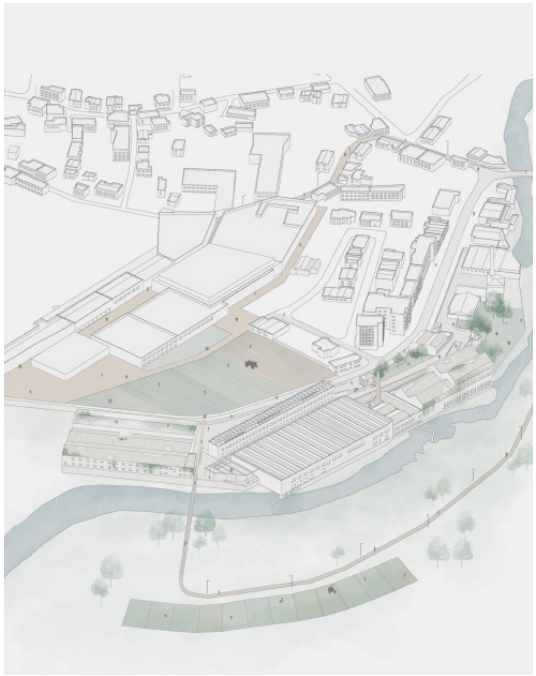


Fig. 17 Secção da imagem síntese das propostas II (Alves, 2020)

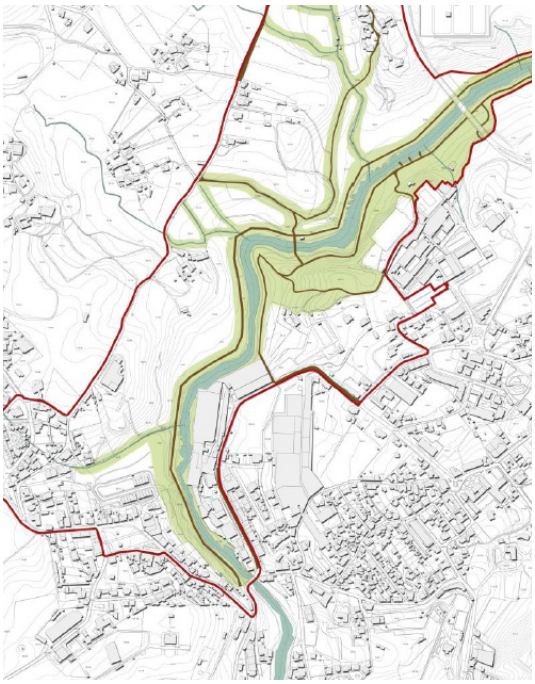


Fig. 18 Diagrama da área de intervenção (Martins, 2016)

dos serviços." (p. 26031). Nas Unidades Operativas de Planeamento e Gestão, é declarado que os objetivos programáticos são para a "UOPG 4.1 - Zona Ribeirinha de Riba d'Ave: a) requalificação das margens do rio, enquadrando os edifícios da antiga fábrica Sampaio Ferreira e integrando-os no sistema ambiental; b) Prolongamento do espaço natural até às quintas urbanas de ambos os lados do rio, na zona norte da UOPG; c) Relações visuais e pedonais a estabelecer com o aglomerado na margem direita do rio. d) As cedências deverão localizar-se junto ao Rio Ave e em locais que facilitem e promovam o acesso à margem do rio." (p. 26085-26086). A forma de execução deverá ser realizada através de operações urbanísticas enquadradas por uma ou mais Unidades de Execução ou Plano de Pormenor.

No documento *[Re]delimitação da área de reabilitação urbana do centro de Riba d'Ave e do centro de Oliveira S. Mateus: Memória Descritiva e Justificativa* (Magalhães et al., 2017) o município apresentou as áreas de intervenção consideradas prioritárias na rede urbana concelhia. Sobre a área de reabilitação urbana do centro de Riba de Ave e do centro de Oliveira São Mateus (Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2016, 2017; Diário da República, 7 de agosto de 2017) foi diagnosticado, entre muitos outros parâmetros, uma área com abandono e ruína de edifícios industriais de grande e média escala com necessidade de reabilitação e requalificação física, falta de articulação entre zonas centrais e zonas residenciais, presença de vazios urbanos, falta de espaços urbanos abertos. Seguidamente, o município apresentou linhas de intervenção de política urbana municipal, nomeadamente no âmbito da política de planeamento espacial e composição urbana, destacando-se o "concertar soluções de reabilitação e valorização da paisagem urbana ao nível industrial", "alcançar soluções de urbanidade, ou seja, do modo como espaços deste território acolhem as pessoas", "promover ações que conduzam a soluções de sustentabilidade ambiental". No âmbito da política de mobilidade urbana, o "dotar o espaço público de maior urbanidade reforçando uma rede pedonal inclusiva" (Magalhães et al., 2017, p. 35-36). A autarquia reforça a necessidade de garantir e fomentar a reabilitação e revitalização urbana, promovendo programas sistemáticos, reforçando o interesse na promoção e recuperação de áreas e edifícios de elevado valor e referência, como o complexo fabril Sampaio, Ferreira & C.ª, apoiando e incentivando os privados.

Este lugar da Fábrica é uma grande oportunidade de reconversão urbanística, onde os investimentos do Estado, do Município e das entidades privadas têm que convergir, criando-se formas de ação legais que permitam criar as infraestruturas, os edifícios e outros (Portas, 1985, p. 31).



Capítulo 2 Um Lugar revitalizado



Fig. 20 Planta de implantação com a localização dos edifícios estudados | 1.1000

Capítulo 2 Um Lugar revitalizado

2.1 Diagnóstico

Situado na Estrada Nacional 310, atual Avenida Narciso Ferreira, Largo da Fábrica, na vila de Riba de Ave, concelho de Vila Nova de Famalicão, o conjunto de edifícios que compõem o complexo da Fábrica SF dispõem-se ao longo do rio Ave, numa encosta do vale com acentuado desnível. Em outubro de 2020, foi feita a primeira visita ao lugar de intervenção, antecedida pela consulta dos documentos fornecidos pelo Departamento de Ordenamento e Gestão Urbanística do Município de Vila Nova de Famalicão.

Nesta primeira visita, percorreu-se a totalidade dos edifícios que compõem o complexo fabril, incluindo os que pertenciam à fábrica e que foram vendidos, tendo atualmente outras funcionalidades, como uma garagem e edifícios para comércio e serviços (supermercado e ginásio). Fez-se uma tentativa de visita à margem ribeirinha da fábrica que não foi possível realizar, devido ao facto de os únicos acessos serem pelo interior dos edifícios que se encontram degradados e impedem uma passagem em segurança. A margem oposta foi acedida a partir da ponte Santa Ana, através de terrenos privados, composta por vegetação, árvores e por uma conduta da rede coletora de águas residuais ou pluviais. Este percurso foi dificultado pela desordem da vegetação, mas facilitado pela possibilidade em caminhar pela parte superior da conduta, que acompanha quase todo o percurso até ao termo da antiga Fábrica, na margem oposta. Não existe nenhum caminho pedestre ribeirinho que permita a observação da fachada traseira da antiga fábrica e, consequentemente, a possibilidade de registos fotográficos desse enquadramento.

Nas visitas seguintes, fez-se um exame em pormenor sobre todos os edifícios do complexo da antiga fábrica, para melhor compreender a sua disposição no espaço. De seguida, caracterizou-se o estado atual de degradação através de consulta de plantas disponibilizadas pelo município e por observação direta, tendo sido realizado registos fotográficos. O complexo fabril ocupa cerca de 35.000 m2 de superfície, com edifícios muito diferentes entre si e construídos ao longo dos anos. Os materiais de construção mais utilizados são «Paredes e platibanda – pedra, tijolo e betão. Estrutura – pedra, betão, pilares e asnas de ferro, asnas de madeira; cobertura – telha cerâmica, chapa metálica e placas de fibrocimento; vãos – caixilharia ferro, madeira e vidro» (Leitão & Saraiva, 2012, anexo p.1).

Apresenta-se, seguidamente, os vários edifícios da antiga fábrica, localizados na planta denominados com os títulos das funções que desempenhavam à época da laboração têxtil, com uma nova numeração atribuída pela autora. São especificados os seguintes elementos: as áreas, os número de pisos, o tipo de estrutura, o estado das paredes, da cobertura e da caixilharia.

Por último, são visualizados os edifícios que foram vendidos e que, atualmente, têm outras funções, já mencionados em cima, assim como, as imagens das margens ribeirinhas do rio junto da antiga fábrica.

Concluindo o diagnóstico, constata-se que existem edifícios que estão em melhor condições, mas exigem uma intervenção no sentido de os recuperar e revalorizar com um novo programa,

dando-lhes novas funcionalidades. Alguns estão com estruturas danificadas que, obrigatoriamente, terão de ser demolidos tem termos morfológicos não são interessantes manter. No projeto proposto apresenta-se uma nova estratégia global para o complexo fabril e margens.

Como se observa nos edifícios, nas fotografias das páginas seguintes, constata-se que este *lugar está esquecido* no tempo, não só pelas entidades privadas, mas públicas. É necessário intervir e apresentar políticas, planos e projetos num futuro muito próximo.

Todas as fotografias foram captadas pela autora em outubro de 2020 e em maio de 2021, as plantas foram disponibilizadas pelo município de Vila Nova de Famalicão.

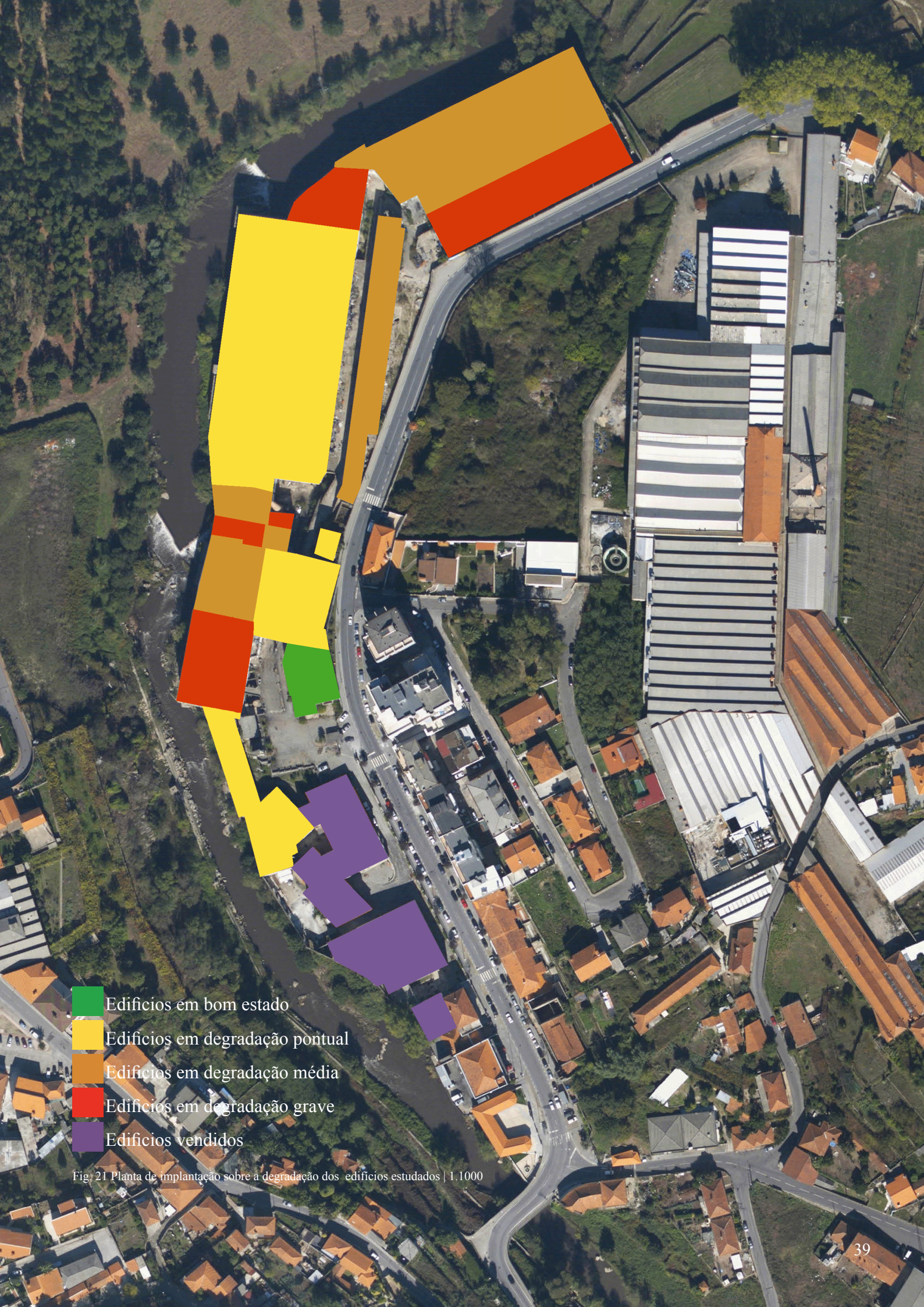


Fig. 21 Planta de implantação sobre a degradação dos edificios estudados | 1.1000



Fig. 22 Interior da Fábrica

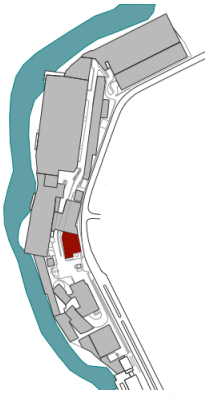


Fig. 23 Localização do edificio 1 na Fábrica

Edifício 1
Antiga função: Escritório.
Área: 638 m2.
Estrutura: Estável.
Paredes: Degradação do revestimento. Existência de vegetação parasita.
Cobertura: Telha cerâmica original.
Caixilharia: Foi removida a caixilharia.



Fig. 24 Entrada da Fábrica



Fig. 25 Entrada da Fábrica

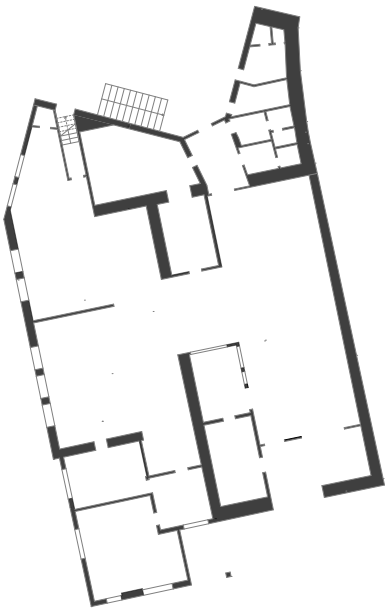


Fig. 26 Planta do Edifício 1 | 1.500



Fig. 27 Entrada da Fábrica

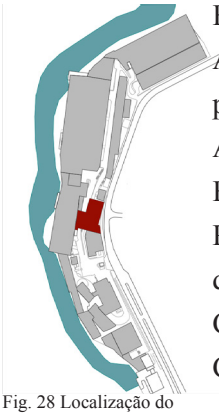


Fig. 28 Localização do edificio 2 na Fábrica

Edifício 2

Área: Total 1746 m2. Piso 1 (300 m2 +520 m2), piso 2 (926 m2).

Antiga função: Armazém de expedição.

Estrutura: Estável. Asnas de ferro originais.

Paredes: Degradação do revestimento. Existência de vegetação parasita e de bolor.

Cobertura: Chapa metálica original.

Caixilharia: Alguma da caixilharia foi removida.

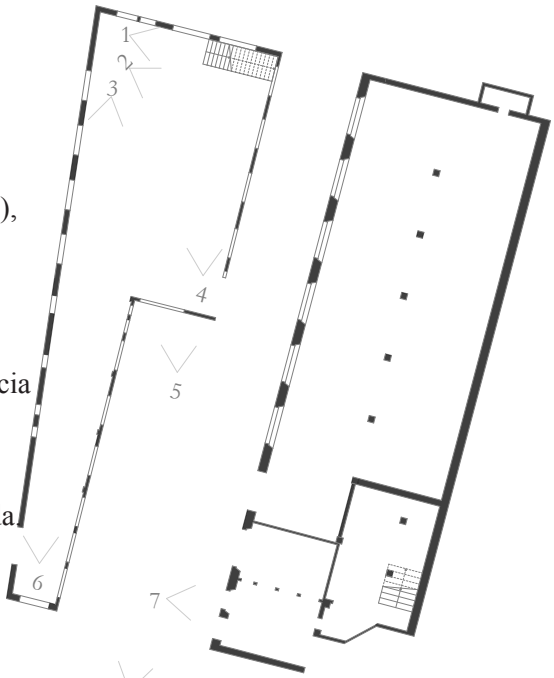


Fig. 32 Planta do Edifício 2. Piso 1 |1.500



Fig. 29 Edificio 2. Interior.



Fig. 30 Edificio 2. Exterior



Fig. 31 Edificio 2. Interior.



Fig. 33 Edificio 2. Exterior



Fig. 34 Exterior da Fábrica

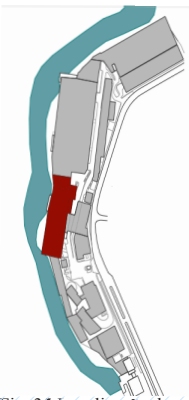


Fig. 35 Localização do edifício 3 na Fábrica

Edifício 3

Área: Total 7263 m2. Piso 1 (2979 m2), piso 2 (3078 m2), piso 3 (1206 m2).

Antiga função: Tinturaria, estamparia, engomeira, caldeira, armazém de fazenda e gravura. Estrutura: Instável. Algumas vigas com deformação e a cair do tecto. Fissuração em alguns pilares. Asnas de madeira parcialmente destruídas.

Paredes: Degradação do revestimento. Existência de vegetação parasita e de bolor.

Cobertura: Muito destruída de telha cerâmica e placas de fibrocimento.

Caixilharia: Muito destruída.

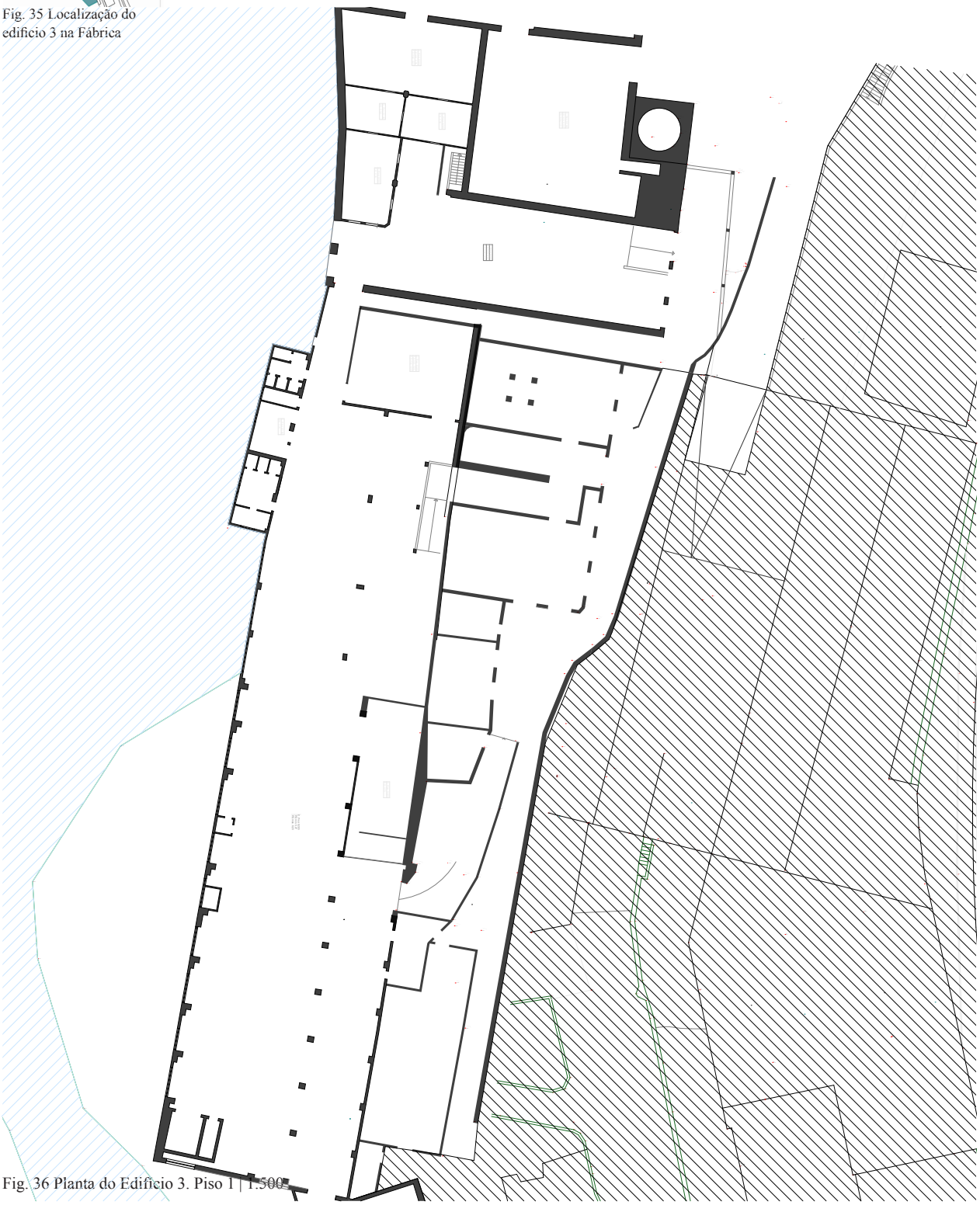


Fig. 36 Planta do Edifício 3. Piso 1 | 1:500



Fig. 37 Edificio 3. Exterior afastado



Fig. 38 Edificio 3. Vista a partir do rio.



Fig. 39 Edificio 3. Alçado a partir do rio.



Fig. 40 Edificio 3. Rampas de acesso



Fig. 41 Edificio 3. Vista a partir do rio.



Fig. 42 Edificio 3. Interior Piso 1



Fig. 43 Edificio 3. Vista da cobertura



Fig. 44 Edificio 3. Interior Piso 3



Fig. 45 Edificio 3. Interior Piso 2



Fig. 46 Edificio 3. Interior Piso 2



Fig. 47 Edificio 3. Exterior Piso 1



Fig. 48 Edificio 3. Interior Piso 3



Fig. 49 Edificio 3. Interior Piso 2



Fig. 50 Edificio 3. Vista geral da Fábrica

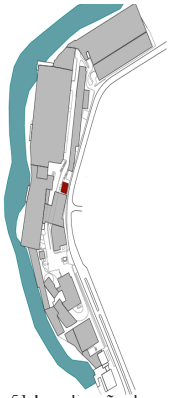


Fig. 51 Localização do edifício 4 na Fábrica

Edifício 4
Área: 94 m2.
Antiga Função: Creche.
Estrutura: Estável.
Paredes: Degradação do revestimento.
Existência de vegetação parasita.
Cobertura: Telha cerâmica original.
Caixilharia: Envelhecimento do material.

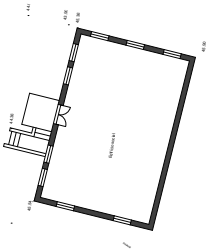


Fig. 54 Planta do Edifício 4 |1.500



Fig. 52 Edifício 4. Vista Lateral



Fig. 53 Edifício 4. Vista afastada



Fig. 55 Edifício 4

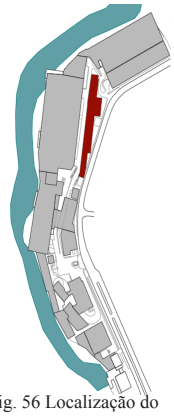


Fig. 56 Localização do edifício 5 na Fábrica

Edifício 5

Área: Total 2939 m2. Piso 1 (1395 m2), piso 2 (1544 m2).

Antiga Função: Acabamento e revista.

Estrutura: Vigas estáveis no piso inferior. Vigas inexistentes no piso superior. Paredes: Degradação do revestimento. Algumas fissuras.

Cobertura: Não existe.

Caixilharia: Alguma caixilharia foi destruída.



Fig. 57 Edifício 5. Interior Piso 1



Fig. 58 Edifício 5. Vista exterior



Fig. 59 Edifício 5. Exterio Piso 2

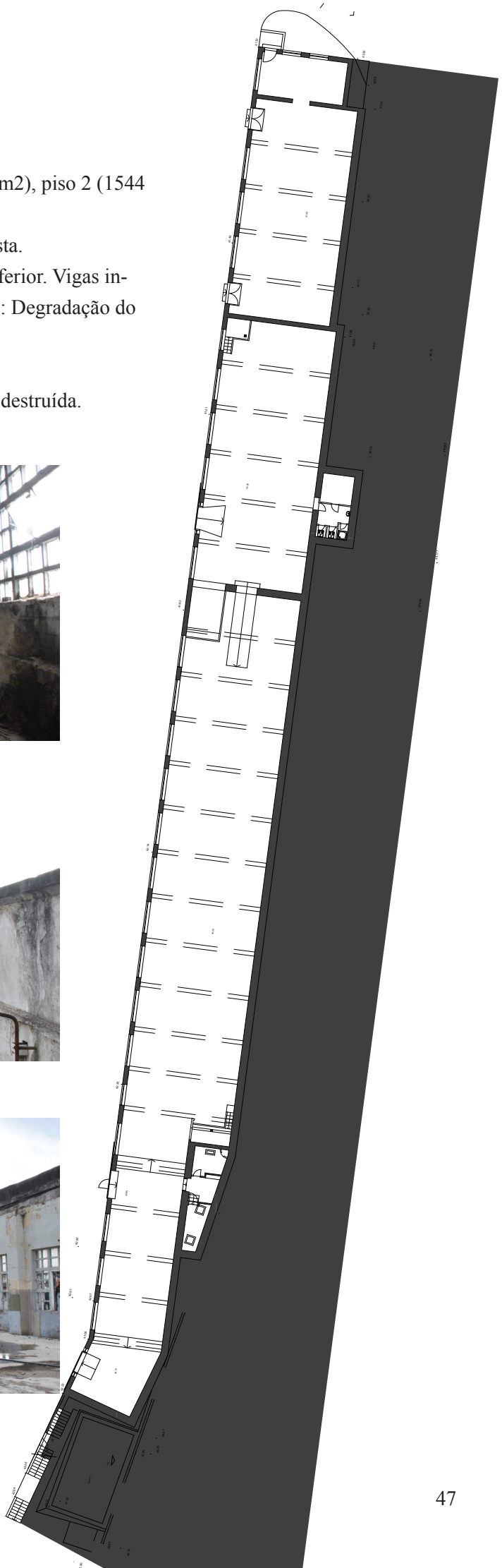


Fig. 60 Planta do Edifício 5. Piso 1 |1.500

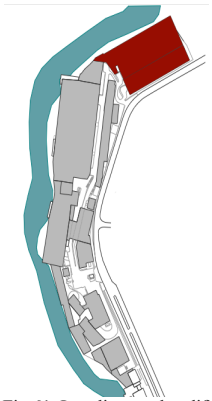


Fig.61 Localização do edificio 6 na Fábrica

Edifício 6

Área: Total 7801 m2. Piso 1 (2127 m2), piso 2 (3888 m2), piso 3 (1786 m2).

Antiga função: Tecelagem

Estrutura: Piso 2 - Asnas de Ferro estáveis apesar da degradação do material. Piso 3- Possivelmente teria asnas de madeira, actualmente não existem.

Paredes: Degradação do revestimento. Existência de bolor.

Cobertura: Piso 2 - Chapa metálica degradada, nalguns locais destruída. Piso 3 - Cobertura inexistente.

Caixilharia: Alguma caixilharia foi removida e destruída.

Fig. 62 Planta do Edifício 6. Piso 1 |1.500



Fig. 63 Edifício 6. Interior Piso 2



Fig. 64 Edifício 6. Interior Piso 1



Fig. 65 Edifício 6. Interior Piso 1



Fig. 66 Edifício 6. Interior Piso 2



Fig. 67 Edifício 6. Vista para a Fábrica



Fig. 68 Edifício 6. Entrada para o Interior Piso 2



Fig. 69 Edificio 6. Interior Piso 2



Fig. 70 Edificio 6. Exterior Piso 3



Fig. 71 Edificio 6. Exterior Piso 3



Fig. 72 Edificio 6. Alçado



Fig. 73 Edificio 6. Interior Piso 2



Fig. 74 Edificio 6. Exterior Piso 3



Fig. 75 Edificio 6. Exterior Piso 3



Fig. 76 Localização do edifício 7 na Fábrica

Edifício 7
Área: 600 m2.
Antiga função: Fiação, abertura e limpeza.
Estrutura: Asnas de Ferro destruídas, instabilidade estrutural.
Paredes: Degradação do revestimento.
Existência de vegetação parasita.
Cobertura: Cobertura muito danificada, acumulação de detritos. Caixilharia: Alguma caixilharia foi removida e destruída.

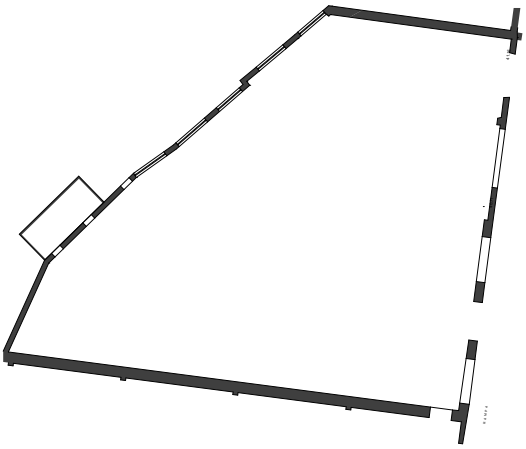


Fig. 80 Planta do Edifício 7 |1.500



Fig. 77 Edifício 7. Entrada



Fig.78 Edifício 7. Interior



Fig. 79 Edifício 7. Alçado do rio



Fig. 81 Edifício 7. Vista para a entrada.



Fig. 82 Edifício 7. Fachada

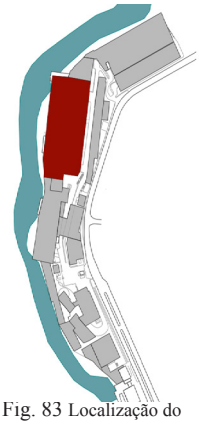


Fig. 83 Localização do edifício 8 na Fábrica

Edifício 8

Área: Total 12994 m2. Piso 1 (6695 m2), piso 2 (6299 m2).

Antiga função: Fiação, torcedores e batedores.

Estrutura: Estável. Asnas de betão originais.

Paredes: Degradação do revestimento. Existência de vegetação parasita e de bolor. Cobertura: Placas de Fibrocimento, nalguns sítios destruídas.

Caixilharia: Alguma caixilharia foi destruída.



Fig. 84 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 85 Edifício 8. Interior Piso 1



Fig. 86 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 87 Edifício 8. Exterior Piso 1. Acessos



Fig. 88 Edifício 8. Interior Piso 1



Fig. 89 Edifício 8. Interior Piso 2

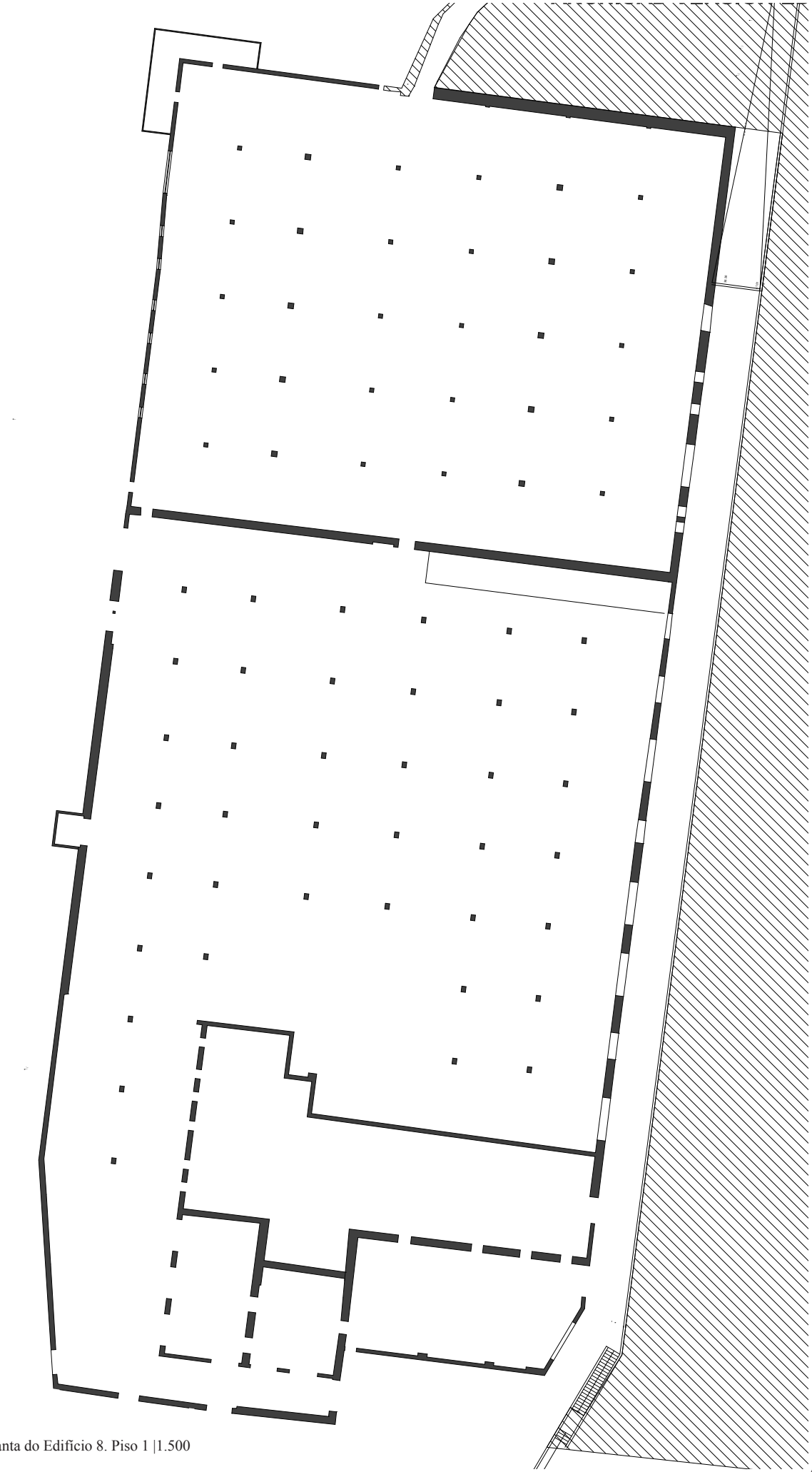


Fig. 90 Planta do Edifício 8. Piso 1 |1.500



Fig. 91 Edificio 8. Exterior



Fig. 92 Edificio 8. Interior Piso 2



Fig. 93 Edificio 8. Exterior



Fig. 94 Edificio 8. Exterior



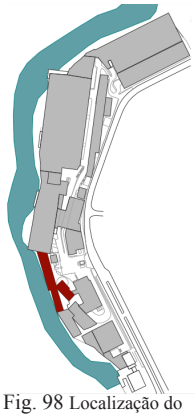
Fig. 95 Edificio 8. Fachada para o lado da fábrica.



Fig. 96 Edificio 8. Interior Piso 2



Fig. 97 Edificio 8. Exterior



Edifício 9
Área:1130 m2.
Antiga função: Tinturaria, estamparia, engomeira, armazém de ramas. Estrutura: Estável.
Paredes: Degradação do revestimento.
Cobertura: Chapa metálica, nalguns sítios destruída.
Caixilharia: Envelhecimento do material.

Fig. 98 Localização do edificio 9 na Fábrica



Fig. 99 Edifício 9. Alçado a partir do rio.



Fig. 100 Edifício 9. Vista a partir de cima



Fig. 101 Edifício 9. Vista a partir de cima

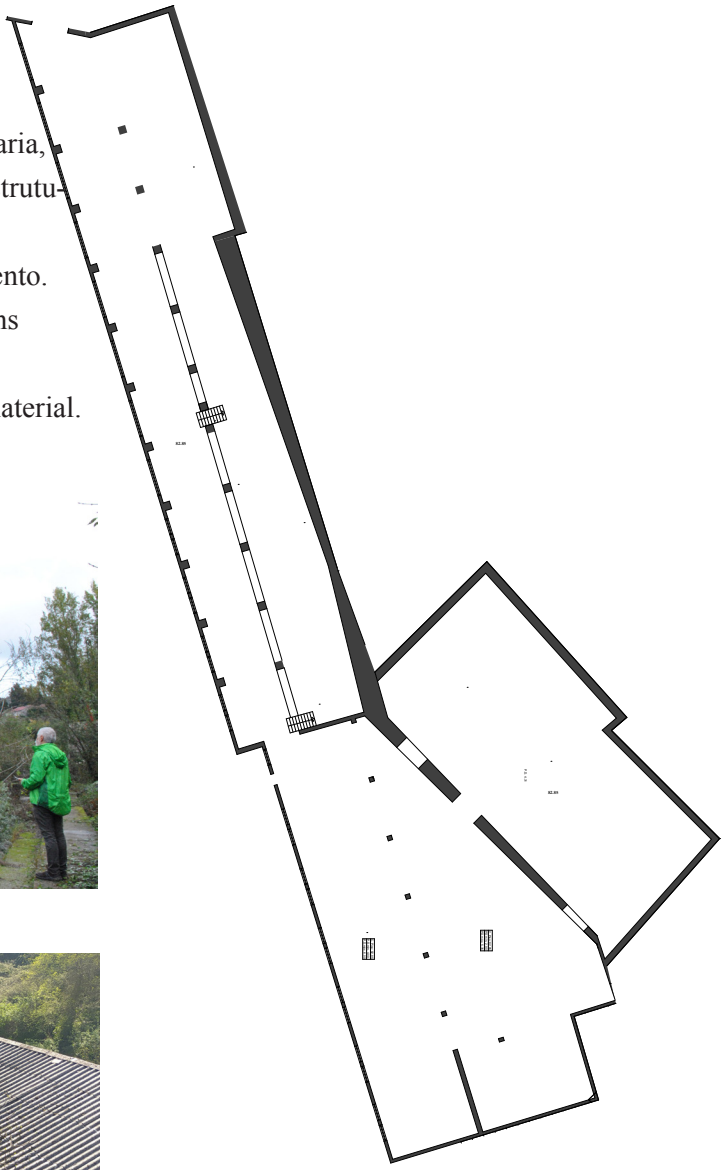


Fig. 102 Planta do Edifício 9 |1.500



Fig. 103 Edifício 9. Vista a partir de cima

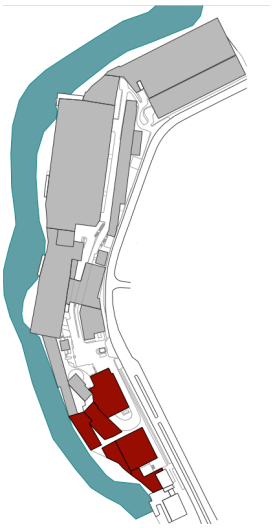


Fig. 104 Localização dos edificios que foram vendidos na Fábrica



Fig. 105 Edificios que foram vendidos



Fig. 106 Edificios que foram vendidos. Pingo Doce

Edificios vendidos com outras funções.
Margens Ribeirinhas do Ave



Fig. 107 Edificios que foram vendidos



Fig. 108 Edifícios que foram vendidos



Fig. 109 Edificios que foram vendidos. Ginásio



Fig. 110 Edificios que foram vendidos. Ginásio



Fig. 111 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 112 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 113 Vista de cima da Fábrica.



Fig. 114 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 115 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 116 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 117 Vista da Fábrica a partir do rio.

2.2 Projecto

Plano estratégico global

> Con la exigencia técnica, presupuestaria, infraestructural y arquitectónica del proyecto constructivo. Con la superposición de funciones y la mezcla de usos, privados y públicos, y la caducidad de un programa ejecutivo. El nuevo proyecto de la modernidad quiere dejar atrás tanto el esquematismo del diseño estructural como las reducciones del contextualismo, para confiar en cambio a la riqueza de las materias la capacidad de construir la urbanidad contemporánea. (Solá-Morales, 2008, p. 153)

O plano estratégico global que se propõe foca-se no núcleo industrial Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª e margens ribeirinhas. Pretende-se apresentar uma proposta de reabilitação dos edifícios que compõem este núcleo de grande valor patrimonial, assim como os espaços verdes públicos adjacentes, nas margens ribeirinhas. Entende-se por reabilitação de edifícios, o seguinte:

> a forma de intervenção destinada a conferir adequadas características de desempenho e de segurança funcional, estrutural e construtiva a um ou a vários edifícios, às construções funcionalmente adjacentes incorporadas no seu logradouro, bem como às frações eventualmente integradas nesse edifício, ou a conceder-lhes novas aptidões funcionais, determinadas em função das opções de reabilitação urbana prosseguidas, com vista a permitir novos usos ou o mesmo uso com padrões de desempenho mais elevados, podendo compreender uma ou mais operações urbanísticas. (Lei nº 32, 2012, p. 4462)

A reflexão sobre que programa a implementar para esta Fábrica foi uma questão fundamental e permanente deste trabalho. O concurso Desafios Urbanos'16 promovido pelo portal Espaço de Arquitectura, com o apoio institucional da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, lançado

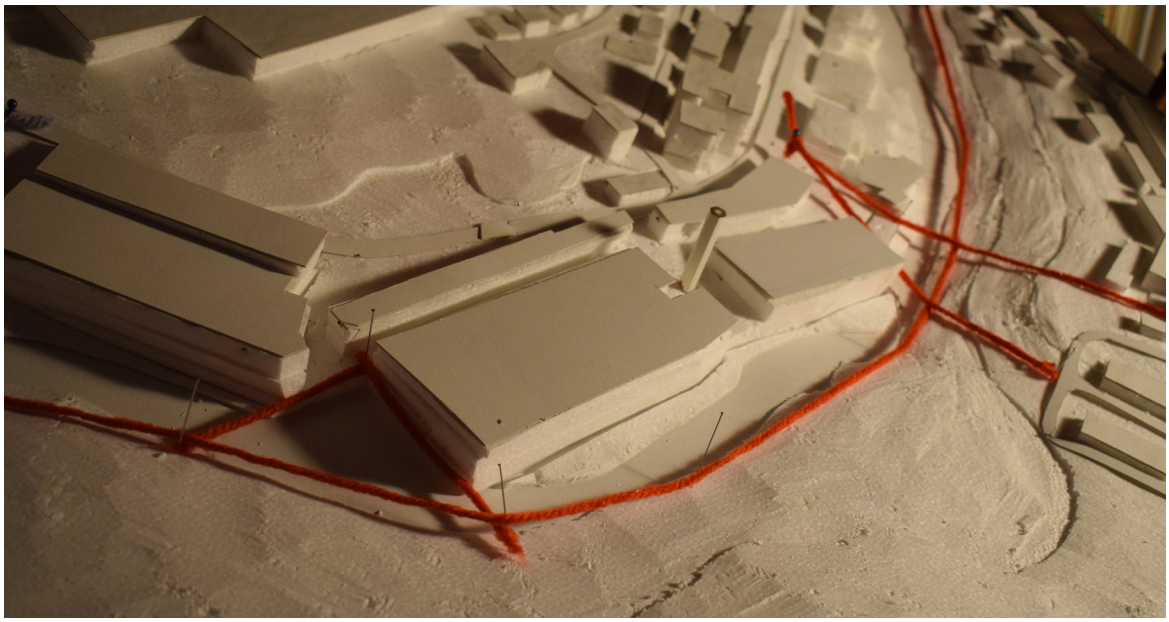


Fig. 118 Maqueta do Projeto

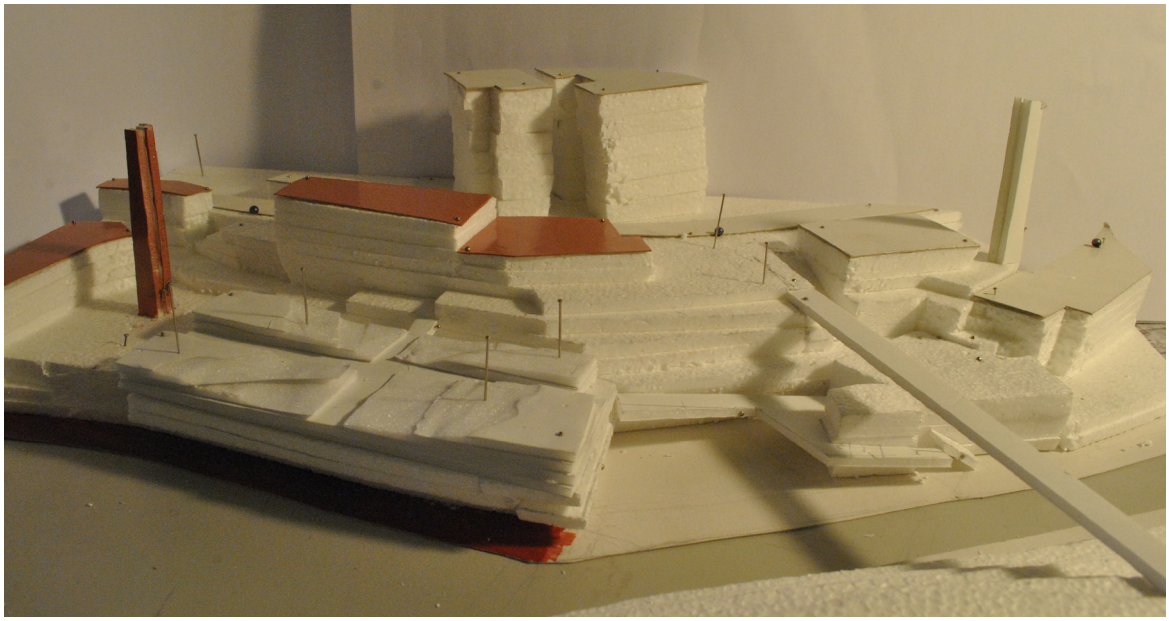


Fig. 119 Maqueta do Projeto

em outubro de 2016 e dirigido a arquitetos e a estudantes de Arquitetura, propunha um programa cujo foco era a instalação do atual Museu de Indústria Têxtil num novo complexo, situado na Fábrica SF, e requalificação do espaço envolvente. Este complexo é privado e obedeceu ao programa do seu proprietário, não permitindo a introdução de atos criativos.

Reconhece-se que este espaço industrial tem mais potencialidades e daí surgiu esta proposta de programa, mais enriquecido com a reconstrução de edifícios para outras funções, a construção de novas valências, novos percursos de mobilidade, novos diálogos entre margens, a aproximação ao rio, à comunidade e a requalificação de espaços públicos.

Portas (1998), no catálogo de exposições "Cidades e Frentes de Água", relata alguns casos de projetos de reconversão urbana em frentes de água, dos quais se realçam dois, por corresponderam a situações exemplares e muito similares ao caso em estudo.

O primeiro caso foi a reconversão da fábrica da Citroén, junto do rio Sena, em Paris, no Parque André Citroén, pelos autores Patrick Berger/Jean-Paul Viguier e Gilles Clément/Alain Provost, que procuraram dar identidade a um espaço público construído sobre uma área residual da cidade, que ocupa uma área equivalente a um grande quarteirão e recupera a tradição dos parques franceses, reabilitando a marginal pedonal junto ao rio, construção de um viaduto para permitir a ligação entre este e o parque, uma área central aberta sobre o rio, pequenos jardins temáticos e estufas. O Parque André Citroén constitui uma estrutura com sentido de autonomia, simbolismo e visibilidade territorial (Portas, 1988, p. 67).

O segundo caso foi a recuperação e reabilitação da antiga fábrica de chocolates Menier, para a Sede Social da Nestlé, situada em Noisiel, França. O edifício da antiga fábrica tinha 63.350 m2, junto ao Rio Marne. O novo programa incluiu, neste edifício, galerias cobertas, existentes e propostas, um estacionamento com três parques exteriores e um parque subterrâneo, uma nova ponte e passarela de ligação à ilha no rio. Os velhos edifícios industriais, prolongados por outros com

escritórios, contêm uma diversidade de atividades. Houve preocupações na recuperação das estruturas espaciais com valor patrimonial serem adaptadas a novas funções, não hesitando em proceder a alterações e/ou construções de raiz de forma a dar resposta ao programa e a garantir a coerência global do projecto (Portas, 1988, p. 82).

> Pretende-se, como Solá-Morales (2008) afirma, que:
> La urbanidad material es también función del "valor de uso", viejo concepto marxista tornado aqui en su acepción más directa. El uso de los lugares lo que les confiere significación colectiva y, por tanto, no sôlo el emplazamiento, sino la utilización real (frecuencia, diversidad, recorrido, contribución, caste, publicidad) de los usuarios es parte importante del carácter, las referencias, el significado y la carga semântica que, coma antedicho, son notas de la urbanidad material. (p. 149)

A utilização deste lugar esquecido pela comunidade, confere-lhe um novo significado, com a requalificação dos edifícios e novos percursos que irão permitir a função do *valor de uso*.

Assim, enuncia-se este plano, repartido em três fases, que pode desenvolver-se em diferentes fases, e que irá atuar sobre todas as zonas integradas no complexo fabril.

Resumidamente, na fase 1, as intervenções visam delinear a entrada principal, que será a Praça de Entrada para o atual complexo, mais uma ponte pedonal sobre o rio, que será uma ligação da Avenida Narciso Ferreira (freguesia de Riba de Ave) para a Rua de São José (freguesia de Oliveira S. Mateus), na margem oposta, cujo ponto de ligação será noutra fábrica abandonada, ao lado da Capela de S. Mateus. Esta intervenção vai beneficiar a visualização sobre o palco do auditório ao ar livre a construir na margem esquerda. Ainda, nesta fase, procede-se à demolição de alguns edifícios da fábrica, para melhorar o diálogo com o rio, constrói-se um edifício para a função de estacionamento automóvel; e requalifica-se outro para um museu. Junto do edifício do estacionamento será desenhada uma nova praça, que integrará a chaminé existente.



Fig. 120 Esquema síntese da fase 1

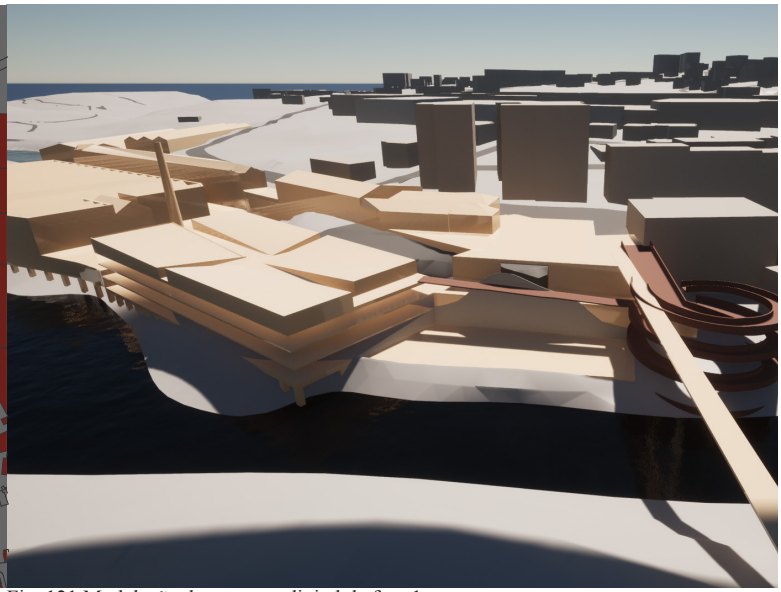


Fig. 121 Modelação da maqueta digital da fase 1

Na fase 2, será intervencionado, mais a norte, o antigo edifício da tecelagem, para a construção de vários edifícios de habitação, e organizam-se dois acessos, um para mobilidade automóvel, a partir da Avenida Narciso Ferreira para este edifício e, um outro, de acesso pedonal.

Na fase 3, o foco é o da criação do novo eixo visual, a partir da Avenida Narciso Ferreira, para a margem oposta à Fábrica SF; propõe-se a demolição do antigo edifício da creche para criar uma abertura, uma nova entrada; requalifica-se dois edifícios, para um Centro de Congressos, com acesso a partir da Praça da Chaminé, e outro para duas escolas e vários ateliês para artistas; constrói-se uma nova ponte pedonal que liga as duas margens do rio, e desenha-se também, um percurso à cota do rio, na margem esquerda que acompanha todo o novo complexo. Na margem direita, requalificam-se os espaços verdes, criando-se um percurso que acompanha o circuito natural do rio, com uma zona balnear.

Pretende-se uma intervenção sobre todo este tecido industrial e espaço público, de uma forma inovadora e sustentável, gerando uma nova ocupação dos espaços pelo redesenho sobre as edificações ou vazios existentes, como Solá-Morales (2008) propõe “Los parques, como las plazas, fueron apareciendo donde pudieron, ahí donde la intervención municipal era fácil por la existencia de una afectación urbanística anterior (La Mercé, El Raval) o de vacios industriales obsoletos (Espanya Industrial, Pegaso), por la transferencia de áreas ya públicas sin usar (Moll de la Fusta, Escorxadors, plaza de Sants), o simplemente fruto del rediserio de plazas públicas anteriores (plaza Reial, plazas del barrio de Grácia)” (p. 186).

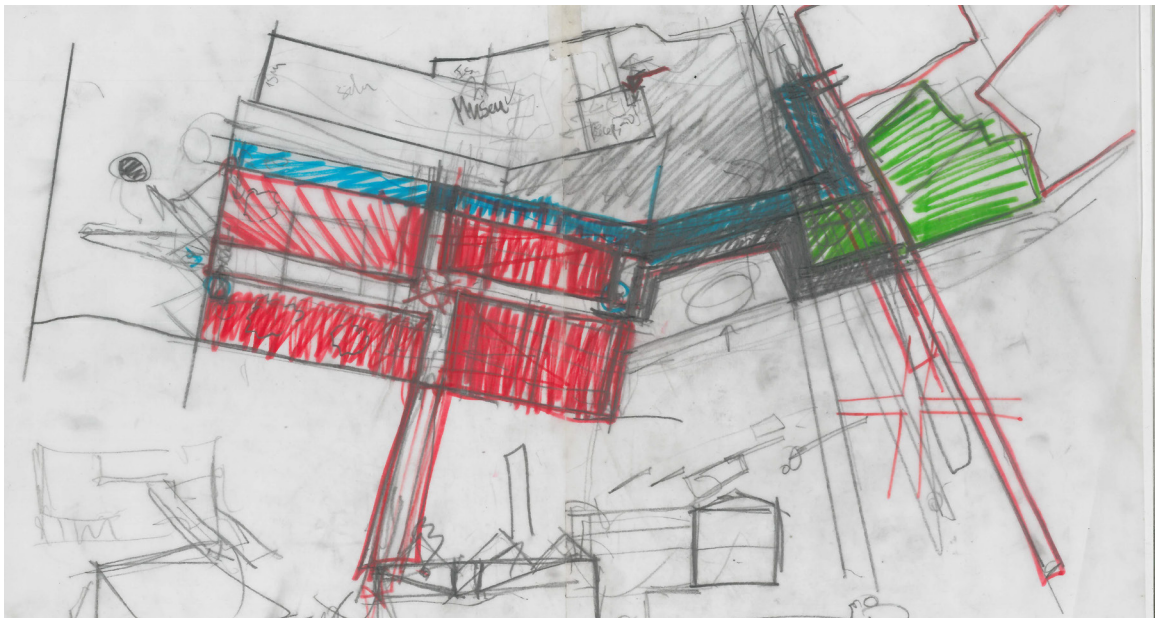


Fig. 122 Esquisso do Projeto



Fig. 123 Esquema síntese da fase 2

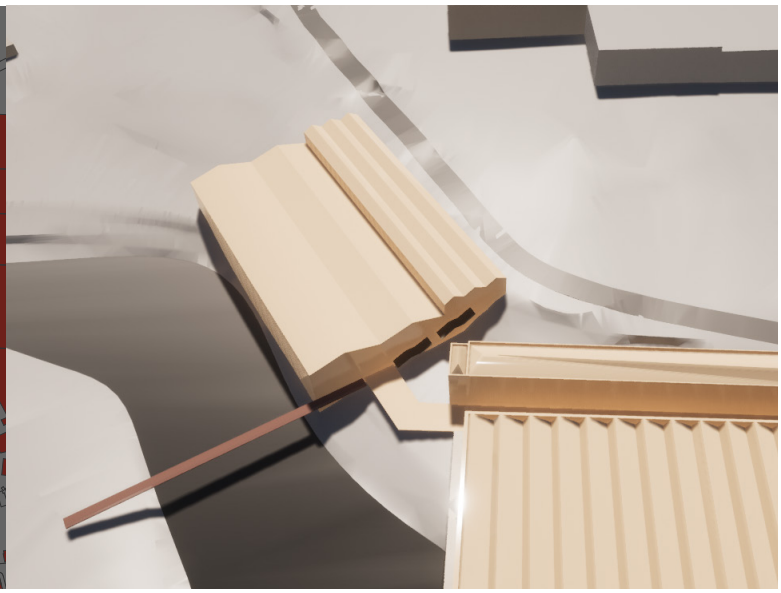


Fig. 124 Modelação da maqueta digital da fase 2



Fig. 125 Esquema síntese da fase 3

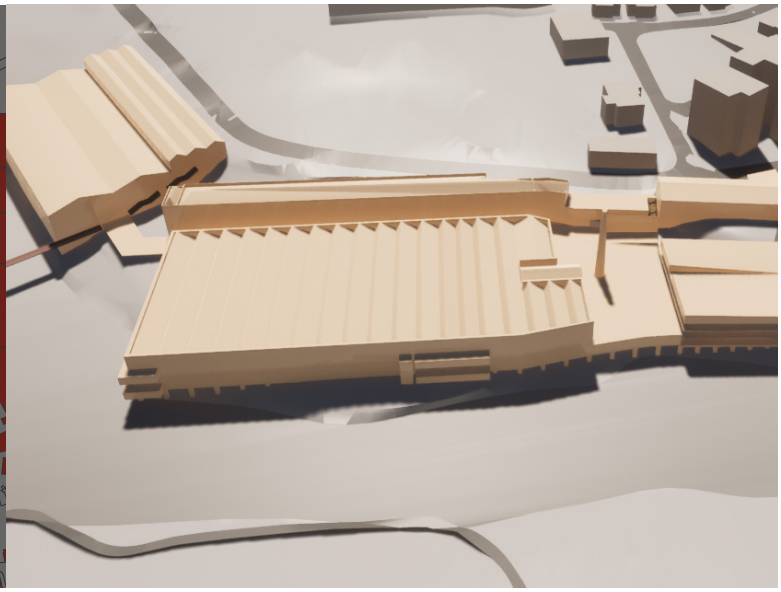


Fig. 126 Modelação da maqueta digital da fase 3

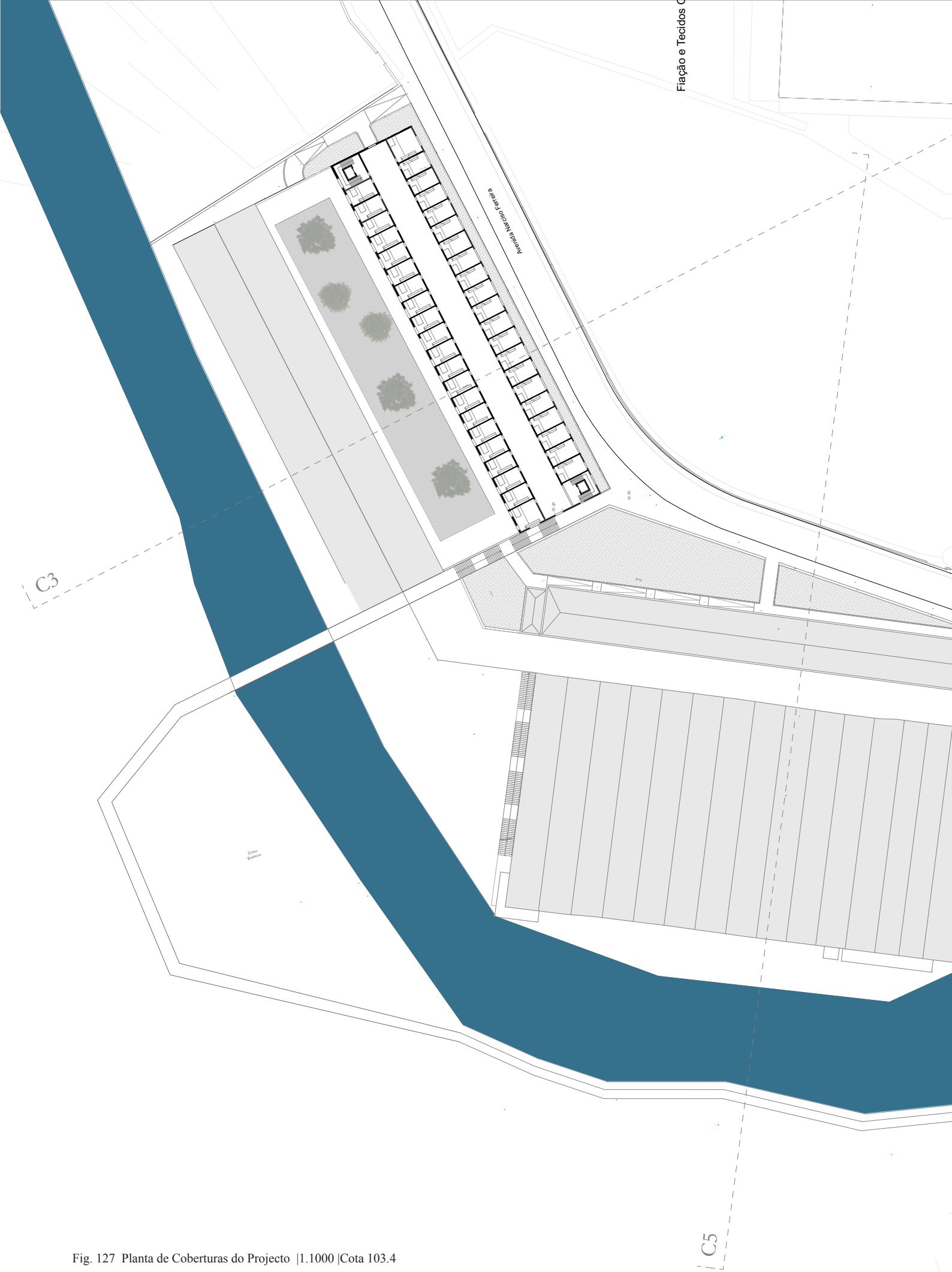


Fig. 127 Planta de Coberturas do Projecto |1.1000 |Cota 103.4


Alameda Narciso Ferreira
Alameda Narciso Ferreira
Avenida Narciso
C7 C8
C1 C2
C6
C4

Plano estratégico da Fase 1

Praça de Entrada

Nesta fase as intervenções previstas no projeto envolvem a demolição dos edifícios 3 e 9, que estão em mau estado.

O acesso principal, que se projetou para este novo complexo, faz-se a partir da Avenida Narciso Ferreira, onde se localizava a entrada para a antiga fábrica. Também, se desenham outros acessos (que se indicarão noutras fases). Este acesso ao estacionamento e à zona de cargas e descargas, também será praticável para pessoas.

Quando se entra nesta área, o território "está limpo" pelas demolições e vai permitir um olhar mais amplo da paisagem e realçar, na Praça de Entrada, o edifício 1/2 que é requalificado para museu e uma ponte pedonal que liga à outra margem do rio. Na aproximação ao limite da praça, temos acesso a uma rampa pedonal circular (Percurso P1) que termina no auditório ao ar livre, localizado numa cota mais baixa, ainda na margem esquerda.

No lado oposto da Praça de Entrada, vemos um edifício construído para a função de estacionamento automóvel e uma rampa pedonal (P2) de ligação à Praça da Chaminé, assim designada porque se manteve no projeto a chaminé, vertical, de 29 metros, da antiga fábrica. A partir desta rampa (P2) acede-se à cobertura do edifício do estacionamento, na cota 91.87 m, abaixo da Praça de Entrada. Refere-se, no documento estratégico do município para a área de reabilitação urbana de Riba de Ave (Magalhães et al., 2017), que é necessário "dotar o espaço público de maior urbanidade, reforçando uma rede pedonal inclusiva." (p. 36).

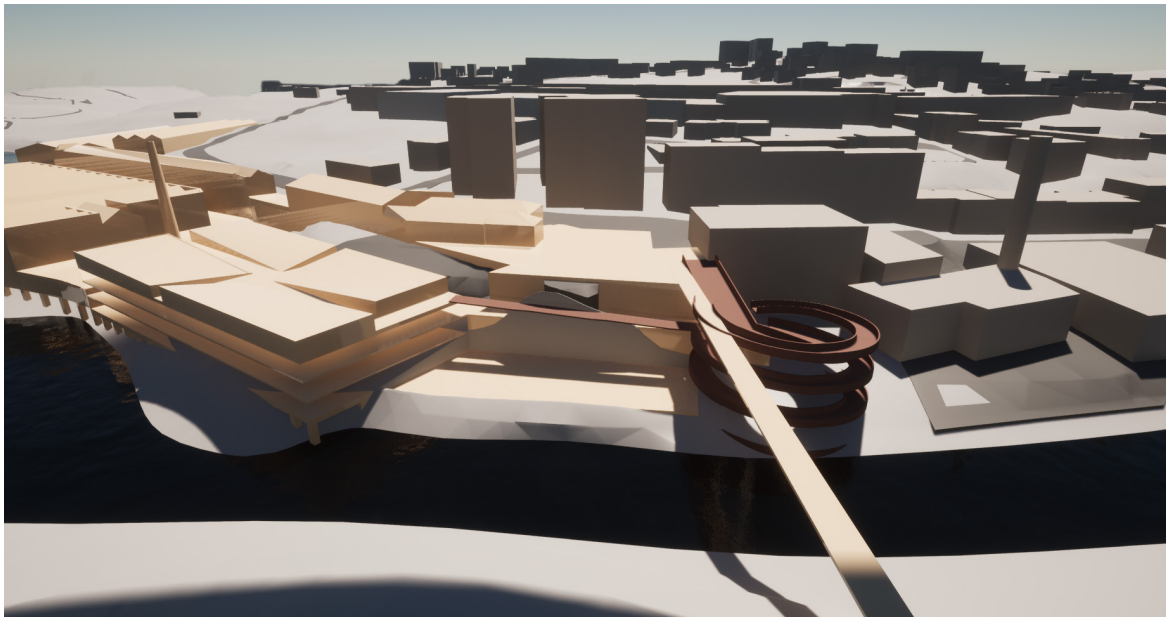


Fig. 128 Modelação da maqueta digital da fase 1
Fig. 129 Planta de Coberturas fase 1 |1.1000 |Cota 103.4


C1 | C2
Alameda Narciso Ferre
Avenida Narciso

Edifício do Museu

No concurso Desafios Urbanos'16, já referido por Tomaz (2017), foi proposto um programa no qual o Museu de Indústria Têxtil teria um novo edifício com determinados serviços. Para este projeto, optou-se por manter este desiderato, no entanto, não se incluíram todos os serviços considerados nessa ideia inicial.

O acesso ao Museu é feito pela Praça de Entrada. A forma e a estrutura do edifício 1/2, que são contíguos, foram mantidas parcialmente. Os dois edifícios são mantidos, exceto a parte lateral de um deles, que será demolida para se criar uma rampa de acesso à Praça da Chaminé (P2). Foi necessário criar uma nova composição do para o Edifício do Museu, com uma linguagem "simples" adequadamente articulada com o desenho da rampa.

O Museu é composto por uma sala multiusos, duas salas de exposições (1 e 2), em dois pisos, uma loja e uma cafetaria. A partir da janela da sala de exposição 1 pode observar-se a cobertura do edifício do estacionamento.

Edifício do Estacionamento

O estacionamento de viaturas e uma zona de cargas e descargas são obrigatórios junto de edifícios com este tipo de serviços. Nas imediações da área deste projeto, não existe espaço público pensado para este fim. Aliás, como foi referido na *[Re]delimitação da área de reabilitação urbana do centro de Riba d'Ave e do centro de Oliveira S. Mateus: Memória Descritiva e Justificativa* (Magalhães et al., 2017), será necessário uma nova política de mobilidade, pois existem em Riba de Ave graves problemas de circulação e de estacionamento, tráfego intenso e muitas deficiências ao nível da organização do estacionamento. A requalificação desta área, com estacionamento de dimensões significativas, será muito positivo para a comunidade local e para os visitantes externos.

Este edifício, construído na área da demolição dos edifícios 3 e 9, tem três pisos, acrescidos pela cobertura acessível. Os meios de transporte circulam, desde a Praça de Entrada até ao edifício do estacionamento por uma rampa (P3) paralela à pedonal (P1), com acesso ao auditório ao ar livre.

No edifício do estacionamento existem dois acessos centrais (caixas de escadas e elevadores), estrategicamente localizados, que permitem o acesso à cobertura, onde se localiza um jardim e as instalações sanitárias públicas. Neste jardim, observa-se a paisagem sobre o rio, o Edifício do Museu e vislumbra-se um eixo visual para a Praça da Chaminé. A esta cobertura é possível o acesso, também, pela rampa pedonal (P2), já referida, que faz a ligação entre a Praça de Entrada e a Praça da Chaminé.

Outra rampa pedonal (P4), que liga a cobertura do estacionamento à rampa pedonal circular (P1) de acesso ao auditório ao ar livre, é construída numa cota inferior.

Fig. 130 Planta do Piso 1 |1.1000 |Cota 86.1
Fig. 131 Planta do Piso 2 |1.1000 |Cota 89.3





Fig. 132 Corte 1 do Projeto sobre a fase 1 |1.500

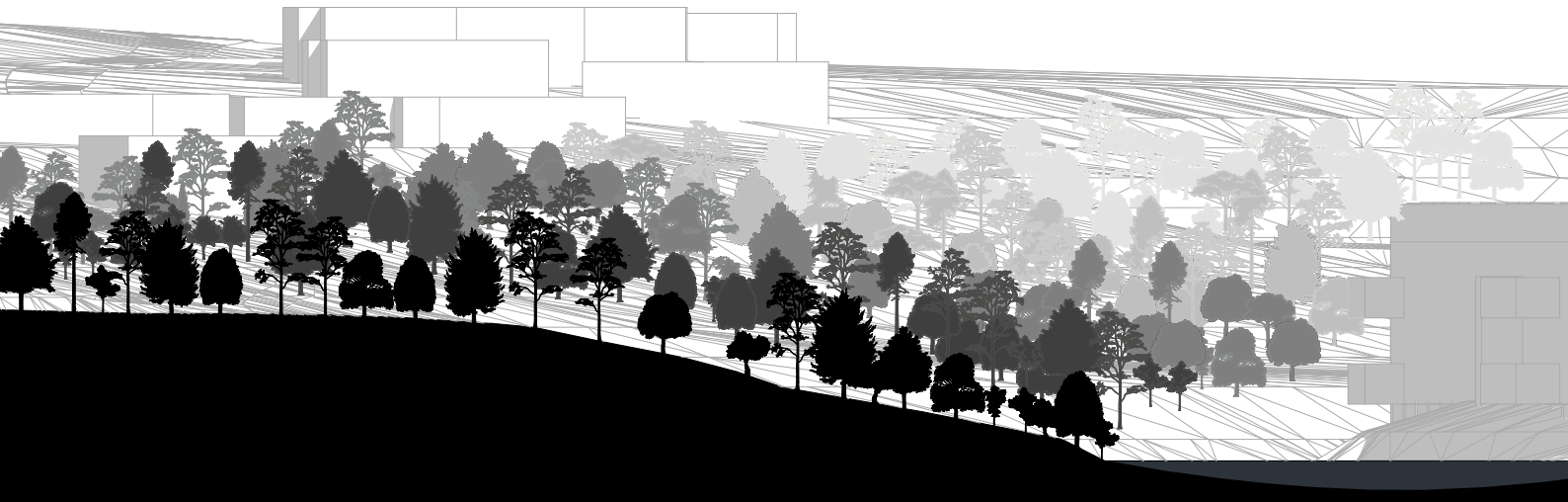
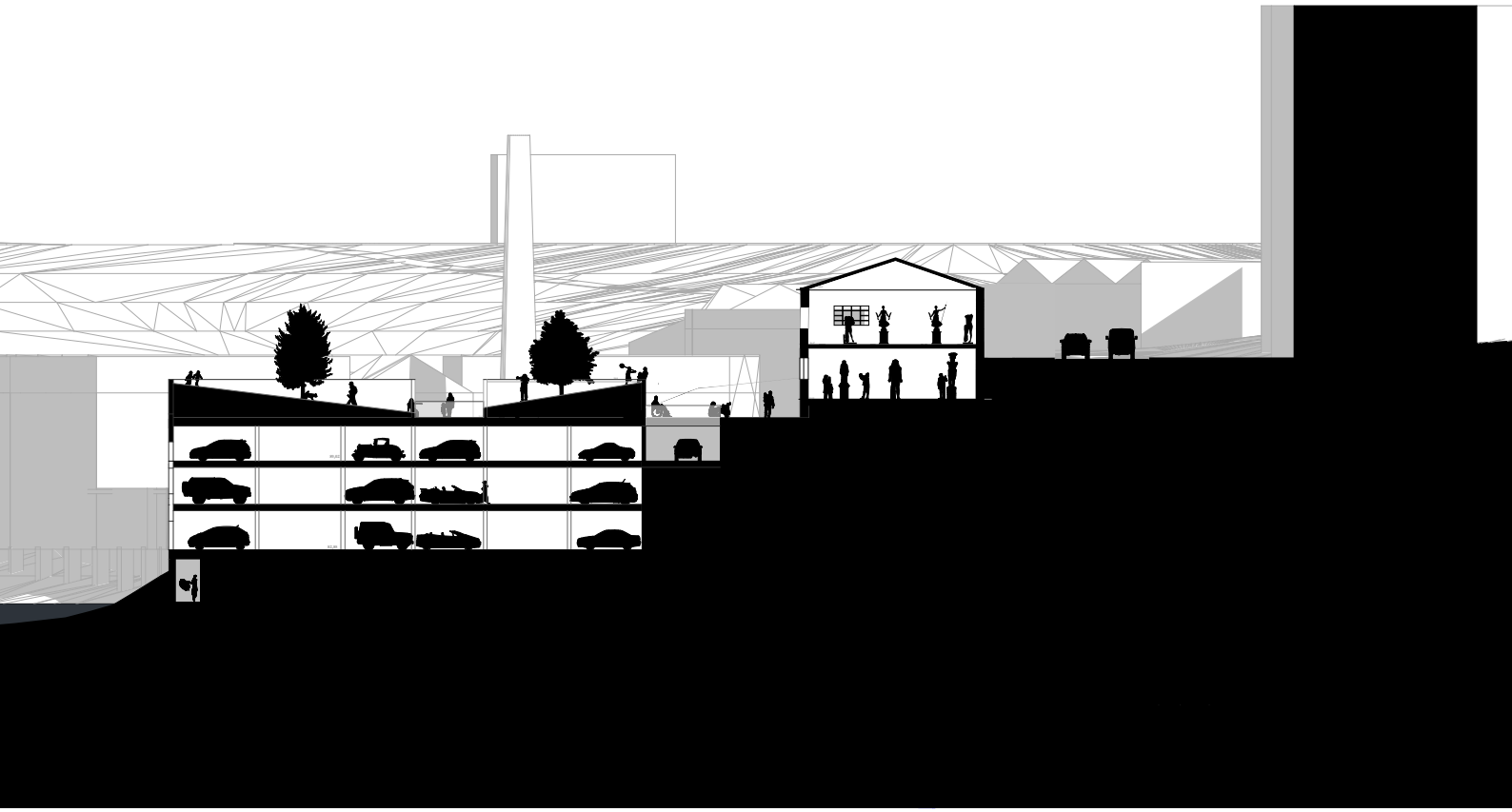
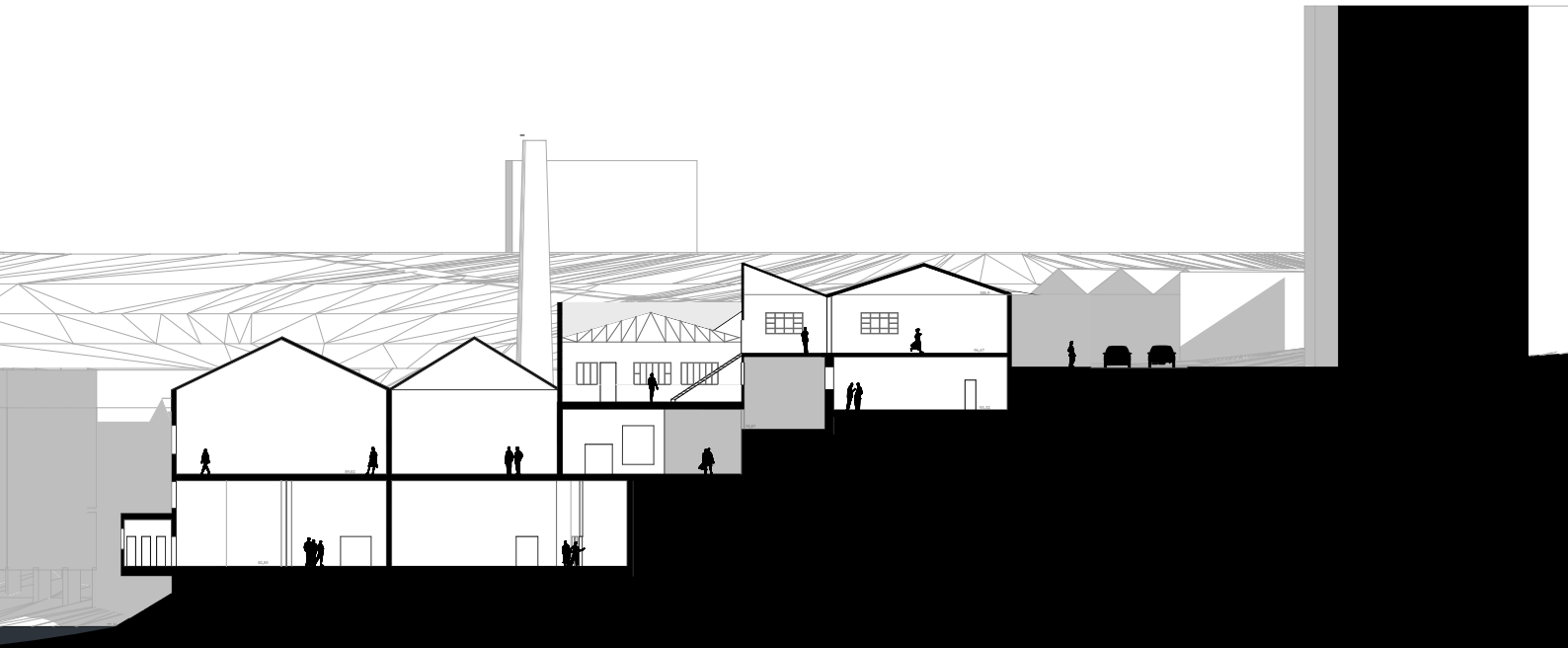


Fig. 133 Corte 2 da antiga Fábrica Sampaio e Ferreira e Cª sobre a fase 1 |1.500





Palco do Auditório ao ar livre

O Palco do Auditório ao ar livre é uma construção escavada na encosta ribeirinha, à cota 89 m, que se situa ao lado do Edifício do Estacionamento, delimitado por este, pela rampa pedonal circular (P1) e pela nova Ponte A pedonal sobre o rio. A função deste espaço é a de servir de palco para espetáculos e outras intervenções artísticas que a comunidade, em geral, proponha, e será de livre acesso. A área para a plateia estará na margem oposta, se assim for necessário, ou será neste mesmo espaço junto do palco.

Ponte A sobre o rio

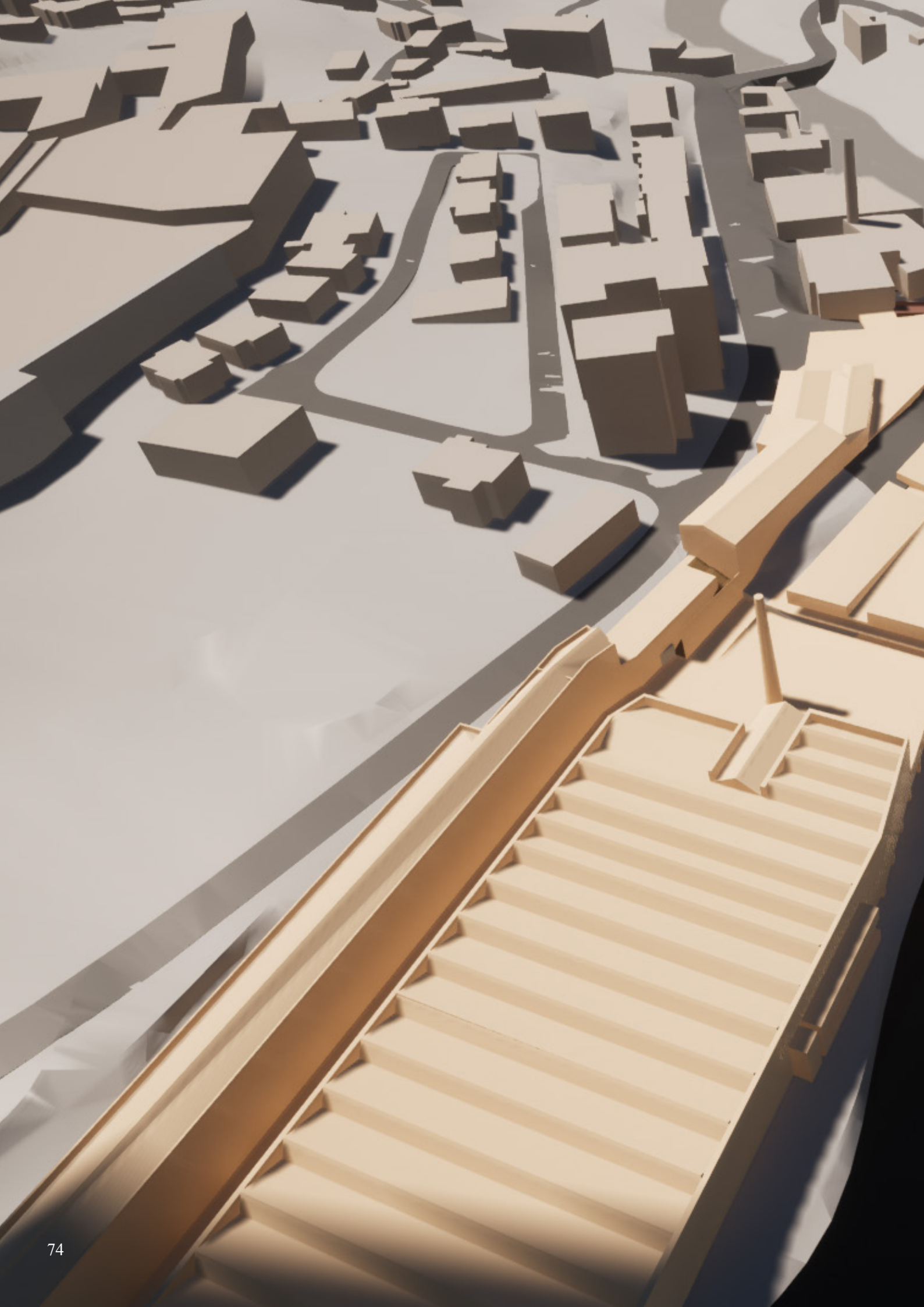
A Ponte A pedonal sobre o rio faz a ligação da Avenida Narciso Ferreira para a Rua de São José, freguesia de Oliveira S. Mateus, na margem oposta. A ponte nasce na Praça de Entrada e termina na fábrica abandonada a demolir, ao lado da Capela de S. Mateus, na outra margem. Aqui, existe um percurso pedonal (P5) para o rio, até à zona da plateia, que poderá ter, também, outra função, por exemplo, uma zona de lazer. Na travessia desta ponte, visualiza-se o Palco do Auditório ao ar livre e toma-se consciência da volumetria do Edifício do Estacionamento.

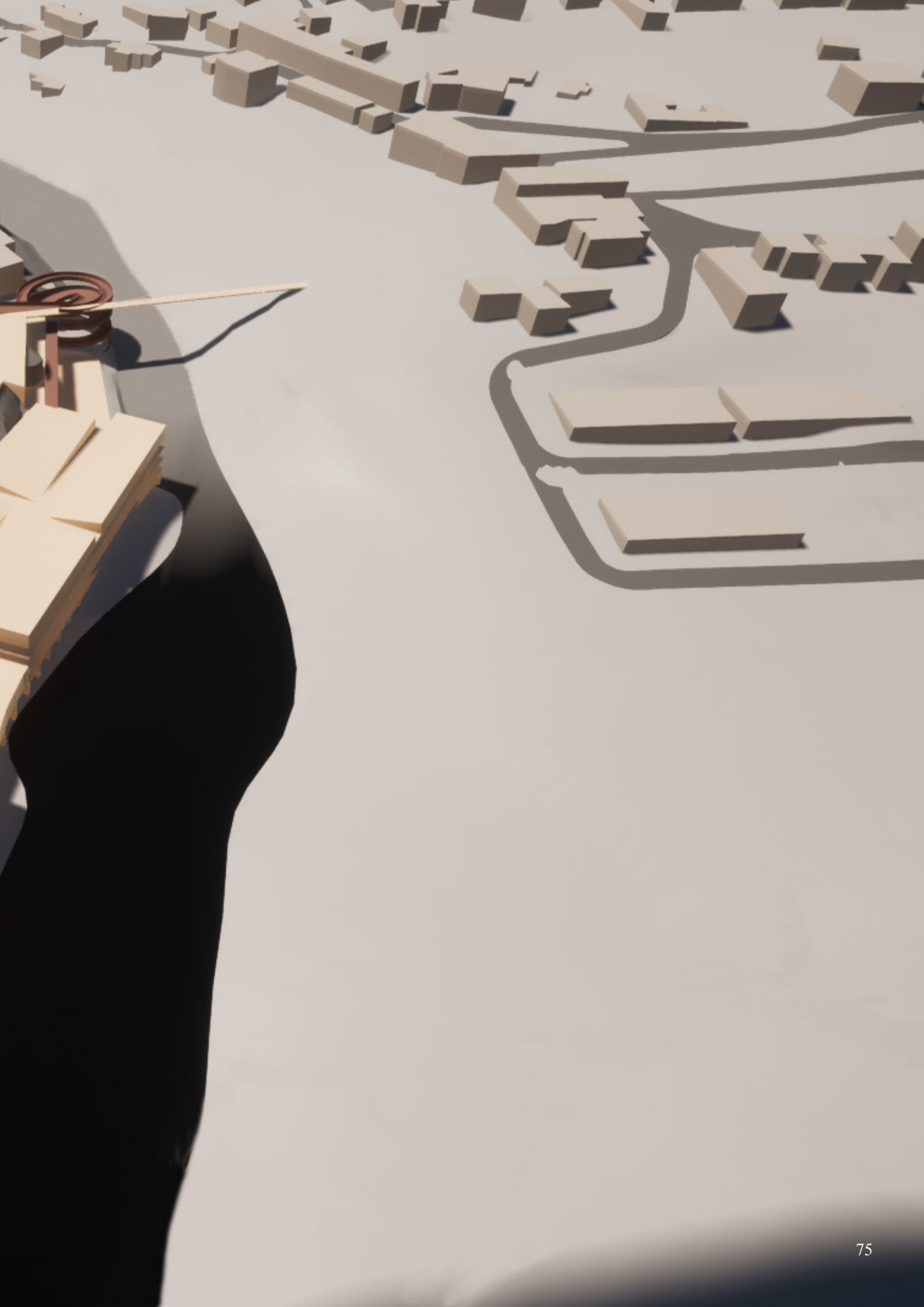
Praça da Chaminé

A Praça da Chaminé localiza-se a norte do Edifício do Estacionamento (futuramente, na fase 3 do plano estratégico), terá entrada para a Avenida Narciso Ferreira e dará acesso ao Edifício do Centro de Congressos. Neste momento, o acesso é realizado pela Praça da Entrada, através da rampa pedonal. O Edifício de Estacionamento permitirá o acesso, também, a esta praça. As demolições já efetuadas no complexo dos edifícios 3 e 9 e a limpeza do terreno junto do local da chaminé acentuam a verticalidade desta construção.



Fig. 134 Planta do Piso 3 |1.1000 |Cota 95.28






C3
Avenida Narciso Ferreira
Fiação e Tecidos Oliveira Ferreira

Plano estratégico da Fase 2

Edifício de Habitação

Propõe-se realizar, na fase 2, as ações abaixo nomeadas, no edifício mais a norte, deste projeto. A intervenção incide sobre antigo edifício da secção de tecelagem, edifício 6, pode ser realizada em simultâneo com a fase 1. Este edifício está dividido em duas partes, por patamares resultantes do desenho morfológico do terreno, com duas cotas diferentes e tem 7000 m2 de área.

Tendo como objetivo principal a disponibilização, à comunidade, de habitação. Este programa terá entrada pela Avenida Narciso Ferreira: um acesso pedonal (P6) e outro para automóveis (P7).

A primeira intervenção é a demolição do interior do edifício, respeitando a estrutura existente, e a construção de novas habitações. Segue-se um programa com duas morfologias diferentes: uma, para a cota superior e, outra, para a inferior. Para a habitação a instalar à cota 96.86 m é utilizado o desenho do alçado do antigo edifício da tecelagem, com entrada a partir de uma rua privada, paralela à Avenida Narciso Ferreira, que permite o acesso a cada um dos fogos da cota superior; umas habitações têm frente para o rio e outras para a Avenida Narciso Ferreira. São do tipo T0, com área de 35 m2, com um mezanino. O acesso ao estacionamento para estas habitações, da cota superior, é feito nos limites desta rua privada, pela Avenida Narciso Ferreira, por uma rampa (P7), até ao piso inferior às habitações. Nas extremidades do edifício existem escadas e elevadores que ligam o estacionamento à rua privada.

Fig. 136 Planta do Piso 1| Cota 86.1 | 1.1000
Fig. 137 Planta do Piso 2| Cota 89.3 | 1.1000
Fig. 138 Planta do Piso 3| Cota 95.28 | 1.1000

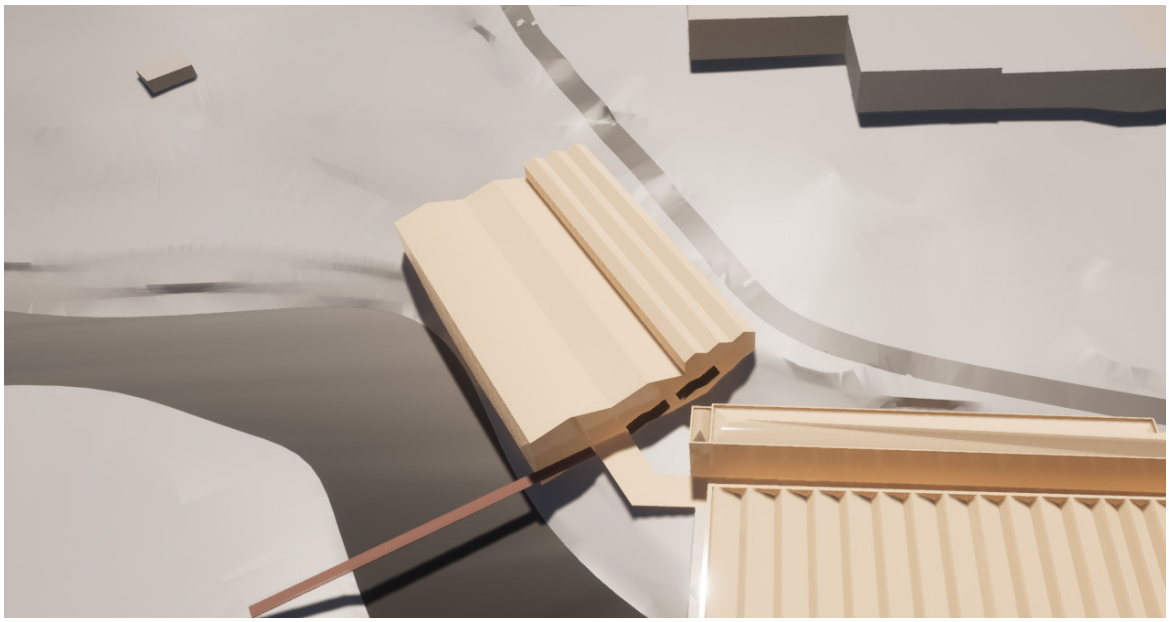


Fig. 139 Modelação da maqueta digital da fase 2

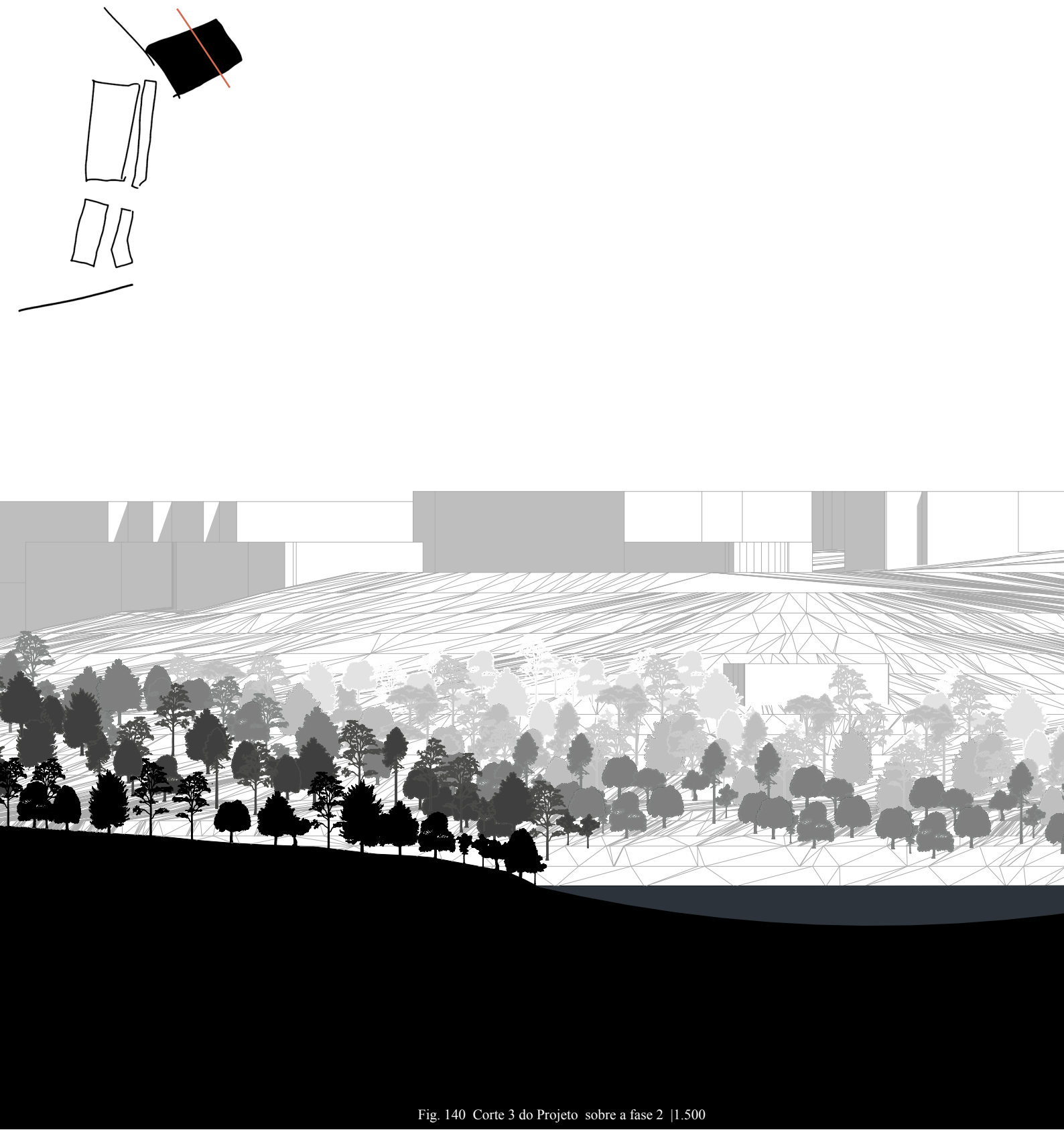


Fig. 140 Corte 3 do Projeto sobre a fase 2 |1.500

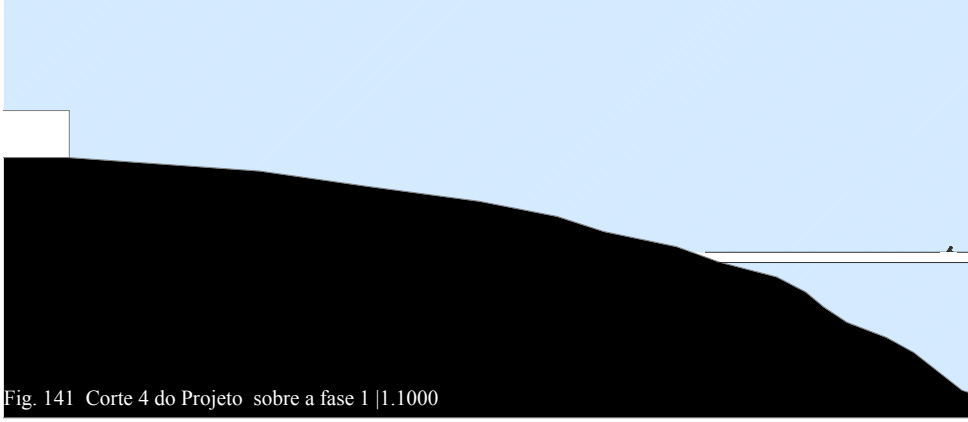
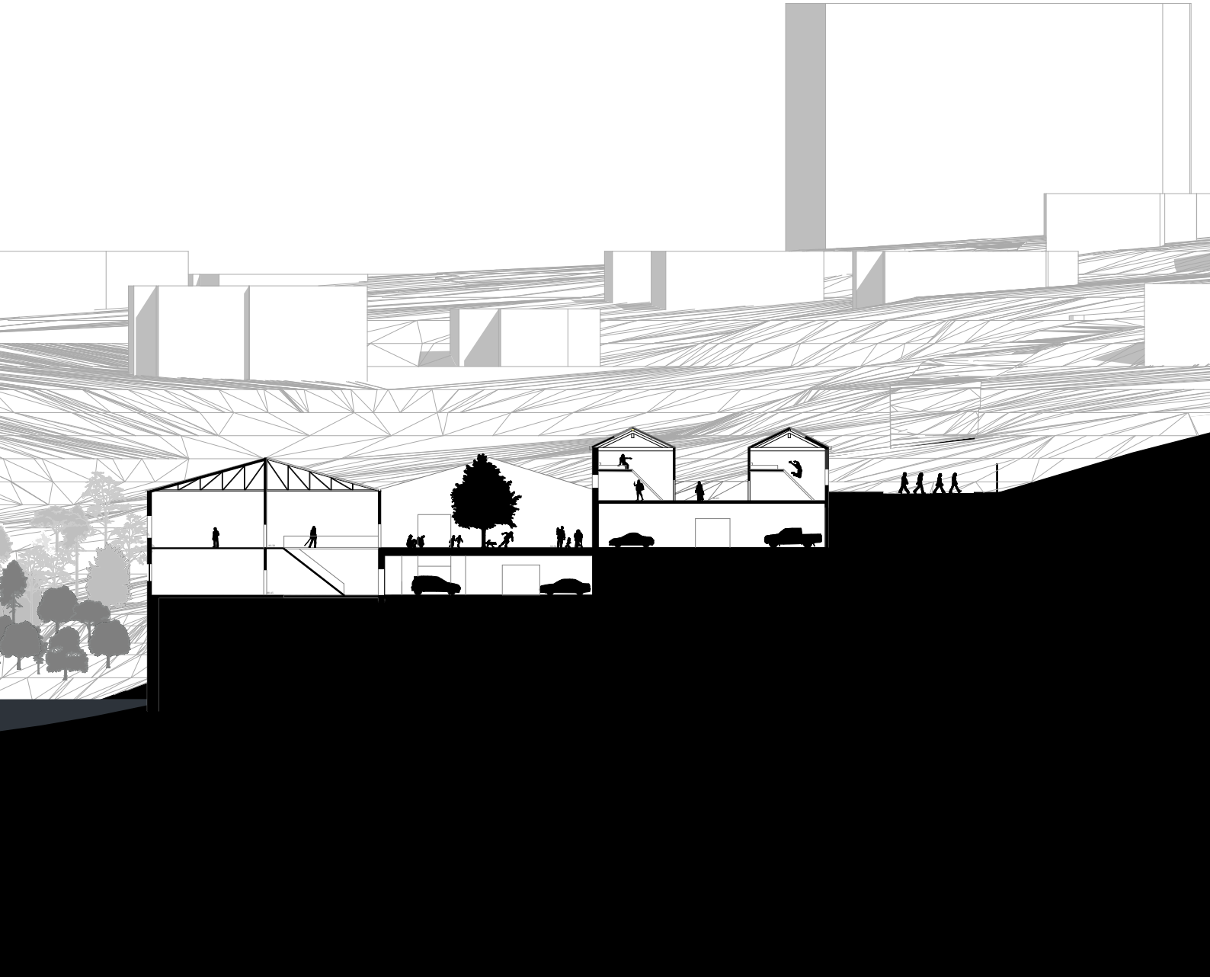
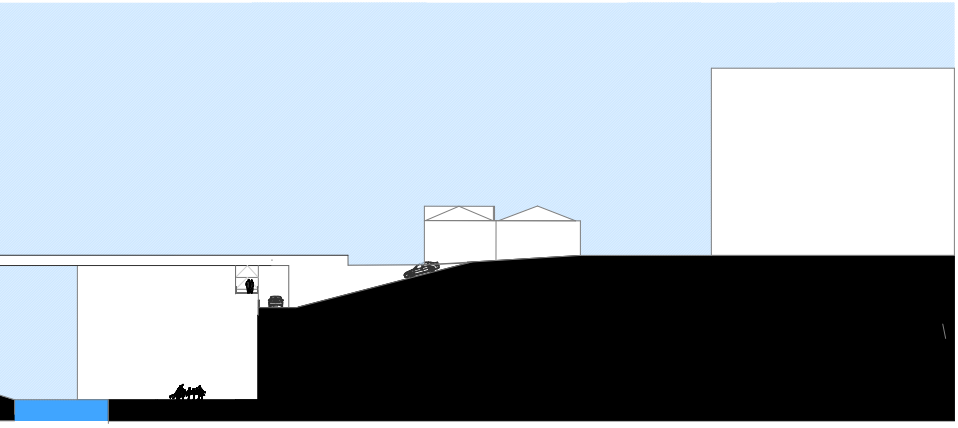


Fig. 141 Corte 4 do Projeto sobre a fase 1 |1.1000





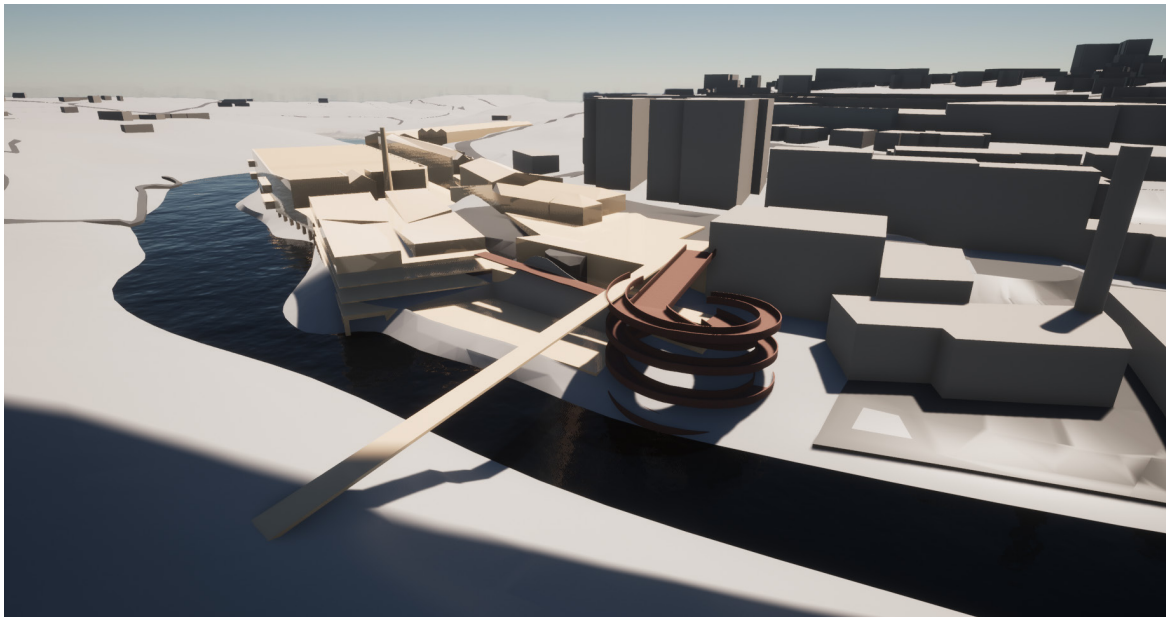


Fig. 142 Modelação da maqueta digital

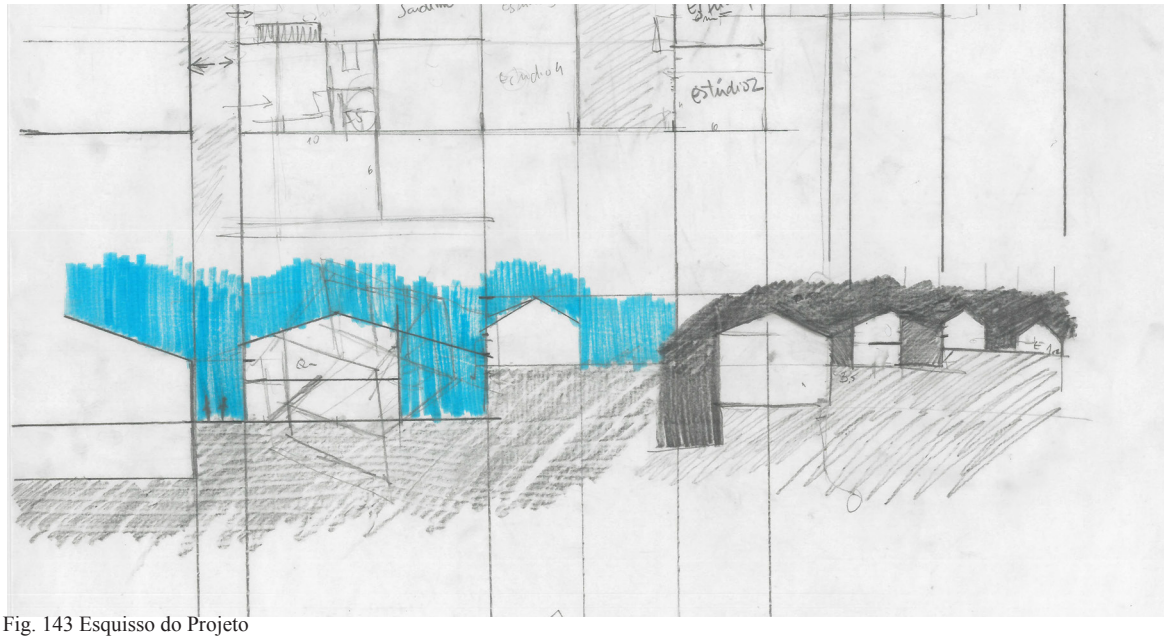


Fig. 143 Esquisso do Projeto

As outras habitações, à cota inferior 82.45 m e 92.48 m, ocupam dois terços do terreno do antigo edifício da tecelagem e dividem-se em habitações e um jardim privado, com área de 1724 m2, com acesso a todas as habitações através de escadas, a partir de um pátio. As habitações são de tipo T0, com área de 50 m2, com frente para o rio, em duas cotas, com os fogos sobrepostos. O estacionamento destas habitações, acedido pela lateral do edifício (P7), fica no piso inferior ao do jardim privado. O estacionamento tem um acesso direto para o pátio que une as duas habitações que estão sobrepostas. O jardim contempla uma caixa de escadas e um elevador em cada extremidade. O acesso pedonal, (P6) a partir da Avenida Narciso Ferreira, permite o acesso às habitações da cota inferior e da superior.

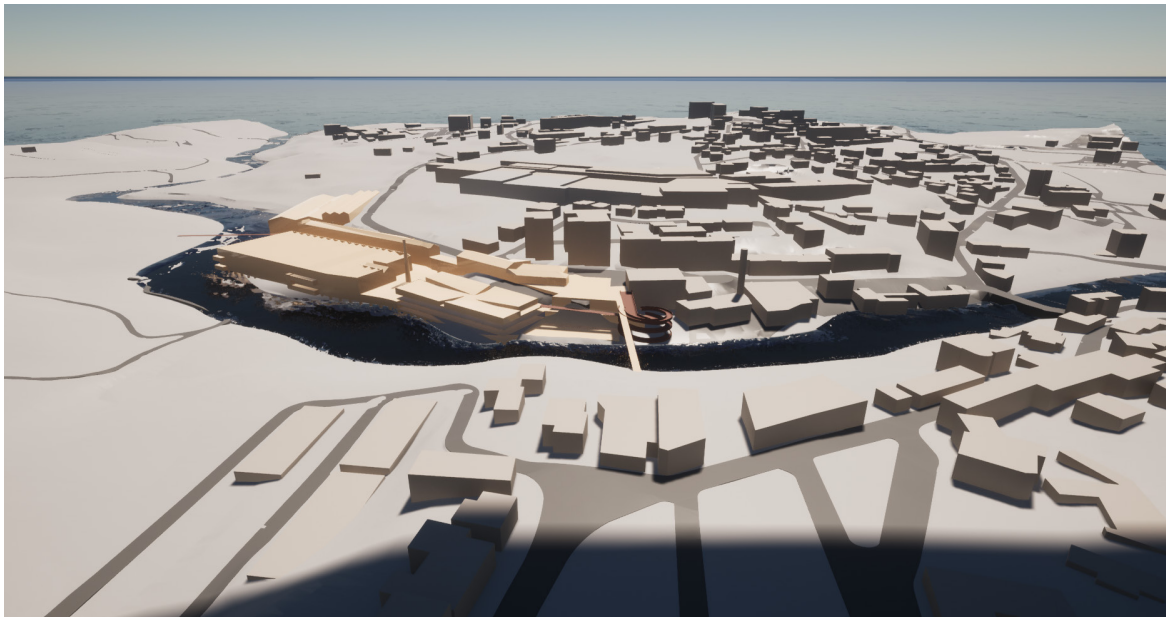
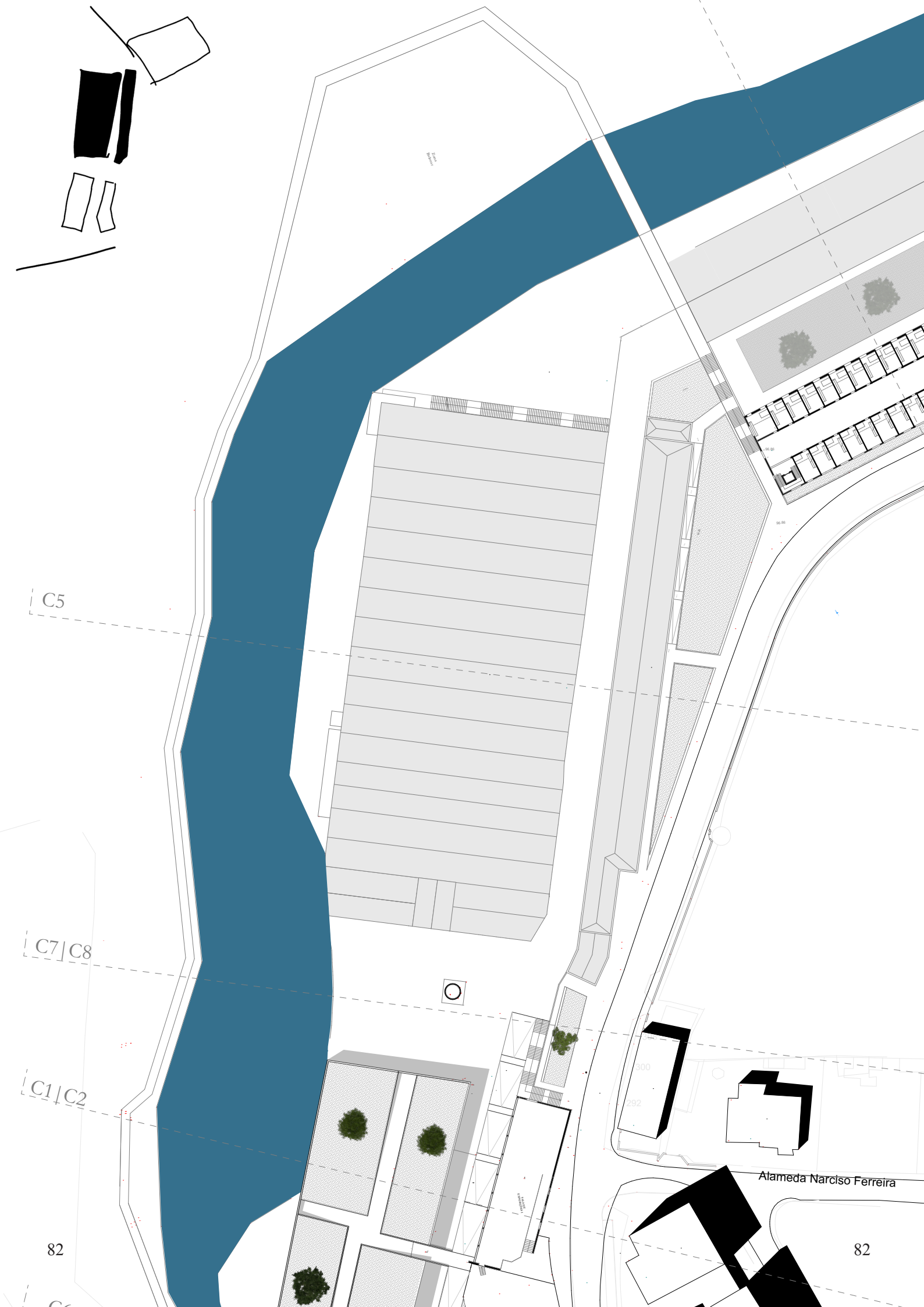


Fig. 144 Modelação da maqueta digital



82

Plano estratégico da Fase 3

Na fase 3, a intervenção é realizada no centro da área da antiga fábrica, entre a área de intervenção da fase 1 e a área do Edifício de Habitação, da fase 2 e retiram-se os muros que delimitam a fábrica na Avenida Narciso Ferreira.

Entrada para a Praça da Chaminé

Propõe-se uma nova Entrada pedonal (P8) para a Praça da Chaminé, a partir da Avenida Narciso Ferreira, concebida a partir da cota 95.8 m, sendo necessário proceder-se à demolição do edifício 4, antigo edifício da creche e de um tanque exterior de água. Nesta nova Entrada desenha-se um jardim com vistas para a Praça da Chaminé, que se situa 6.2 m abaixo, para o Edifício do Centro de Congressos, para o Edifício do Estacionamento (fase 1) e para a margem direita do rio. No jardim existe um elevador para a dita Praça, assim como uma escada. Quando descemos as escadas, consegue-se visualizar um eixo visual sobre a Ponte B, sobre o rio, que liga as duas margens. Desta nova Entrada, sai um percurso (P 9) que dá acesso ao ateliê dos artistas.

Edifício do Centro de Congressos

Este edifício 8 situa-se entre o Edifício de Habitação (fase 2) e o Edifício do Estacionamento (fase 1), tem frente para o rio. O programa adapta-se ao antigo edifício da Fiação, torcedores e batedores - que se considerou o mais interessante, e está em boas condições, com a particularidade de possuir uma luz zenital, na sala do piso superior, característico de edifícios fabris. Este edifício é reservado a um Centro de Congressos, com salas de apoio, sala de conferências e auditório. A entrada para o Edifício do Centro de Congressos é feita a partir da Praça da Chaminé, atribuindo-lhe um

Fig. 145 Planta de Coberturas da fase 3 |1.1000 | Cota 103.4

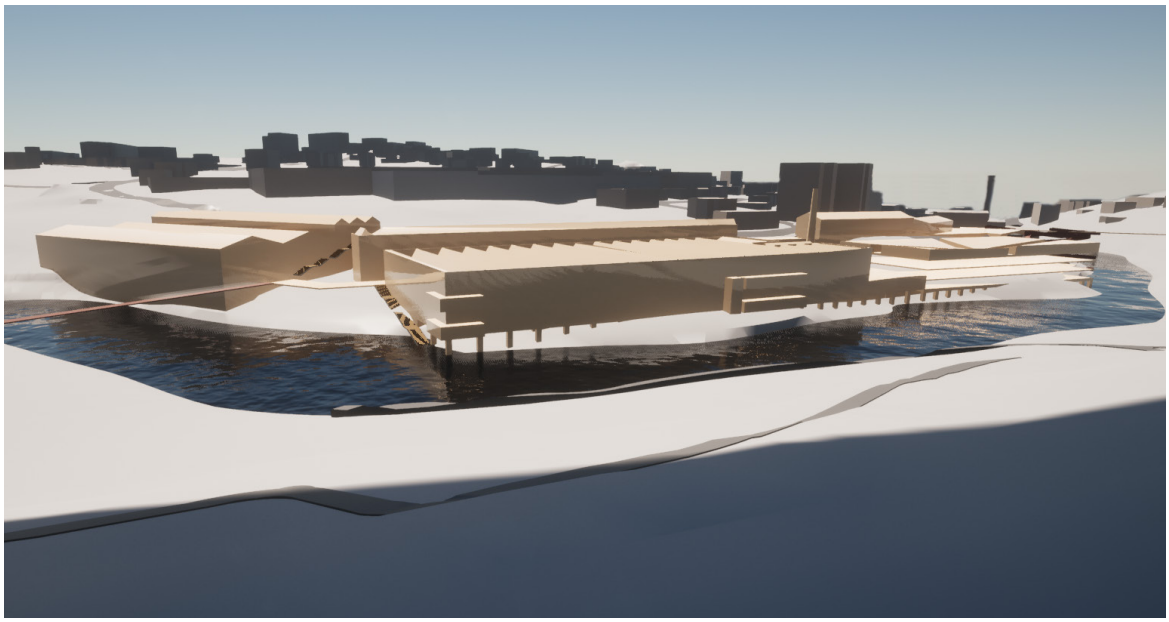


Fig. 146 Modelação da maqueta digital

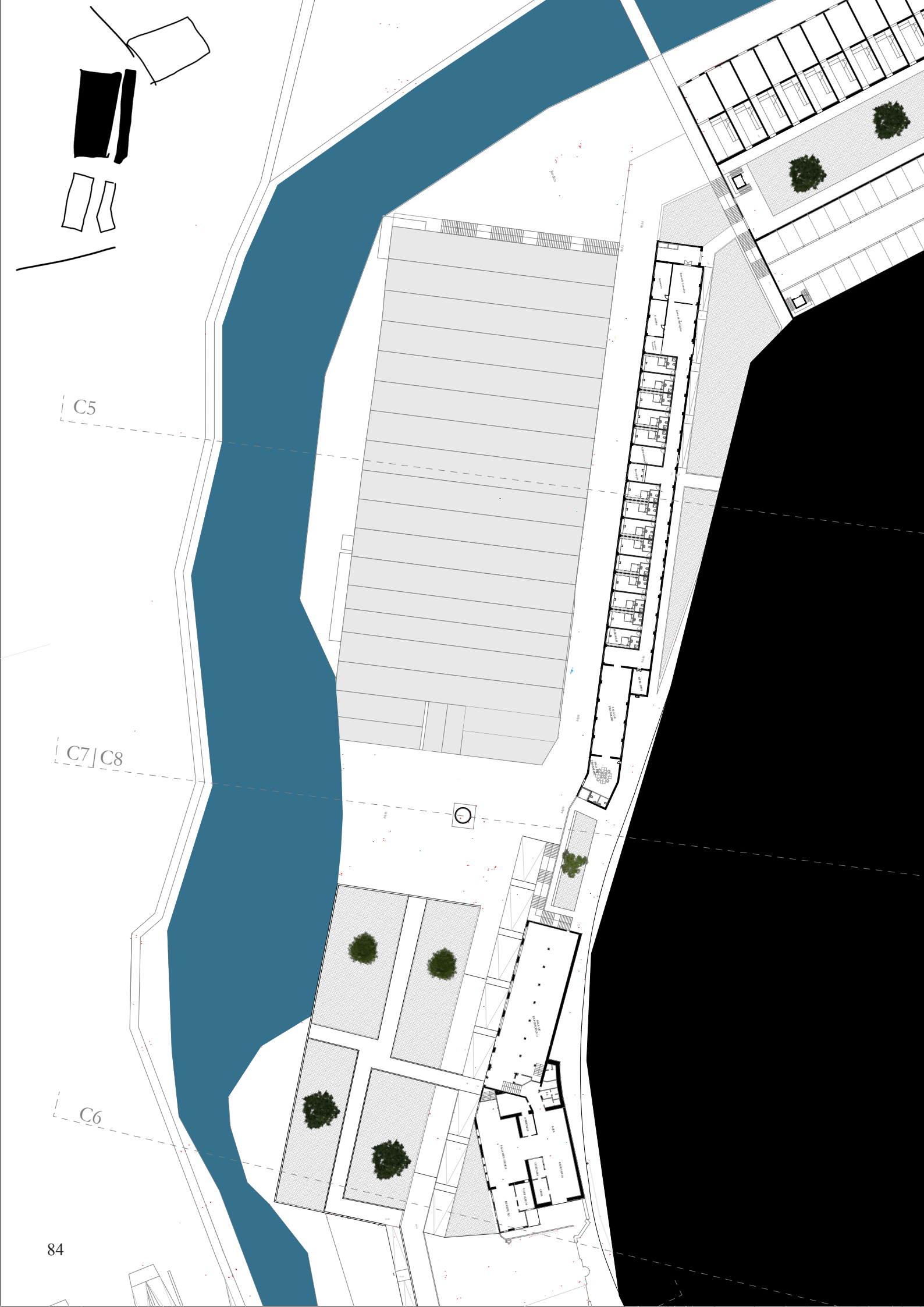

C5
C7 | C8
C6

Fig. 147 Planta do Piso 3 |1.1000 | Cota 95.28

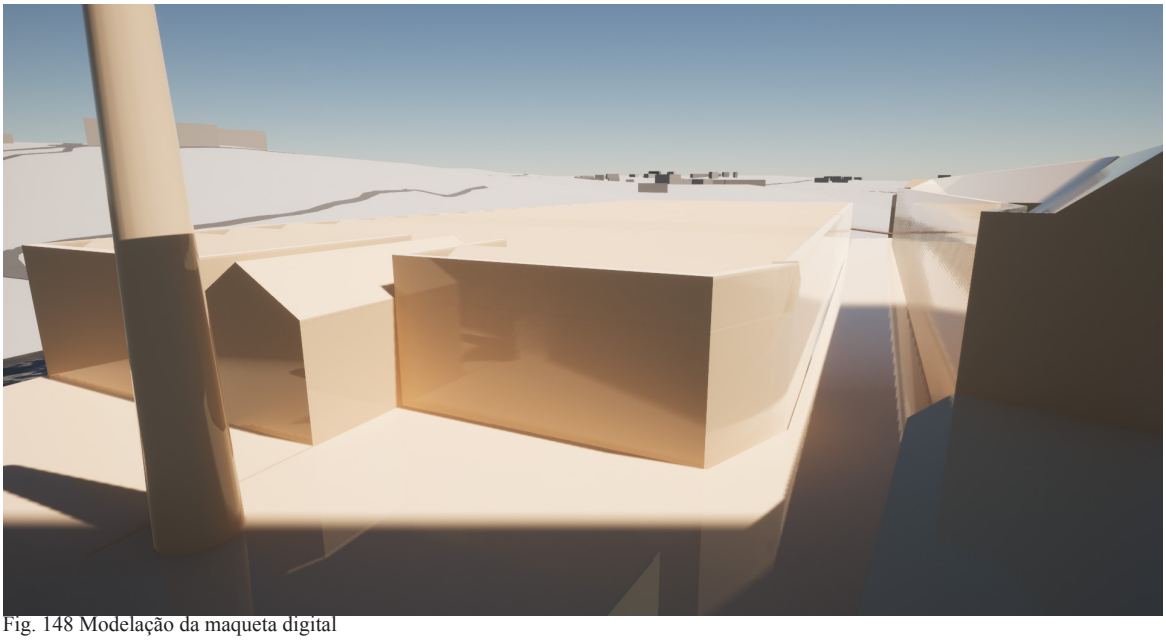


Fig. 148 Modelação da maqueta digital

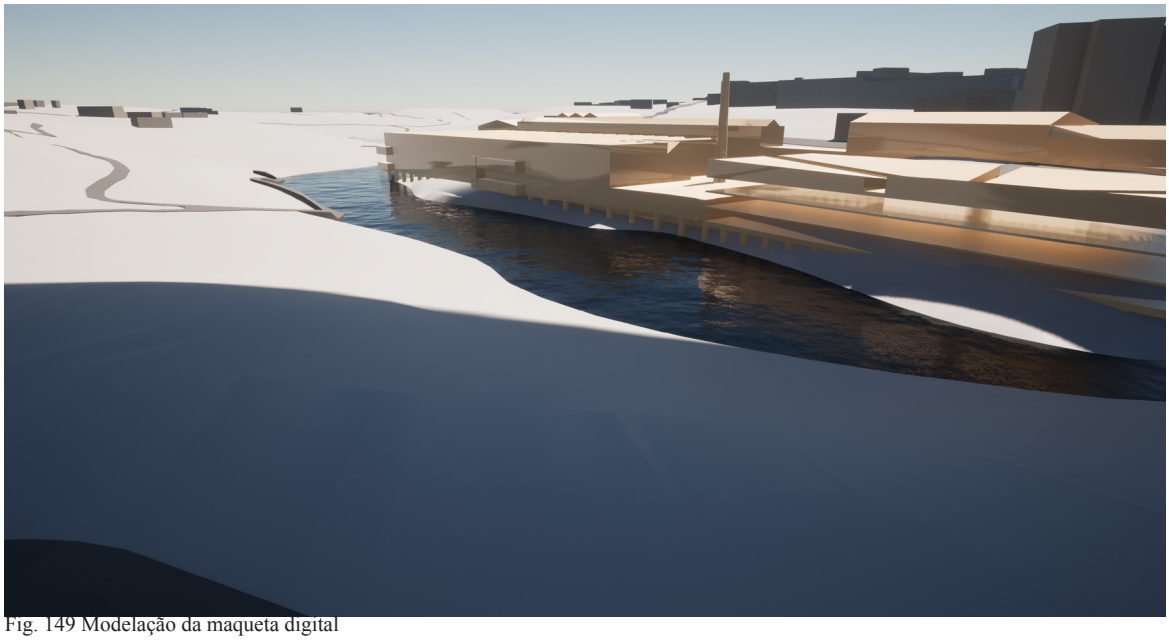


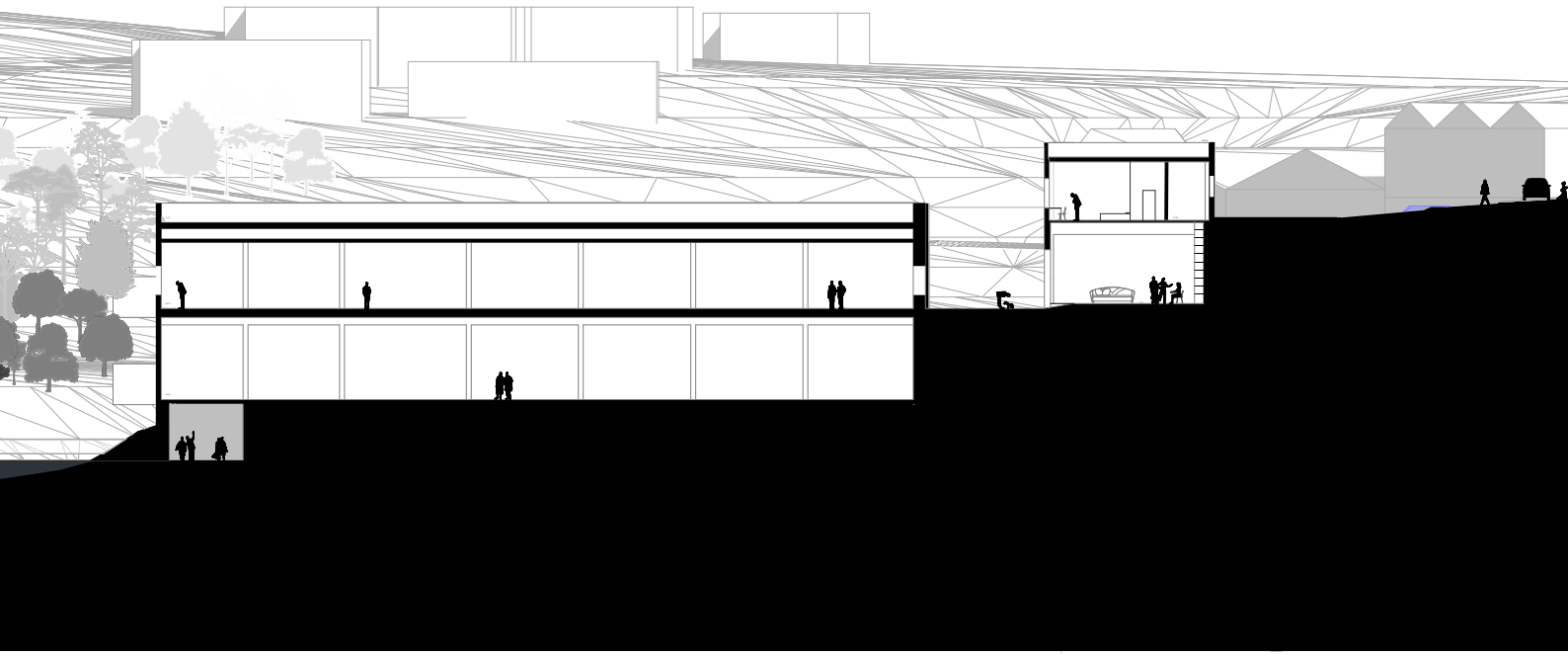
Fig. 149 Modelação da maqueta digital

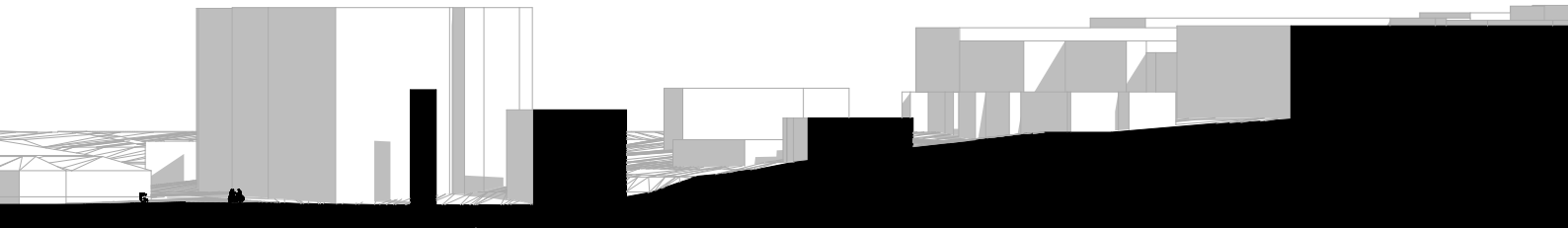


Fig. 150 Corte 5 do Projeto sobre a fase 3 |1.500



Fig. 151 Corte 6 da antiga Fábrica Sampaio e Cª sobre a fase 1 |1.1000





novo uso.

Edifício para Escolas e Ateliês para artistas

Este edifício, situado ao lado do Edifício do Centro de Congressos, espaçado por um percurso. É o edifício 5, com dois pisos, antigo edifício de acabamento e revista, servirá para as funções de Escolas de Desporto e Têxtil, no piso inferior, e, no piso superior, para Ateliês de artistas. Estes Ateliês para artistas são acedidos pela cota superior do edifício, a 94.85 m. A intervenção neste edifício constitui-se pela requalificação da estrutura no piso inferior, para as Escolas, onde é demolido um tanque interior de água, com 14 m2 de área e o piso superior sofre uma construção total para os Ateliês dos artistas. Prevê-se que a partir das Escolas se aceda à Ponte B pedonal e, consequentemente, às margens ribeirinhas. Do Ateliê do artistas parte uma rampa (P9) que vencerá a diferença de cotas para a zona de acesso pedonal das Habitações e terá, também, um elevador.

Ponte B sobre o rio

Por a Ponte B, pedonal, instalada à cota 88.95 m, na zona do antigo edifício 7 da Fiação, que será demolido, ao lado do Edifício do Centro de Congressos e do Edifício de Habitação. Acede-se à outra margem, ligando a um novo percurso (P10) e a todo o desenho de um singular espaço balnear.

Percursos

Para além dos percursos assinalados (P1 a P10), destacam-se outros: o percurso P11, parte da zona da Ponte B, desce cerca de 8 m por escadas, chegando à cota do rio, seguindo em galeria, num piso inferior ao Edifício do Centro de Congressos, Praça da Chaminé e Edifício do Estacionamento, aproveitando os pilares e o antigo canal de água, termina no Palco do Auditório ao ar livre. Este percurso acompanha o rio e tem cerca de 300 m. O percurso P2 (que nasce desde a Praça da

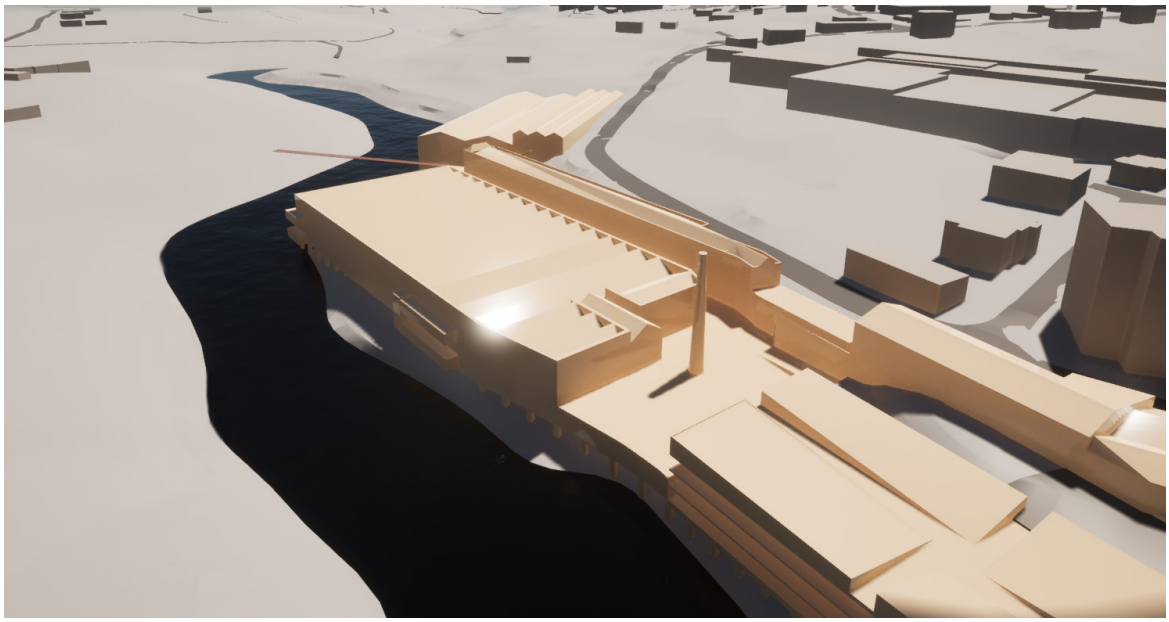
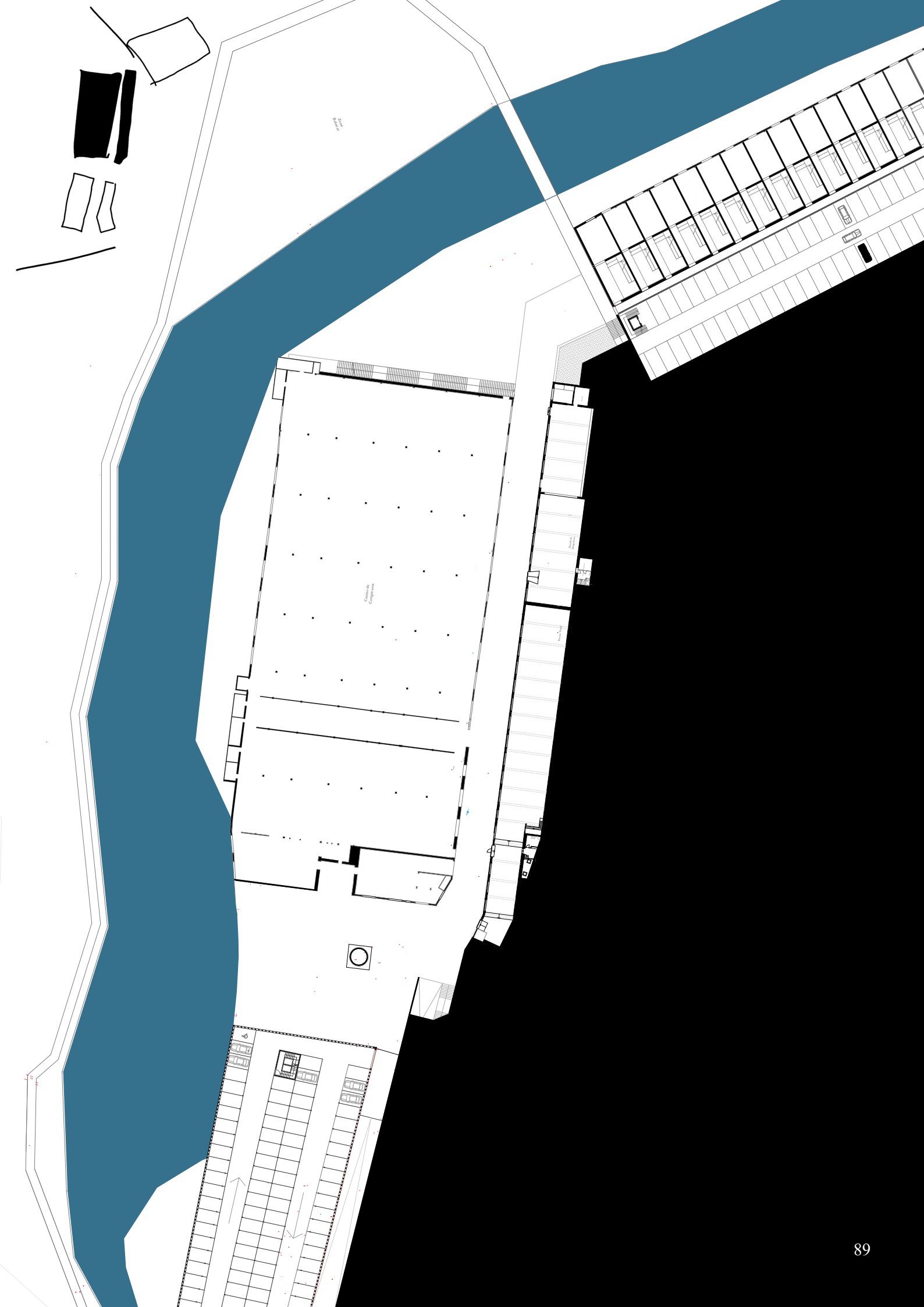
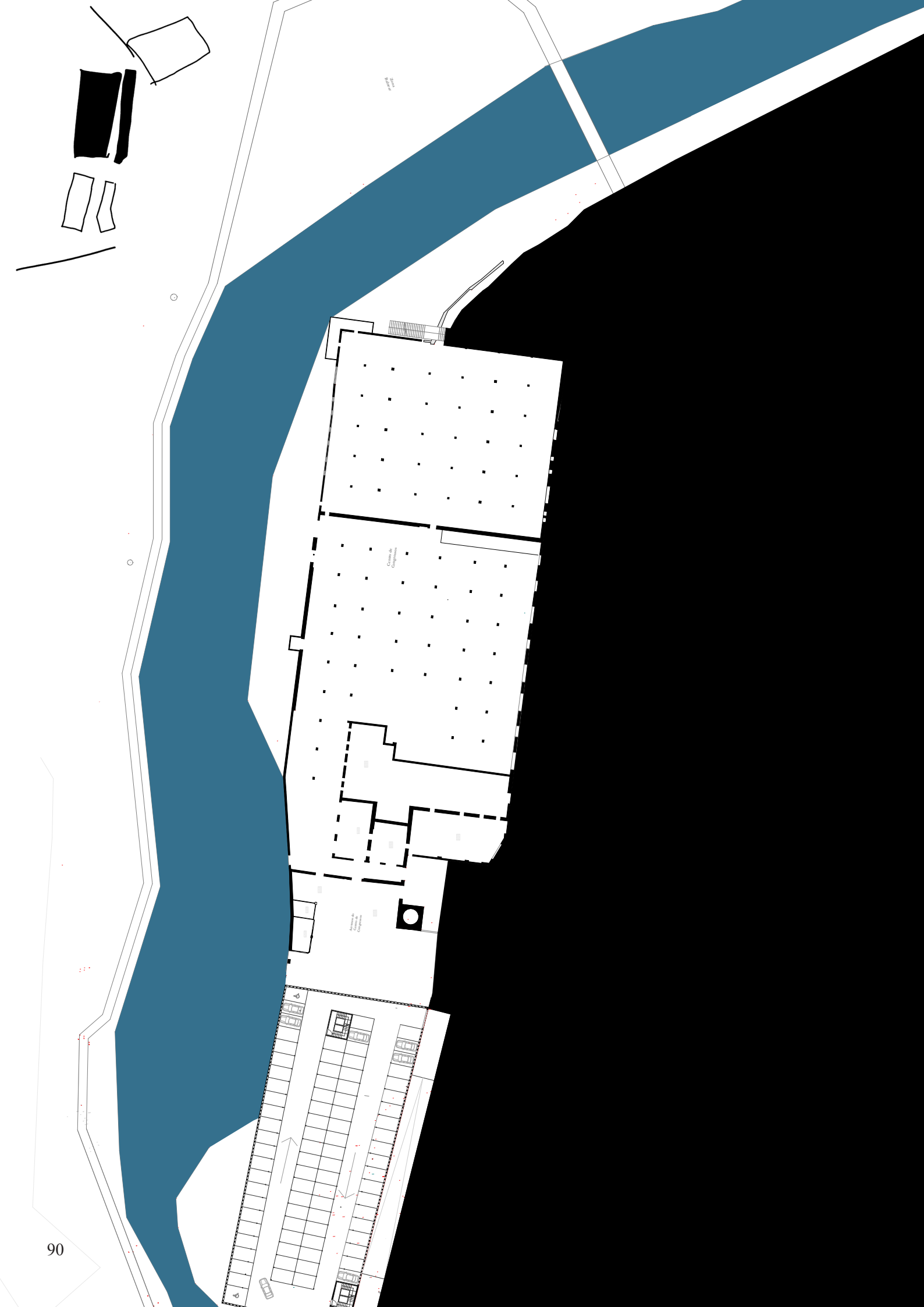


Fig. 152 Modelação da maqueta digital
Fig. 153 Planta do Piso 2 | Cota 89.3 | 1.1000





Entrada, passando na Praça da Chaminé), agora, na fase 3, é continuado, atravessando entre os Edifícios do Centro de Congressos e o das Escolas e Ateliês de artistas, terminando na Ponte B pedonal. O percurso P10 (que tem como o início da Ponte B para o P5), nesta fase 3, acompanha a margem direita do rio até ao acesso à Ponte A, onde se situa a plateia do auditório ao ar livre. Este percurso é necessário para o acesso à zona balnear, no lugar do antigo açude do rio Ave.

Conclui-se assim, uma descrição sumária do projeto para os espaços da antiga fábrica, em Riba de Ave, que se considera possível e adequada, com base nas representações. É uma narração que não pretende ser uma receita, mas um exercício de julgamento do espaço nas respectivas plantas, cortes, alçados, maquetas e visualizações 3D (Solá-Morales, 2008, p. 176).

Fig. 154 Planta do Piso 1| 1.1000 |Cota 86.1

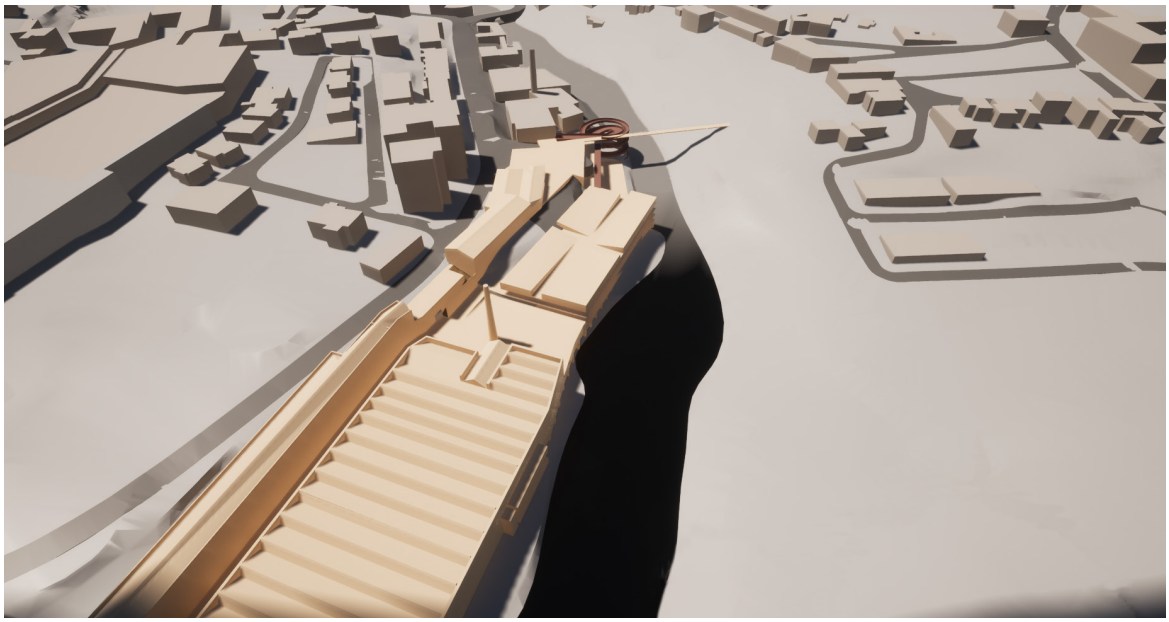


Fig. 155 Modelação da maqueta digital

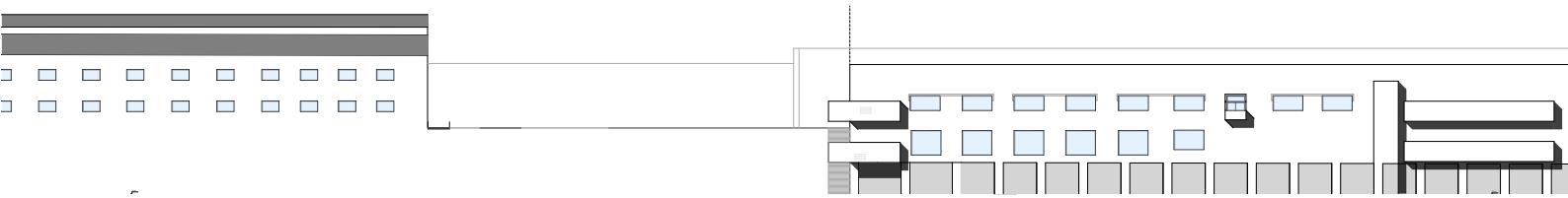


Fig. 156 Alçado do Projeto |1.1000

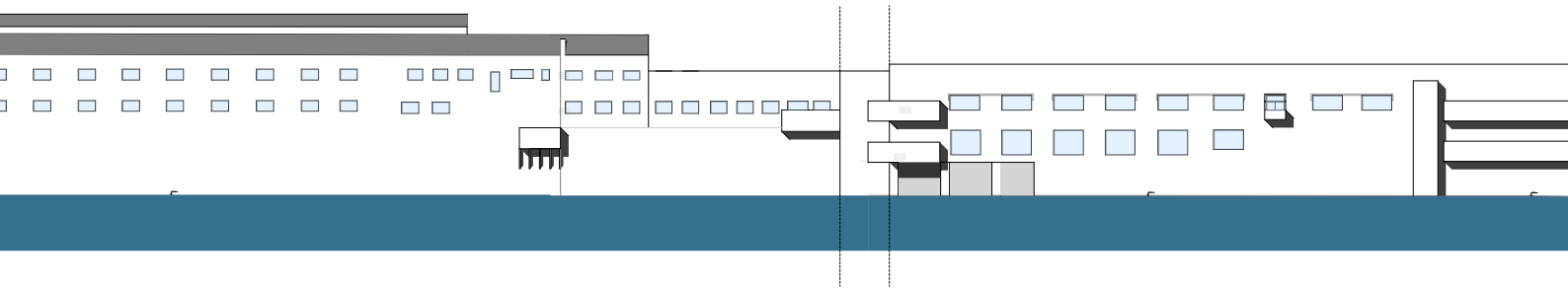


Fig. 157 Alçado da antiga fábrica |1.1000

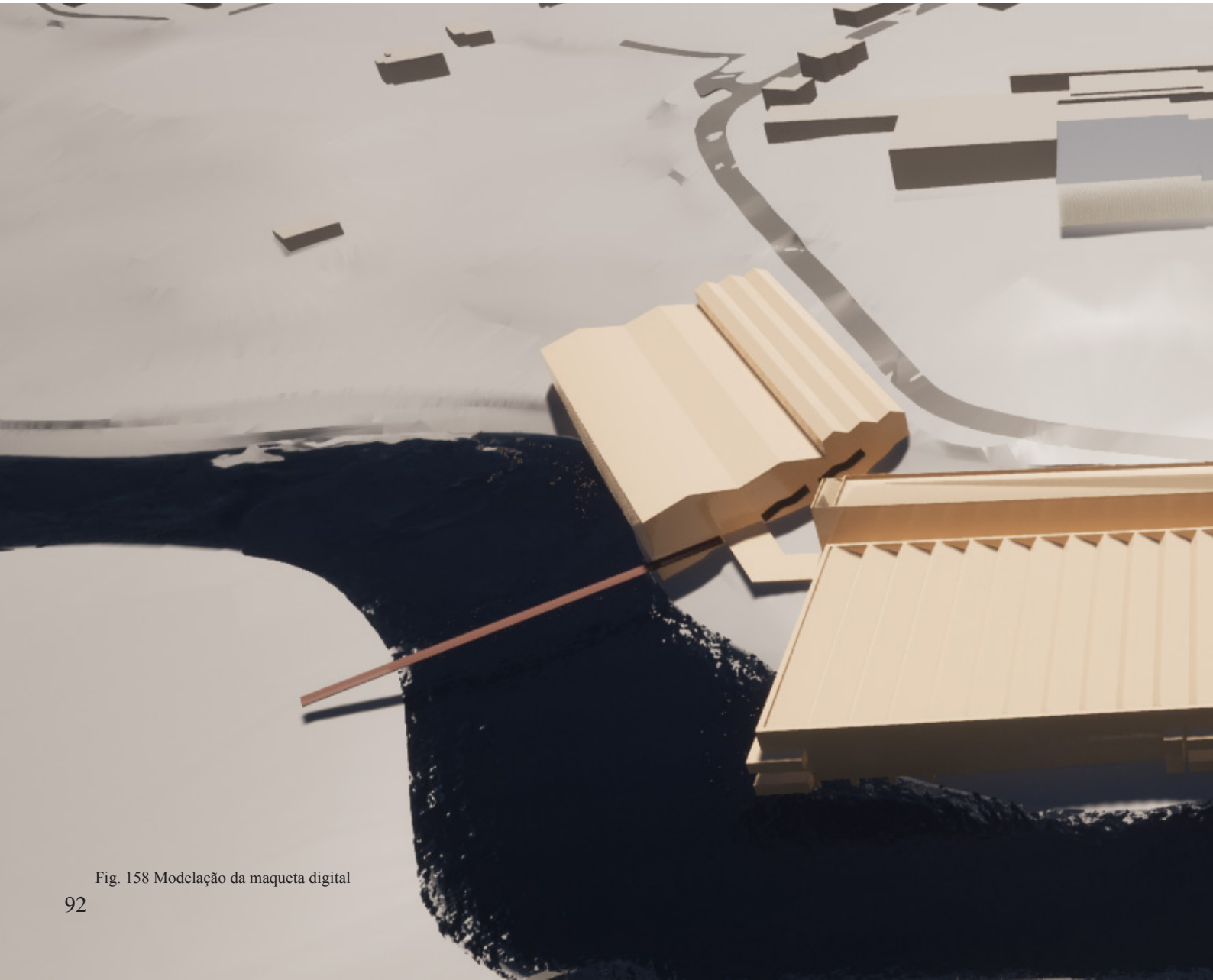
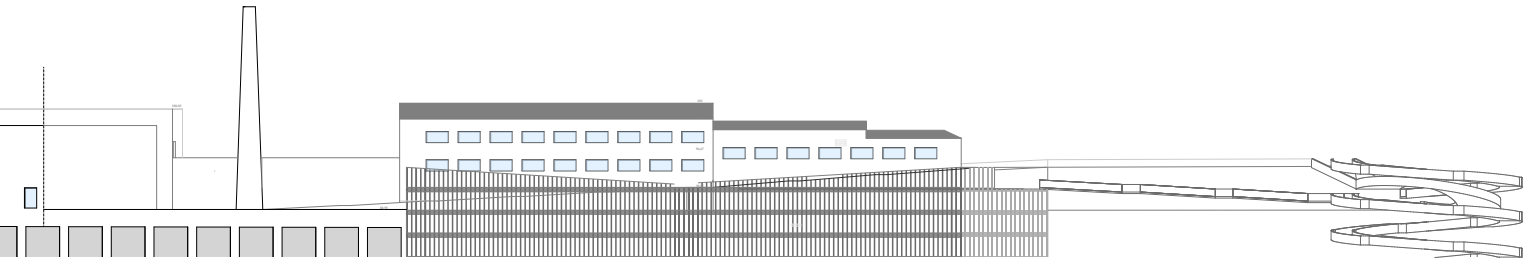
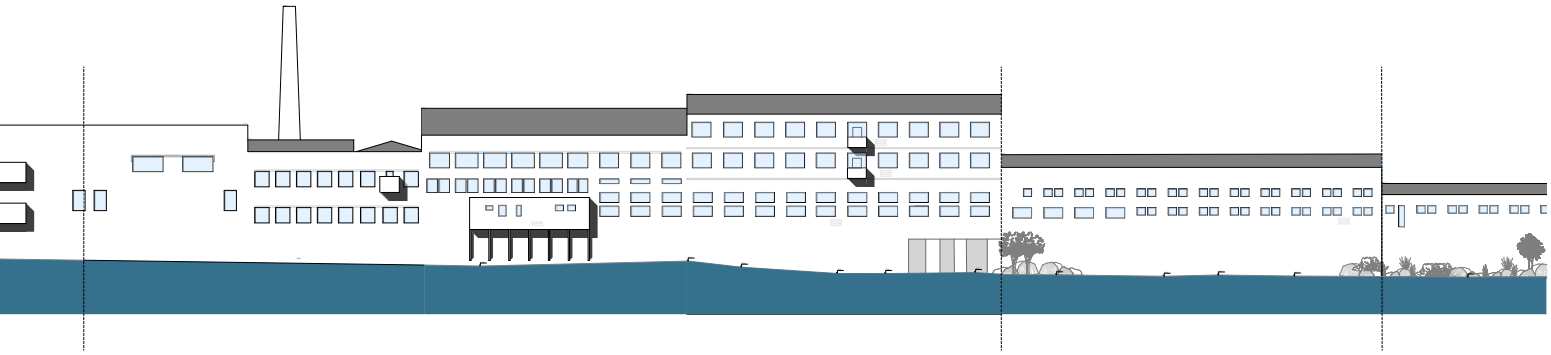


Fig. 158 Modelação da maqueta digital





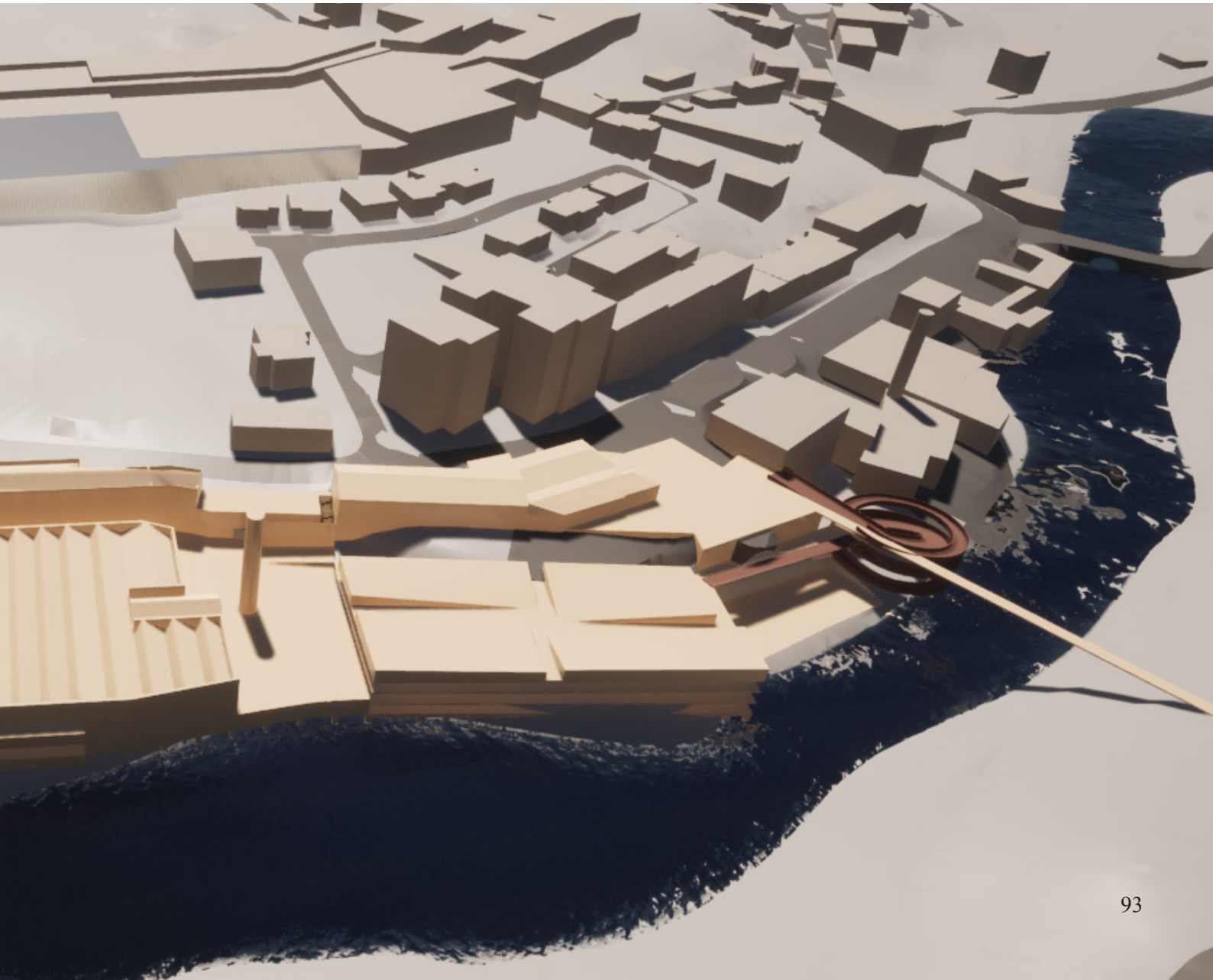




Fig. 159 Corte 7 do Projeto sobre a a Praça da chaminé |1.500

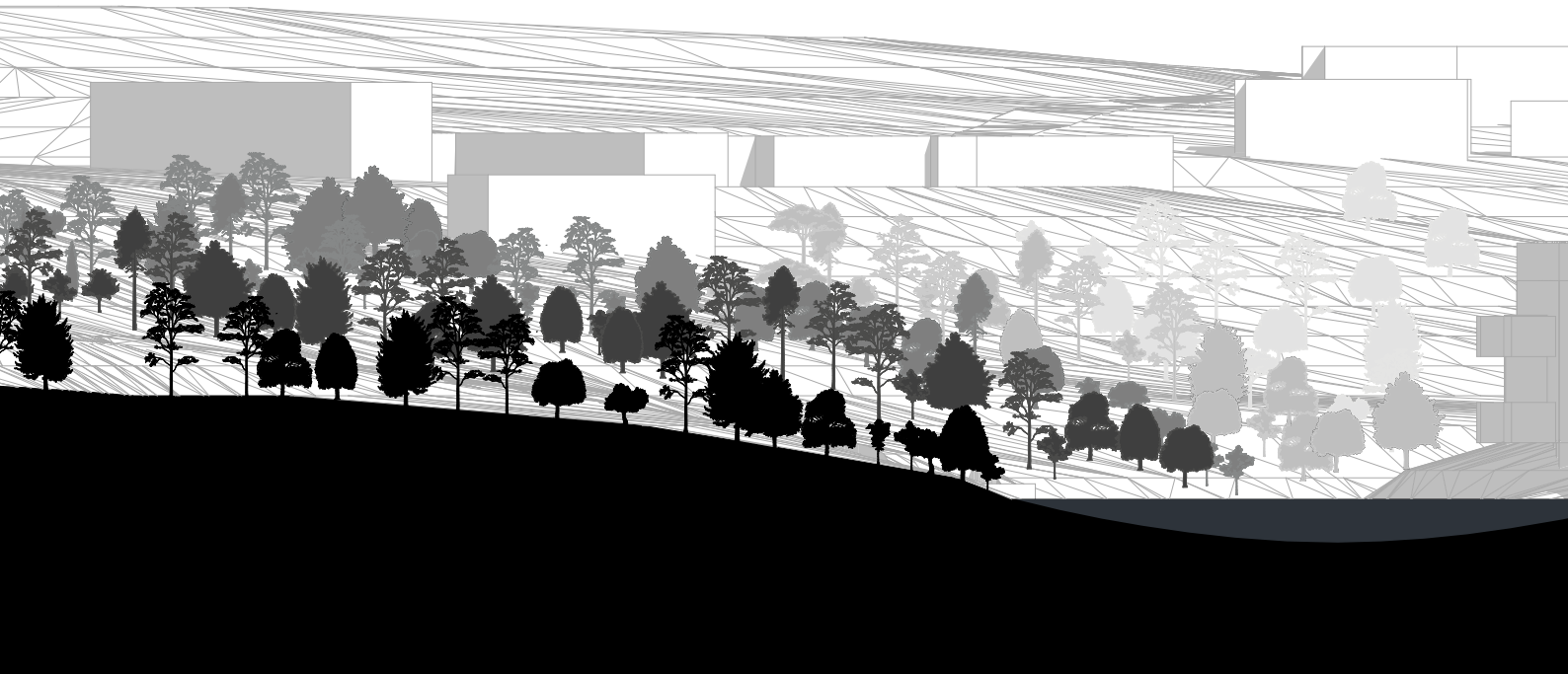
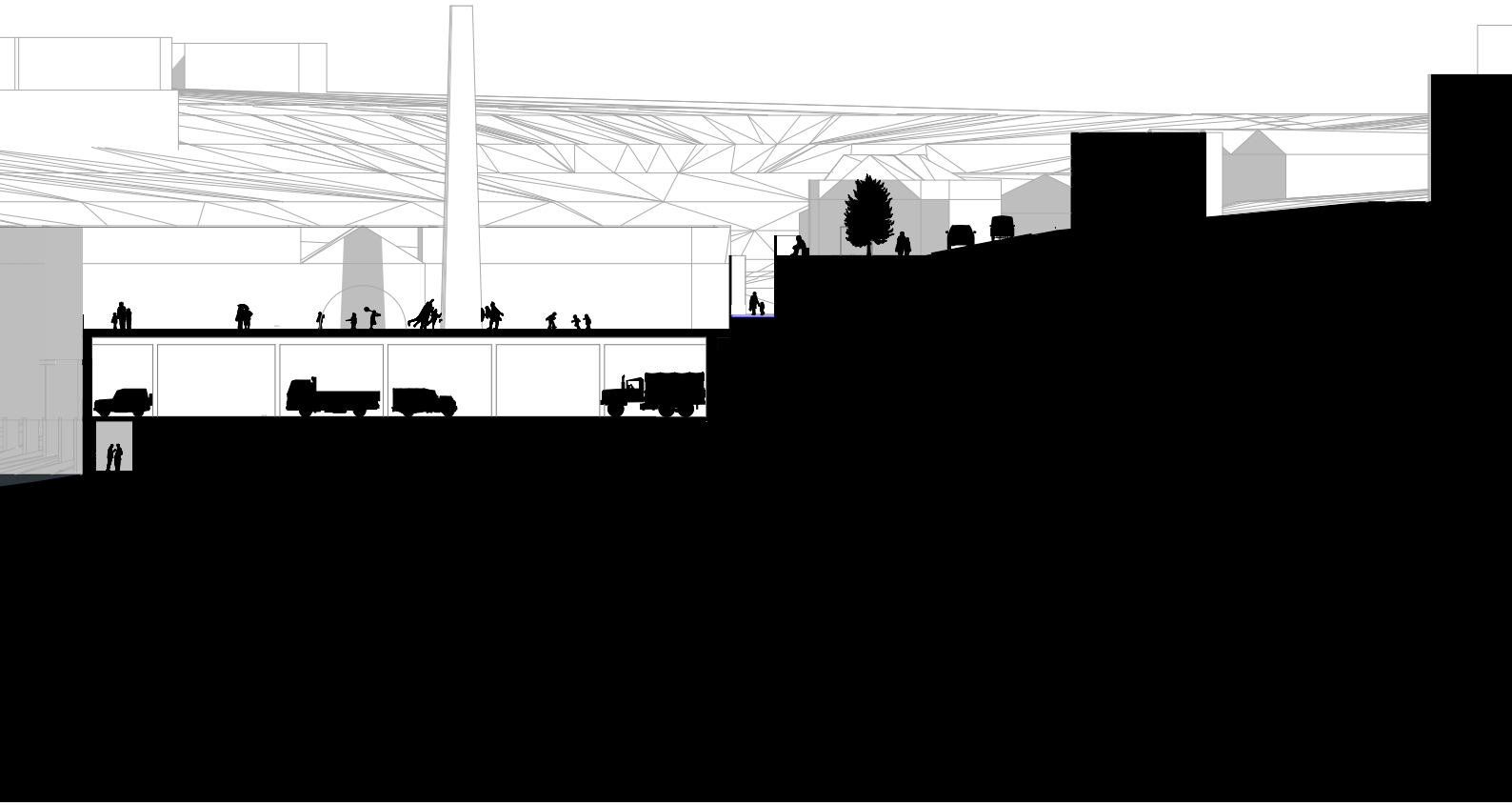
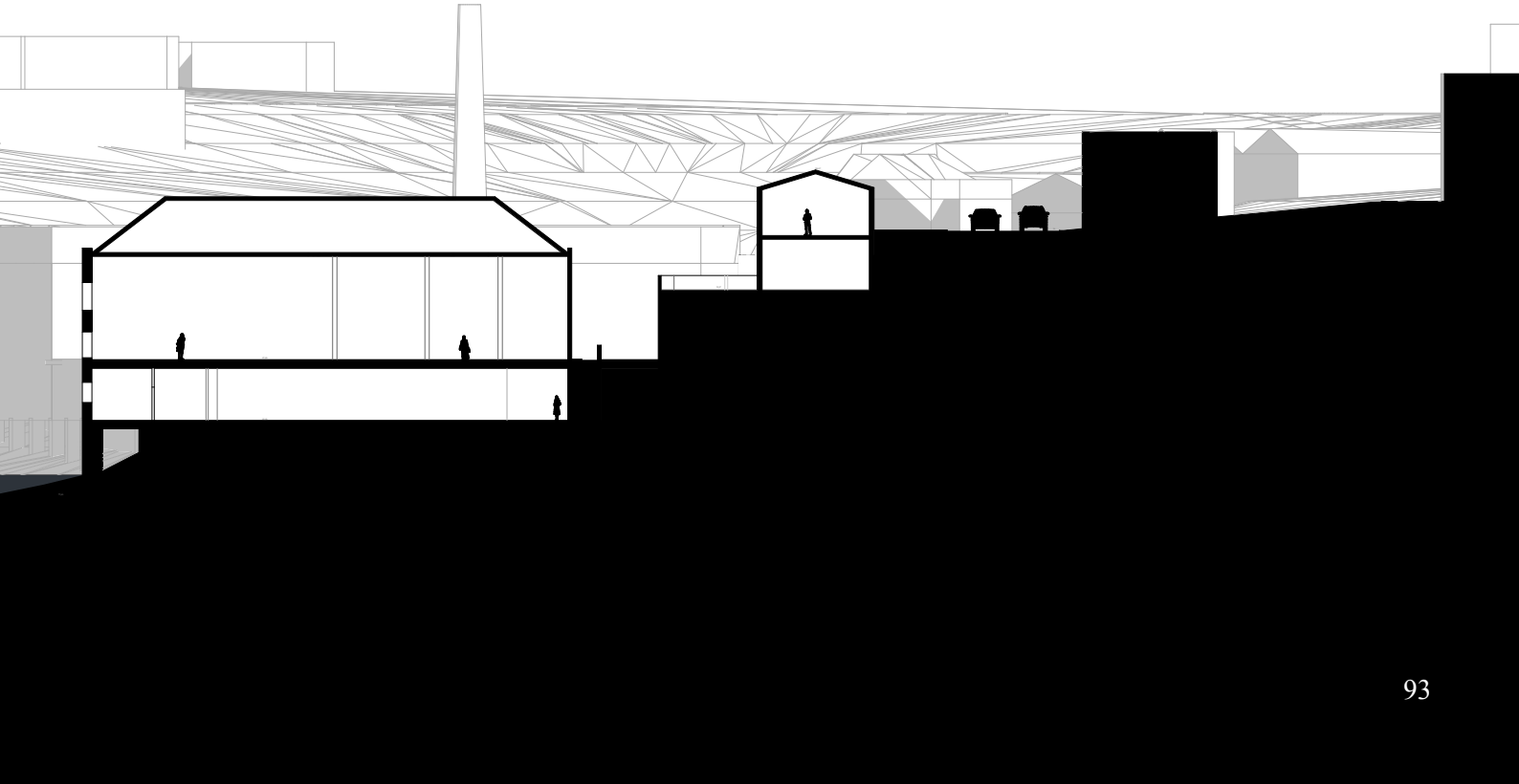


Fig. 160 Corte 8 da antiga Fábrica Sampaio e Ferreira e Cª |1.500





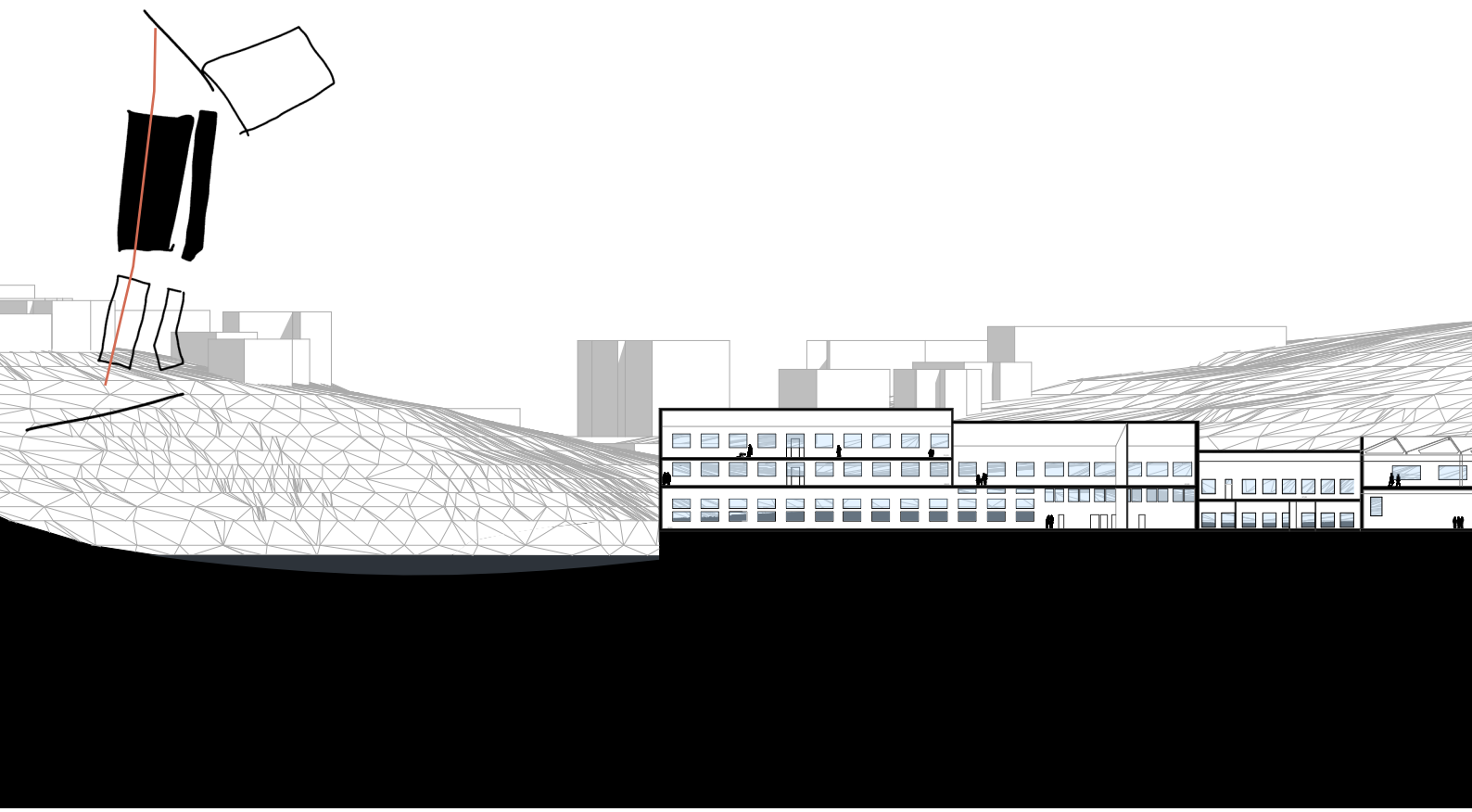


Fig. 161 Corte 9 |1.1000

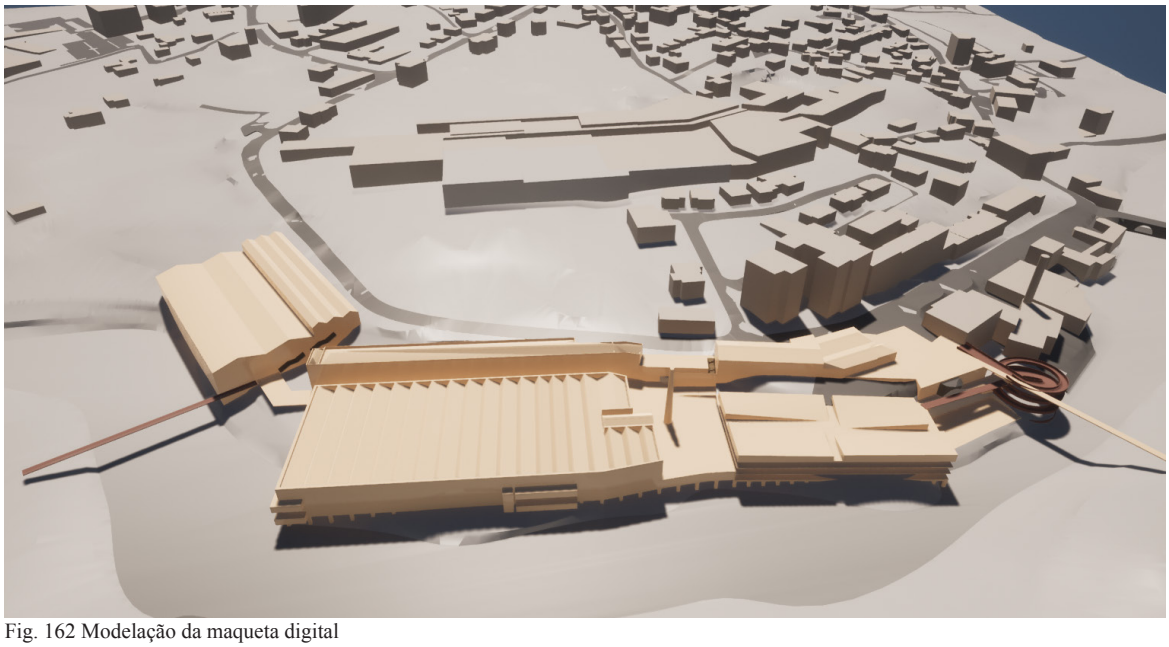


Fig. 162 Modelação da maqueta digital

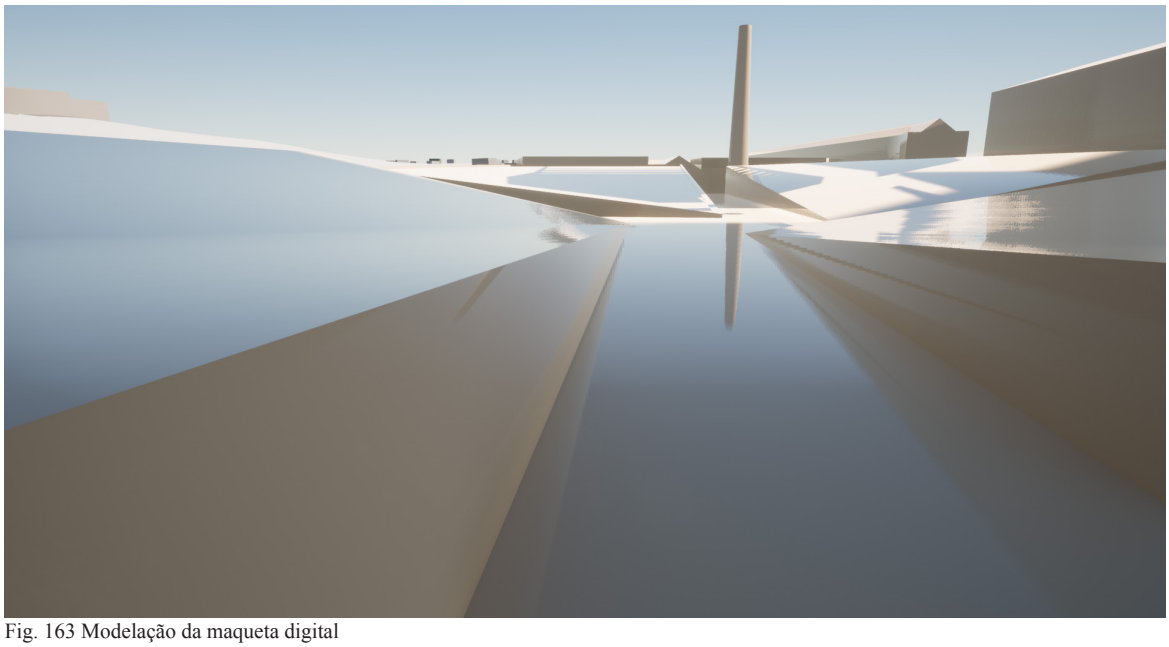


Fig. 163 Modelação da maqueta digital



Considerações Finais

No trabalho de projeto, que fundamenta a presente dissertação, refletiu-se e experimentou-se um exercício sobre a revitalização de um lugar, o complexo da antiga Fábrica SF, em Riba de Ave, ainda abandonado, apesar de terem já tem sido objeto de algumas propostas arquitetónicas e paisagísticas de natureza académica e existir um interesse e empenho crescente, por parte do município de Vila Nova de Famalicão e pelo proprietário do lugar, em requalificar e revitalizar a área. A elaboração deste projeto teve particular atenção à interpretação e à análise do complexo fabril existente, pois:

> A construção do projecto e a interpretação analítica estão envolvidas. Nesta perspectiva, as duas componentes, se tradicionalmente se encontravam desagregadas e a análise precedia o projecto, na leitura que nos propomos "defender" estas envolvem-se num campo conceptual, interpretativo e dialético, intenso, pelo que, não interessam ao projecto urbano análises finitas, mas antes matrizes analíticas que esclareçam as margens de afinação das atribuições de valor fundamentais. (Viegas, 1998, p. 156)

O projeto proposto é, assim, o resultado desta implicação da análise com a procura de soluções para cada situação. Pelo reconhecimento e afirmação da viabilidade da proposta apresentada, seria importante que os agentes envolvidos, na posse dos terrenos e os agentes municipais, com o Plano Diretor Municipal e as propostas de reabilitação urbana, pudessem ter os meios económicos e a vontade política para a concretizar, pois, do nosso ponto de vista, este projeto pode constituir-se como um instrumento não só de reflexão sobre o espaço a revitalizar, como, sobretudo estratégico, com várias vertentes fundamentais integradas e articuladas.

É um facto que existe um plano municipal para a reabilitação urbana do centro de Riba de Ave e da freguesia contígua, onde é explícito que se pretende valorizar a identidade cultural, como forma de afirmação urbana, garantindo a qualidade de vida e a sustentabilidade dos espaços urbanos e deste edificado, em particular, promovendo a sua recuperação, não só a área, mas também, os edifícios que são de elevado valor e de referência na vila. Neste momento, a área e o complexo fabril estão inseridos na Rota do Património Industrial Têxtil do Vale do Ave. Contudo, as grandes dimensões do espaço, o custo das demolições e a falta de atribuição de novas funções e serviços para este complexo fabril, assim como outros problemas relativos à natureza da propriedade (privada), não resultaram, ainda, na definição de um projeto viável e sustentável.

> Também aqui é o espaço colectivo o cerne da questão: transferido das antigas para as novas funções, a opinião pública reage crescentemente ao recurso expedito e a processos de apropriação privada de áreas sensíveis pela sua localização ou função ecológica. Por outro lado, a procura de usos mais rentáveis como forma de amortizar os custos públicos da transformação e recuperação das áreas obsoletas tem conduzido a excessos de edificabilidade ou à criação de novas ocupações monofuncionais, nuns casos sem resposta dos próprios mercados, e noutras, sem os efeitos esperados de animação urbana. (Portas, 1998, p. 5)

Assim, a realização e apresentação deste projeto de revitalização, reabilitação e reutilização, deste singular conjunto arquitetónico-paisagístico como um processo integrado, teve como objetivo responder às diversas questões colocadas pela atualidade da vivência urbana, contemplando espaços de habitação, espaços de cultura, praças e lugares de convívio comunitário e particularmente de lazer junto do rio. Nesta atmosfera estratégica e programática mantêm-se alguns elementos icónicos, como a chaminé, a linguagem e a estrutura de particulares edifícios industriais, de modo a preservar os "sinais" relevantes da história e acrescentam-se elementos novos para atrair visitantes, como o museu, as escolas e os ateliês, juntamente com edifícios habitacionais, por forma a reforçar os fenómenos sociais ligados à residência e a permanência da população naquele lugar. Para além disso, reabilitam-se as margens ribeirinhas, como espaços de lazer e desporto, possibilitando a realização de espetáculos e atividades culturais ao ar livre.

A proposta contempla vários edifícios multifuncionais, para que a comunidade possa conviver e circular nos espaços e salvaguardar a memória que se tem deles. O foco da intervenção aposta num equilíbrio entre a rentabilidade económica e a sustentabilidade desenhado por um faseamento da edificação, adequado, ainda, à morfologia geral geométrica e topográfica disponibilizando espaços educativos, culturais e habitacionais, que proporcionam a animação urbana.

Solá-Morales (2008) defendeu que "el proyecto urbano ahora puede estar más en lo estratégico y lo material, en intenciones acupunturales sobre la piel urbana para afectar al organismo entero. Proyecto urbano que para ser efectivo es concentrado y puntual, limitado en su tiempo y espacio de intervención, pero abierto y extenso en su influencia más allâ de si mismo" (p. 153), e acredita-se que esta proposta de intervenção, sobre este lugar esquecido, é uma oportunidade de evidenciar uma intenção que renova a vila de Riba de Ave e promove a qualidade da vida urbana, abrindo possibilidades para novas práticas de arquitetura.



Fontes Bibliográficas

Alves, F. (2020). A paisagem produtiva: A indústria têxtil na consolidação de um território e património. O caso da Fábrica Sampaio Ferreira [Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Escola de Arquitetura, Universidade do Minho]. Repositório da UM. https://hdl.handle.net/1822/64893

Alves, J. (2005). A Indústria em Vila Nova de Famalicão: Uma perspectiva histórica. In Capela, J. V. (coord.), História de Vila Nova de Famalicão. Quasi Edições, p. 443-486.

Calvino, Italo. (2009). Palomar. Teorema.

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2015). Plano Diretor Municipal: Regulamento. DOGU/DOT-PU.

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2016). Retificação da delimitação da Área de Reabilitação Urbana do centro de Riba de Ave e do centro de Oliveira de S. Mateus. Atas da Reunião de Câmara.

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2017). Minuta de Ata Retificação da Área de Reabilitação Urbana do centro de Riba de Ave e do centro de Oliveira de S. Mateus. Atas da Assembleia Municipal.

Costa, F, Lopes, J. (2015). Archi-Ave: Património documental da bacia do Ave. UMinho GEO – Departamento de Geografia da Universidade do Minho. http://archivave.weebly.com/uploads/4/5/6/6/45661309/catalogo_archiv-ave.pdf

Costa, F, Lopes, J. (2013). Património hidráulico e Arqueologia industrial: O caso do Rio Ave no Noroeste de Portugal. https://hdl.handle.net/1822/25049

Couto, J., Correia, P., & Matos, R. (2010-2011). Reflexão para um itinerário cultural da arquitetura (made in)dústria Riba de Ave e Oliveira de S. Mateus. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, III Série, 6/7, 489-493. http://hdl.handle.net/10400.26/28334

Diário de República, 1ª série. (14 de agosto de 2012). Lei n.º 32/2012. https://files.dre.pt/1s/2012/08/15700/0445204483.pdf

Diário da República, 2.ª série (8 setembro de 2015). Aviso n.º10268/2015 Revisão do Plano Diretor Municipal de Vila Nova de Famalicão. N.º 175, p. 26031-26088.

Diário da República, 2.ª série (7 de agosto de 2017). Aviso n.º 8883/2017 Aprovação da alteração aos limites da área de reabilitação urbana do centro de Riba de Ave e do centro de Oliveira São Mateus. N.º 151, p. 16535.

Fernando, A. (1989). Riba D´Ave: o Nome. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, nº 9, 71-75.

Fernando, A. (1994). Riba D`Ave em terras de Entre-Ambos-as-Aves (monográficos). Vol. II. Biblioteca do Externato Delfim Ferreira.

Gil, F. (1984). Inventar. In Mimesis e negação (pp.174-249). Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Leitão, M., & Saraiva, V. (2012). Riba d´Ave Industrial: Contributo da Fábrica Sampaio Ferreira & C.ª Lda no seu desenvolvimento sócio-económico e urbano. Relatório Final Programa de Bolsas de Investigação na área da Cidade e da Arquitetura.

Magalhães, F., Tsou, A., Mesquita, J., Gonçalves, C., & Jorge, F. (2017). [Re]delimitação da área de reabilitação urbana do centro de Riba d'Ave e do centro de Oliveira S. Mateus: Memória Descritiva e Justificativa. Câmara Municipal de V.N. Famalicão.

Martins, A. L. (2016). Parque das frentes ribeirinhas de Riba de Ave, Oliveira São Mateus e Oliveira Santa Maria –Vila Nova de Famalicão [Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto]. Repositório da UP. https://hdl.handle.net/10216/90992

Monteiro, R. (2020). Projecto como processo de (re)conhecimento: Estratégia prospectiva de continuidade e articulação nas margens do Ave [Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]. Repositório da UP. https://hdl.handle.net/10216/134634

Pereira, V. B. (2012). Ao cair do Pano. Sobre a formação do quotidiano num contexto (des) industrializado do Vale do Ave. Edições Afrontamento.

Portas, N. (coord.) (1998). Cidades e frentes de água: cities & waterfronts: mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água. Expo´98.

Portas, N. (fevereiro 1985). Notas sobre a intervenção na cidade existente. Sociedade e Território, nº2, 8-13.

Pozzer, G. (2020). A Sampaio, Ferreira & C.ª. no processo de industrialização da Bacia do Ave (1896-1917). Arqueologia Industrial, 5º série, vol. II, nº1-2.

Pozzer, G. (2021). A memória persistente A fábrica Sampaio, Ferreira & Cia. em Riba d'Ave: memória, história e patrimônio industrial [Tese de Doutoramento em História, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho]. Repositório da UM. https://hdl.handle.net/1822/75851

Siza Vieira, Álvaro. (2012). Imaginar a evidência. Edições 70.

Solá-Morales, Manuel de. (2008). De cosas urbanas. Editorial Gustavo Gili.

Sousa, J. N. P. (2013). O prolongar da tradição na contemporaneidade: Espaço em transformação em Riba de Ave [Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]. Repositório da UP. https://hdl.handle.net/10216/80397

Tomaz, J. (2017). Projecto Fábrica Sampaio Ferreira: Resposta ao concurso Desafios Urbanos'16, seguido de uma reflexão sobre intervenções em edifícios industriais [Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto].Repositório da UP. https://hdl.handle.net/10216/108908

Viegas, Luís Sebastião da Costa. (1998). Projecto urbano entre a estratégia e a construção da cidade: Projectar a cidade a partir de um só instrumento de projecto [Dissertação de Mestrado em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano, FAUP/FEUP]. https://hdl.handle.net/10216/12998

Viegas, Luís Sebastião da Costa. (2014). Do Método ao campo multidimensional operativo. In Diálogos entre Arquitetura e Cidade. Por um Campo Multidimensional operativo [Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto]. https://hdl.handle.net/10216/115881

Fontes Iconográficas

Fig. 1 a 4 Fotografias da autora
Fig. 5 Fotografia da autora - Chaminé da Fábrica
Fig. 6 Fotografia da autora - Interior da Fábrica
Fig. 7 a 10 Planta da autora
Fig. 11 a 13 Fotografia cedida pelo Museu da Indústria Têxtil Bacia do Ave
Fig. 14 Desenho da Planta de cobertura e alçado poente (Sousa, 2013, p.97)
Fig. 15 Planta do Projeto (Tomaz, 2017, p. 117)
Fig. 16 Planta (Monteiro, 2020, p. 194)
Fig. 17 Imagem síntese (Alves, 2020, p. 289)
Fig. 18 Diagrama (Martins, 2016, p. 80)
Fig. 19 Fotografia de Klauss, 2020
Fig. 20 Planta de implantação com a localização dos edifícios estudados, CEAU FAUP/autora
Fig. 21 Planta de implantação sobre a degradaçãos dos edifícios estudados CEAU FAUP/autora
Fig. 22 Fotografia da autora
Fig. 23 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 24 e 25 Fotografias da autora
Fig. 26 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 27 Fotografia da autora
Fig. 28 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 29 a 31 Fotografias da autora
Fig. 32 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 33 e 34 Fotografias da autora
Fig. 35 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 36 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 37 a 50 Fotografias da autora
Fig. 51 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 52 e 53 Fotografias da autora
Fig. 54 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 55 Fotografia da autora
Fig. 56 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 57 a 59 Fotografias da autora
Fig. 60 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 61 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 62 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 63 a 75 Fotografias da autora
Fig. 76 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 77 a 79 Fotografias da autora
Fig. 80 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 81 e 82 Fotografias da autora
Fig. 83 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 84 a 89 Fotografias da autora
Fig. 90 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 91 a 97 Fotografias da autora
Fig. 98 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 99 a 101 Fotografias da autora
Fig. 102 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 103 Fotografia da autora
Fig. 104 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 105 a 117 Fotografias da autora
Fig. 118 Maqueta da autora
Fig. 119 Maqueta da autora
Fig. 120 Esquema da autora
Fig. 121 Modelaçao da autora
Fig. 122 Esquisso da autora
Fig. 123 Esquema da autora
Fig. 124 Modelaçao da autora
Fig. 125 Esquema da autora
Fig. 126 Modelaçao da autora
Fig. 127 Planta da autora

Fig. 128 Modelação da autora
Fig. 129 a 131 Plantas da autora
Fig. 132 e 133 Cortes da autora
Fig. 134 Planta da autora
Fig. 135 Modelaçao da autora
Fig. 136 a 138 Planta da autora
Fig. 139 Modelaçao da autora
Fig. 140 a 141 Cortes da autora
Fig. 142 Modelaçao da autora
Fig. 143 Esquisso da autora
Fig. 144 Modelaçao da autora
Fig. 145 Planta da autora
Fig. 146 Modelaçao da autora
Fig. 147 Planta da autora
Fig. 148 a 149 Modelaçao da autora
Fig. 150 a 151Cortes da autora
Fig. 152 Modelaçao da autora
Fig. 153 e 154 Plantas da autora
Fig. 155 Modelaçao da autora
Fig. 156 e 157 Alçados da autora
Fig. 158 Modelaçao da autor
Fig. 159 a 161 Cortes da autora
Fig. 162 e 163 Modelaçao da autora
Fig. 164 a 165 Fotografia da autora
Fig. 166 a 173 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 174 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 175 e 176 Fotografias da autora
Fig. 177 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 178 e 179 Fotografias da autora
Fig. 180 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 181 e 182 Fotografias da autora
Fig. 183 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 184 a 191 Fotografias da autora
Fig. 185 a 191 Fotografias da autora Edificio 3. Alçado a partir do Rio
Fig. 192 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 193 a 198 Fotografias da autora
Fig. 199 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 200 a 209 Fotografias da autora
Fig. 210 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 211 a 216 Fotografias da autora
Fig. 216 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 217 a 225 Fotografias da autora
Fig. 226 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 227 a 233 Fotografias da autora
Fig. 234 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 235 e 236 Fotografias da autora
Fig.237 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 238 a 241 Fotografias da autora
Fig. 242 Planta cedida Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 243 a 256 Fotografias da autora
Fig. 257 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 258 a 264 Fotografias da autora
Fig. 265 Diagrama cedido Município de V.N.Famalicão/autora
Fig. 266 a 304 Fotografias da autora
Fig. 305 a 311 Maquetas do Projeto

Indice de Anexos

Anexos I

Fábrica Antiga versus Projeto

Anexos II

Diagnóstico

Anexos III

Fotografias das Maquetas

Anexos IV

Lista de Percursos

Anexos I

Fábrica Antiga versus Projeto



Fig. 166 Planta da Fábrica Antiga | Piso 1 | 1.2000 | Cota 86.1

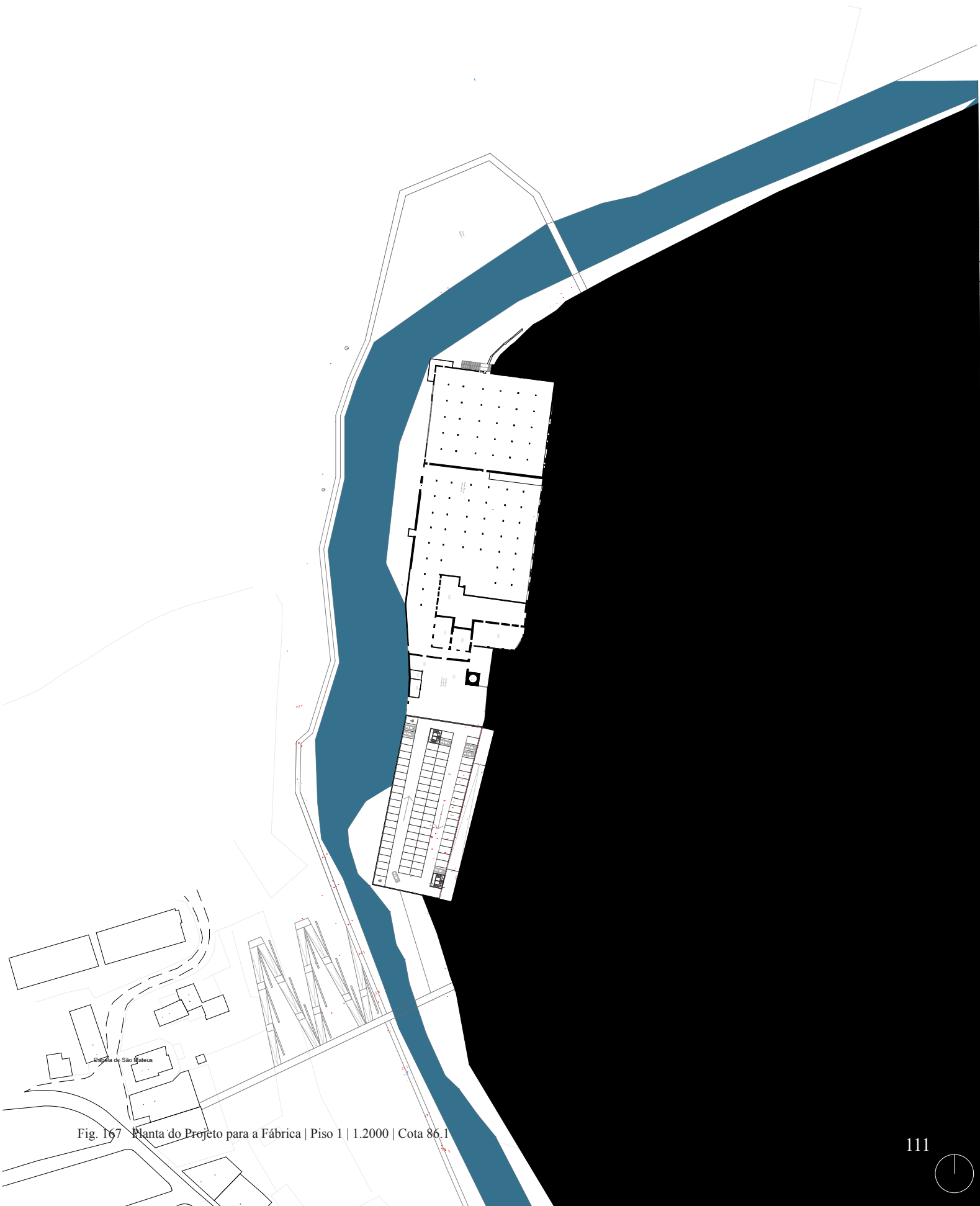


Fig. 167 Planta do Projeto para a Fábrica | Piso 1 | 1.2000 | Cota 86.1



Fig. 168 Planta da Fábrica Antiga | Piso 2 | 1.2000 | Cota 89.3

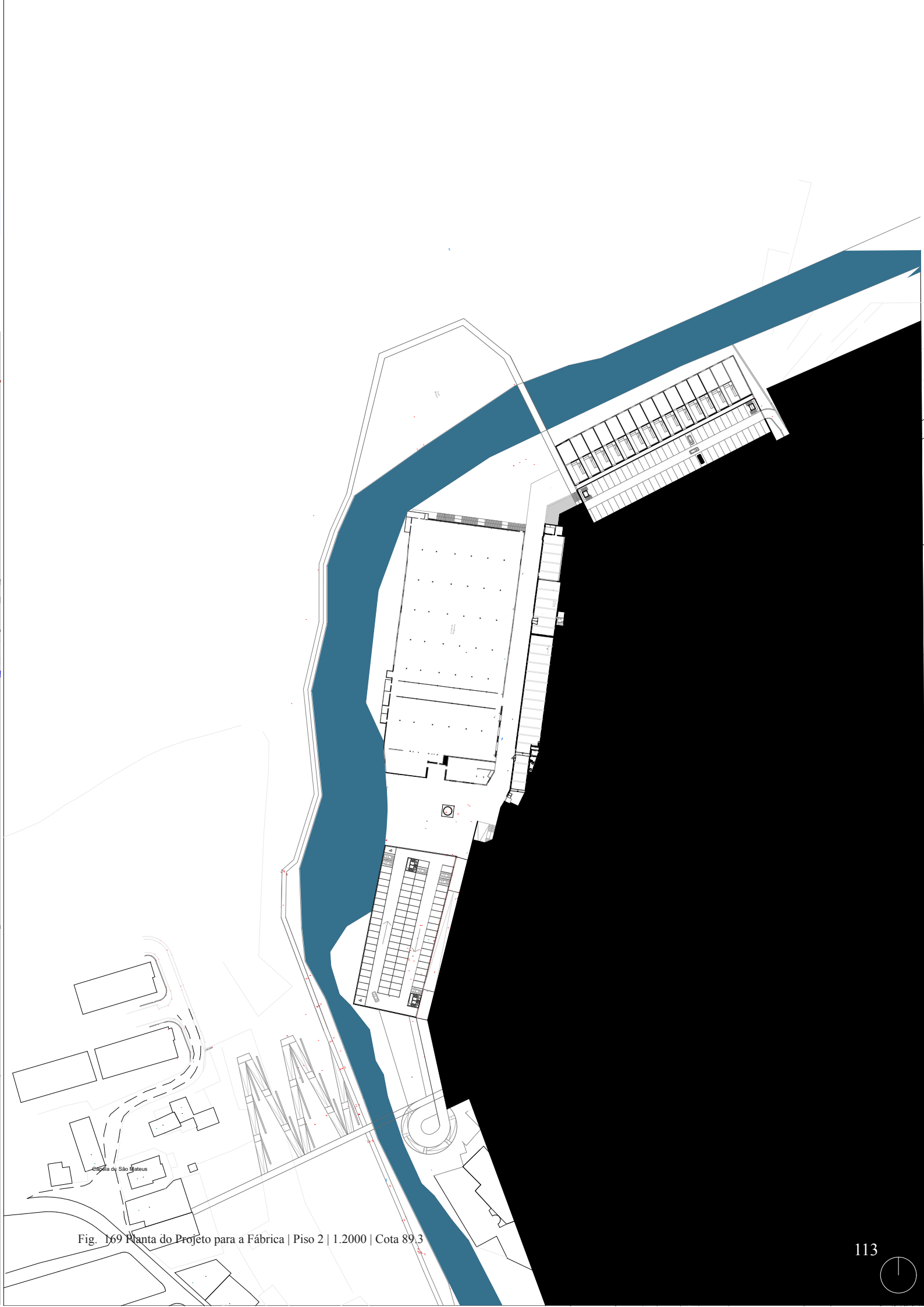


Fig. 169 Planta do Projeto para a Fábrica | Piso 2 | 1.2000 | Cota 89.3

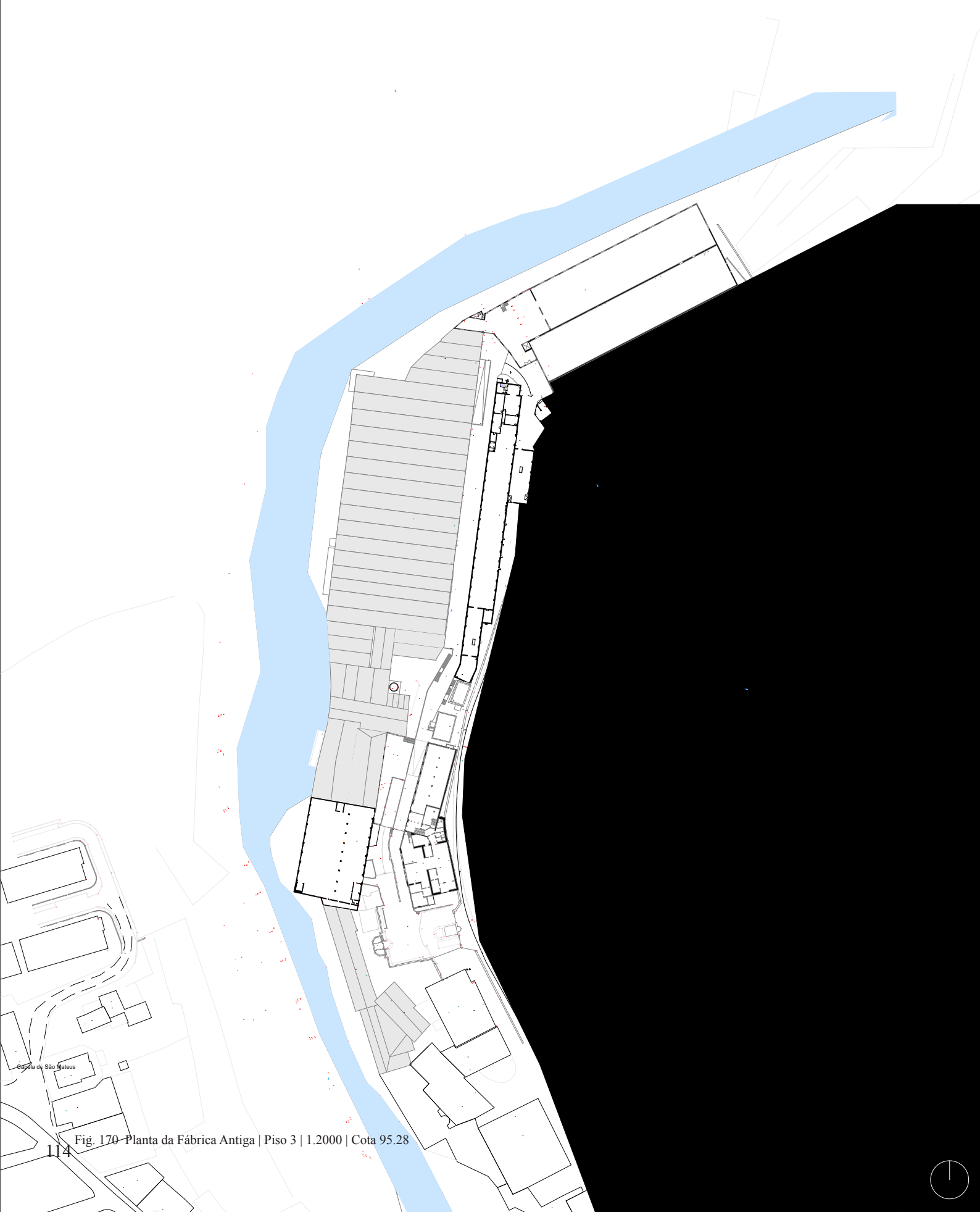


Fig. 170- Planta da Fábrica Antiga | Piso 3 | 1.2000 | Cota 95.28

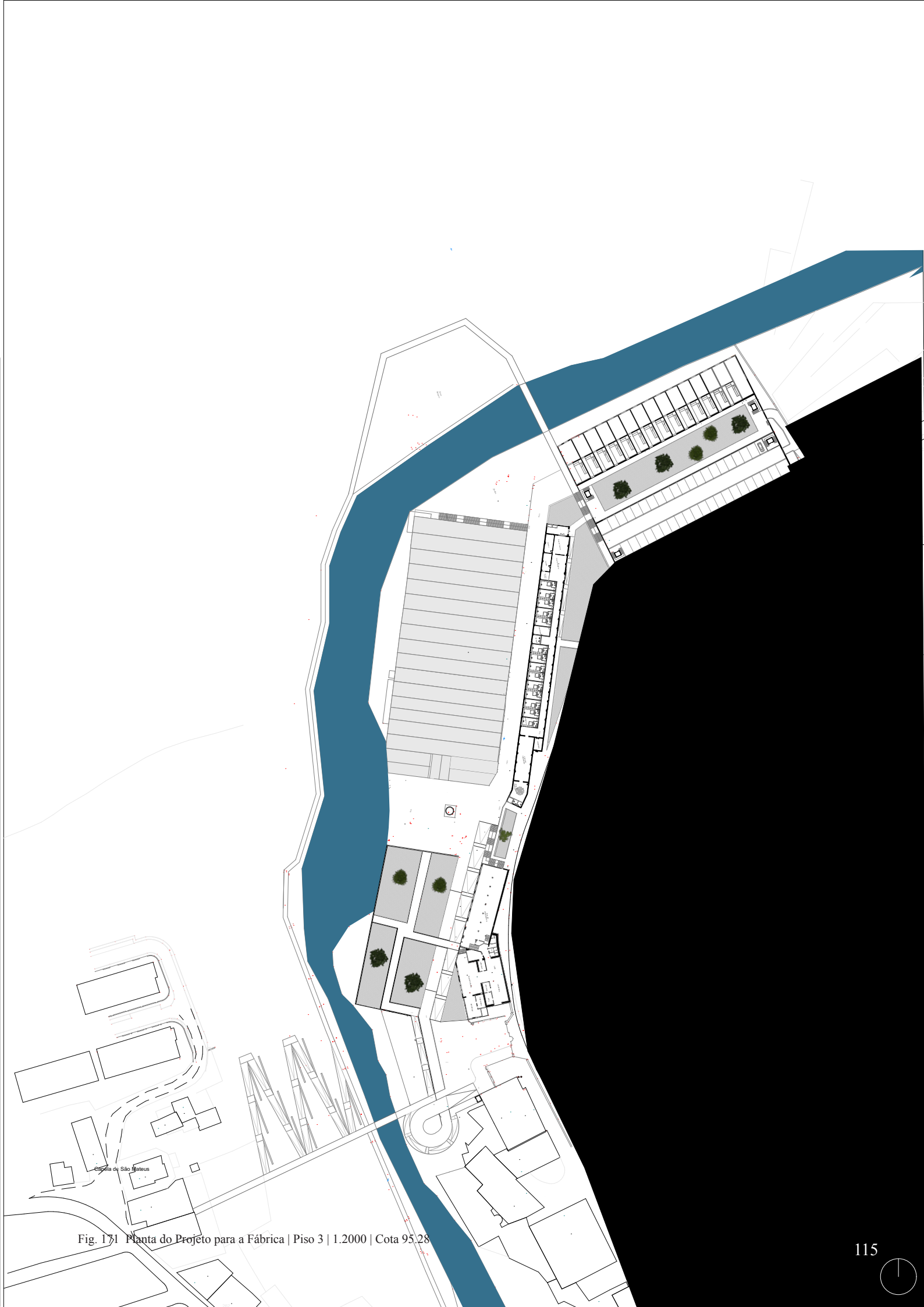


Fig. 171 Planta do Projeto para a Fábrica | Piso 3 | 1.2000 | Cota 95.28

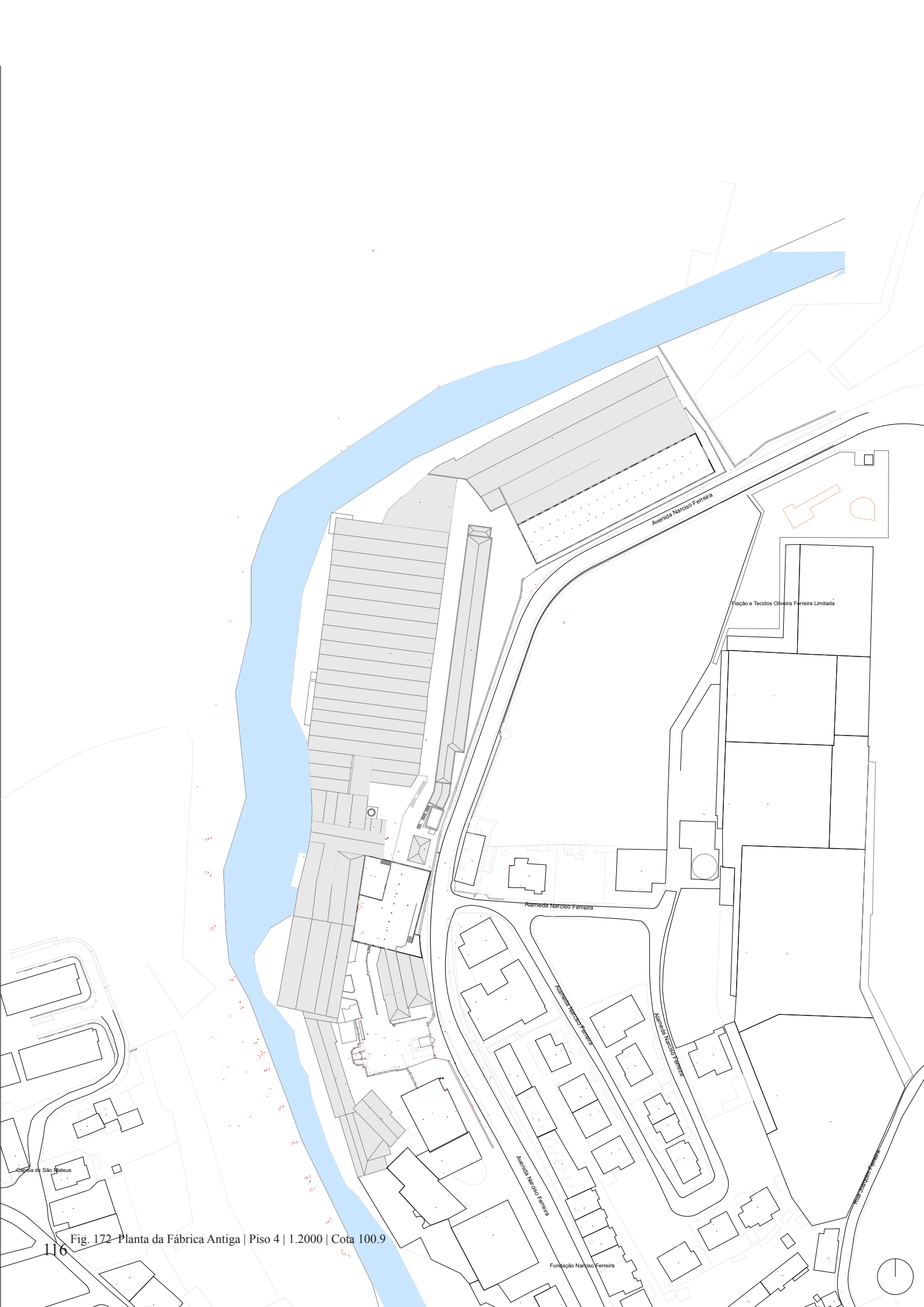


Fig. 172- Planta da Fábrica Antiga | Piso 4 | 1.2000 | Cota 100.9



Fig. 173 Planta do Projeto para a Fábrica | Piso 4 | 1.2000 | Cota 100.9

Anexos II

Diagnóstico

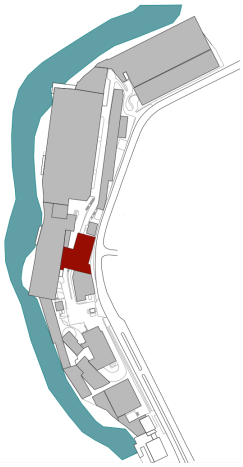


Fig. 174 Localização do edificio 2 na Fábrica



Fig. 175 Edificio 2. Exterior. Vista da rampa de acesso



Fig. 176 Edificio 2. Interior.

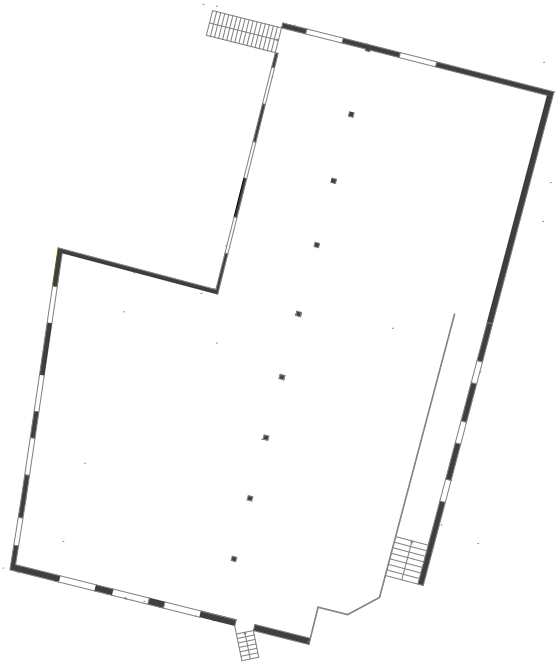


Fig. 177 Planta do Edificio 2. Piso 2 |1.500



Fig. 178 Edificio 2. Interior.



Fig. 179 Edificio 2. Interior.

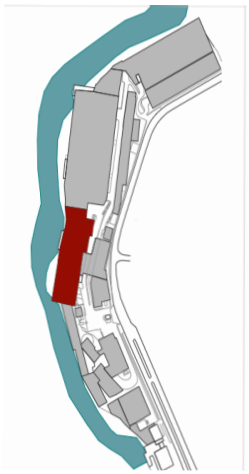


Fig. 180 Localização do edificio 3 na Fábrica



Fig. 184 Edificio 3. Piso 1. Acessos



Fig. 181 Edificio 3. Piso 1



Fig. 182 Edificio 3. Piso 2. Vista para o exterior



Fig. 183 Planta do Edifício 3. Piso 2 |1.500



Fig. 185 Edificio 3. Alçado a partir do Rio



Fig. 186 Edificio 3. Piso 2



Fig. 187 Edificio 3. Chaminé



Fig.188 Edificio 3. Piso 3



Fig. 189 Edificio 3. Vista para o exterior.



Fig. 190 Edificio 3. Piso 1



Fig. 191 Edificio 3. Vista para o exterior.

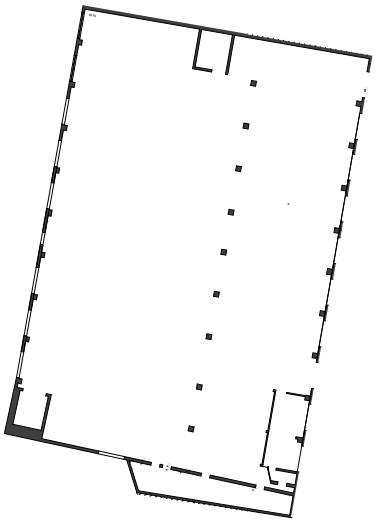


Fig. 192 Planta do Edifício 3. Piso 3 |1.500



Fig. 193 Edificio 3. Piso 3



Fig. 194 Edificio 3. Vista da chaminé



Fig. 195 Edificio 3. Piso 3



Fig. 196 Edificio 3. Piso 3



Fig. 197 Edificio 3. Vista para o exterior.



Fig. 198 Edificio 3. Entrada Piso 3

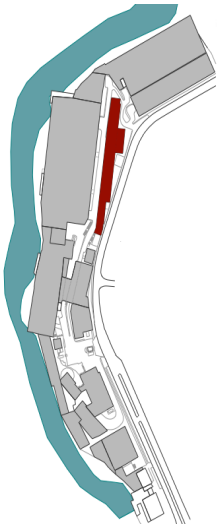


Fig. 199 Localização do edificio 5 na Fábrica



Fig. 200 Edifício 5. Fissuras



Fig. 201 Edifício 5. Contexto



Fig. 202 Edifício 5. Tanque



Fig. 203 Edifício 5. Percursos



Fig. 204 Edifício 5. Alçado



Fig. 205 Edifício 5. Alçado



Fig. 206 Edificio 5. Entrada Piso 2



Fig. 207 Edificio 5. Entrada Piso 2



Fig. 208 Edificio 5. Exterior Piso 2



Fig. 209 Edificio 5. Exterior Piso 2

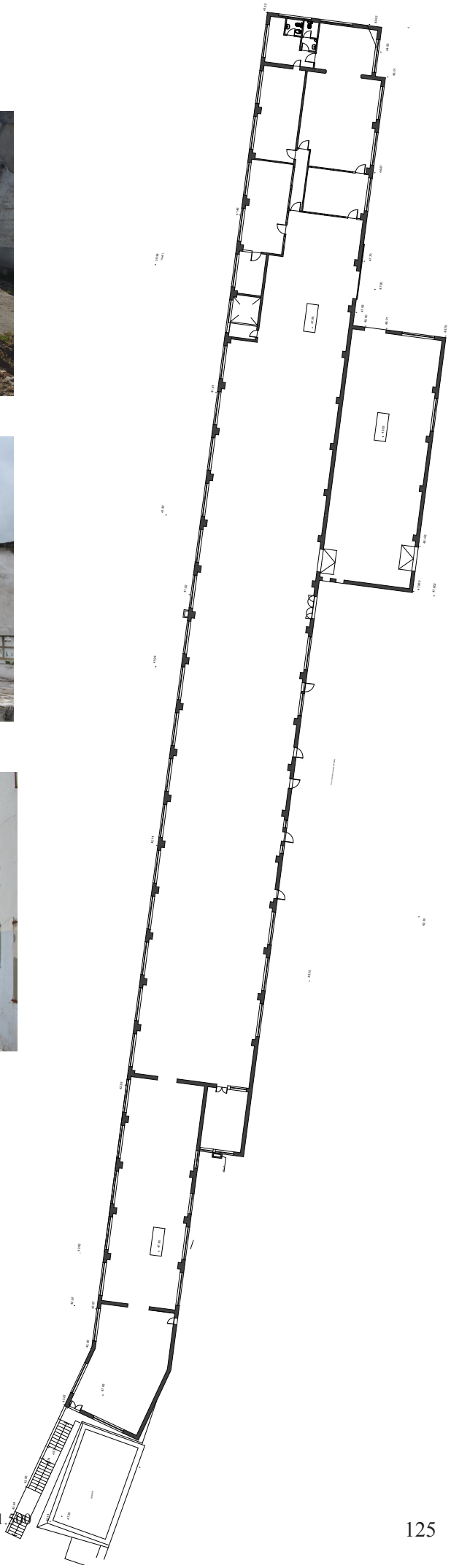


Fig. 210 Planta do Edificio 5. Piso 2 |1.500



Fig. 211 Edificio 5.



Fig. 212 Edificio 5. Alçado



Fig. 213 Edificio 5. Alçado



Fig. 214 Edificio 5. Contexto



Fig 215 Edificio 5. Muros.

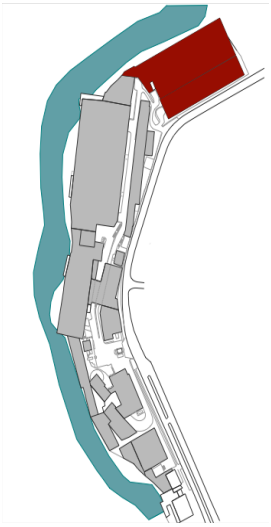


Fig. 216 Localização do edificio 6 na Fábrica



Fig. 217 Edifício 6. Fachada



Fig. 218 Edifício 6. Interior Piso 1



Fig. 219 Edifício 6. Interior Piso 1



Fig. 220 Edifício 6. Exterior



Fig. 221 Edifício 6. Vista geral da Fábrica



Fig. 222 Edifício 6. Interior Piso 2. Cobertura.



Fig. 223 Edifício 6. Entrada para o Interior Piso 2



Fig. 224 Edifício 6. Piso 2. Vista para o exterior.



Fig. 225 Edifício 6. Interior Piso 2. Contexto

Fig. 226 Planta do Edifício 6. Piso 2 |1.500



Fig. 227 Edifício 6. Interior Piso 2



Fig. 228 Edifício 6. Interior Piso 2



Fig. 229 Edifício 6. Vista para o Interior do Piso 2



Fig. 230 Edifício 6. Interior Piso 2



Fig. 231 Edifício 6. Entrada. Exterior Piso 3



Fig. 232 Edifício 6. Exterior Piso 3.Contexto



Fig. 233 Edifício 6. Interior Piso 2

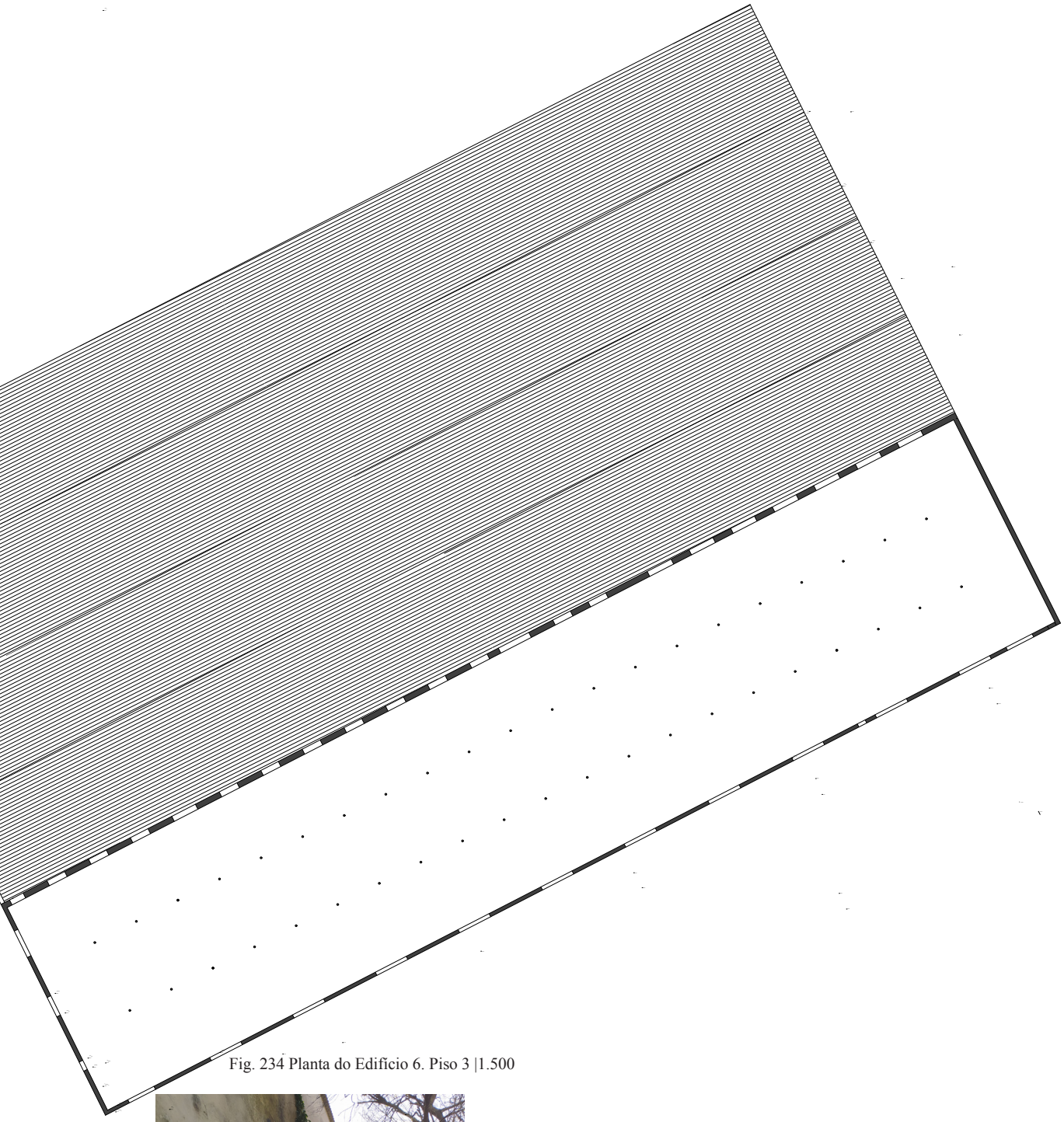


Fig. 234 Planta do Edifício 6. Piso 3 |1.500



Fig. 235 Edifício 6. Vista exterior a partir do rio.



Fig. 236 Edifício 6. Vista exterior a partir do rio.

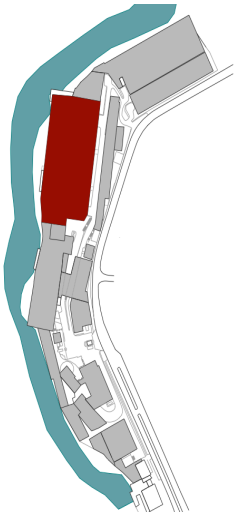


Fig.237 Localização do edificio 8 na Fábrica



Fig. 238 Edifício 8. Exterior.



Fig. 239 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 240 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 241 Edifício 8. Interior Piso 2

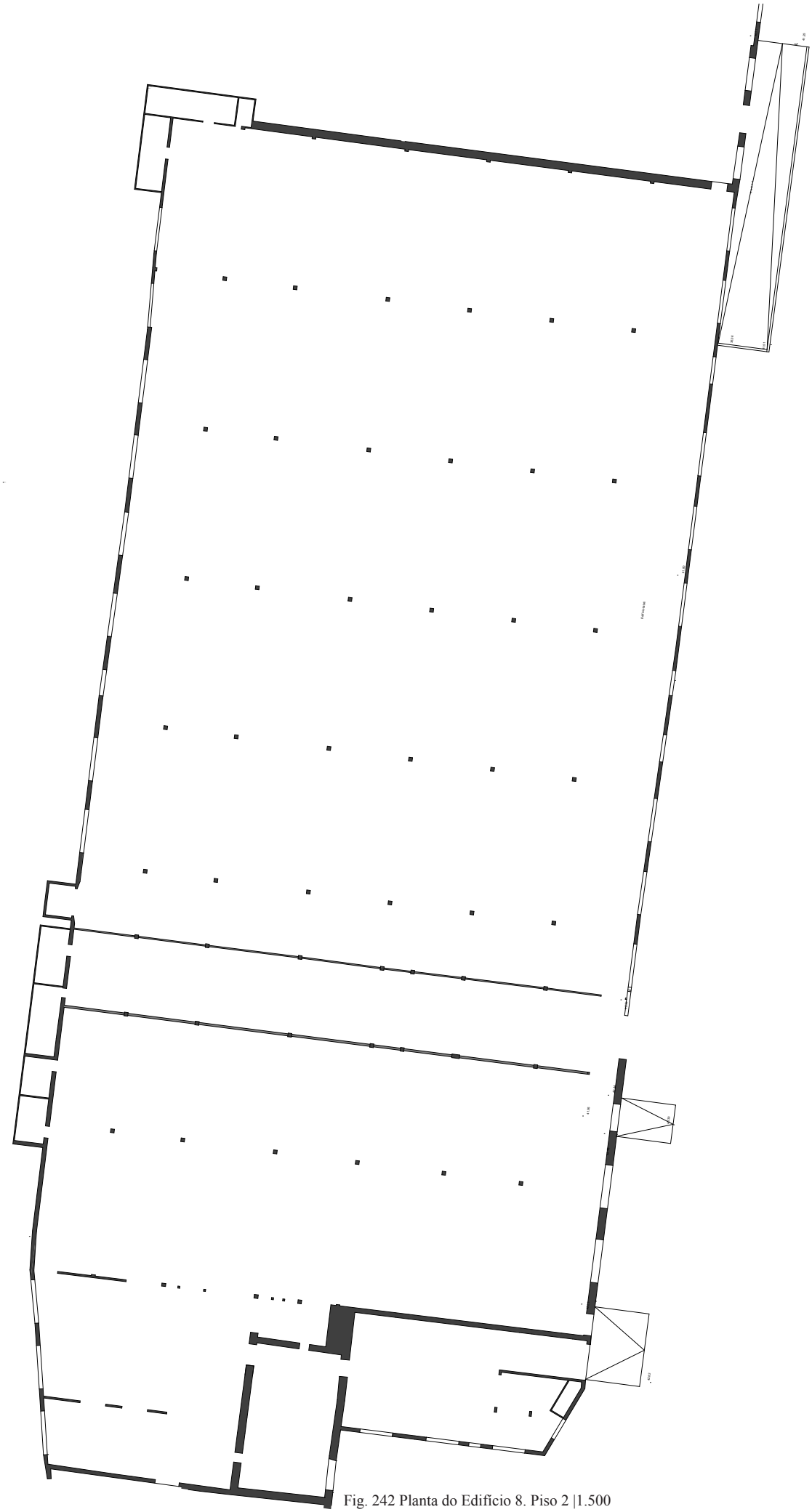


Fig. 242 Planta do Edifício 8. Piso 2 |1.500



Fig. 243 Edifício 8. Interior Piso 2. Janela



Fig. 244 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 245 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 246 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 247 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 248 Edifício 8. Exterior



Fig. 249 Edifício 8. Vista para o exterior



Fig. 250 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 251 Edifício 8. Vista para o exterior

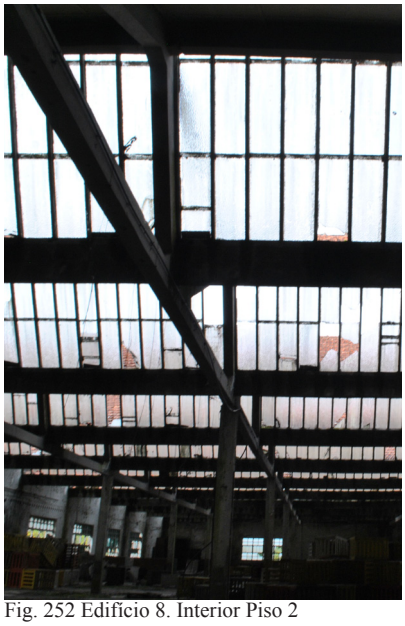


Fig. 252 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 253 Edifício 8. Vista para o exterior



Fig. 254 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 255 Edifício 8. Interior Piso 2



Fig. 256 Edifício 8. Interior Piso 2

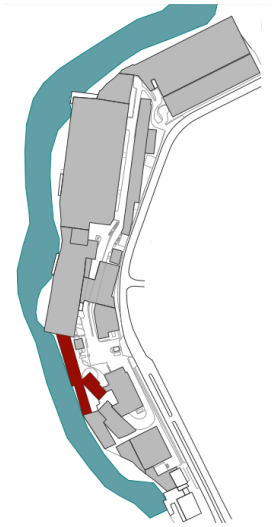


Fig. 257 Localização do edificio 9 na Fábrica



Fig. 258 Edifício 9. Vista a partir de cima



Fig. 259 Edifício 9. Vista a partir de cima



Fig. 260 Edifício 9. Alçado a partir do Rio



Fig. 261 Edifício 9. Exterior



Fig. 262 Edifícios que foram vendidos.Vista a partir do Rio



Fig. 263 Edifícios que foram vendidos



Fig. 264 Edifícios que foram vendidos. Vista a partir do Rio

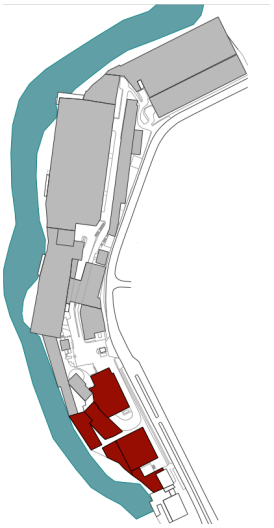


Fig. 265 Localização dos edificios que foram vendidos na Fábrica



Fig. 266 Edifícios que foram vendidos



Fig. 267 Edifícios que foram vendidos.



Fig. 268 Edifícios que foram vendidos.



Fig. 269 Edifícios que foram vendido. VIsta para o rio.



Fig. 270 Edifícios que foram vendidos.



Fig. 271 Edifícios que foram vendidos.



Fig. 272 Edifícios que foram vendidoa. Acessos



Fig. 273 Edifícios que foram vendidos.

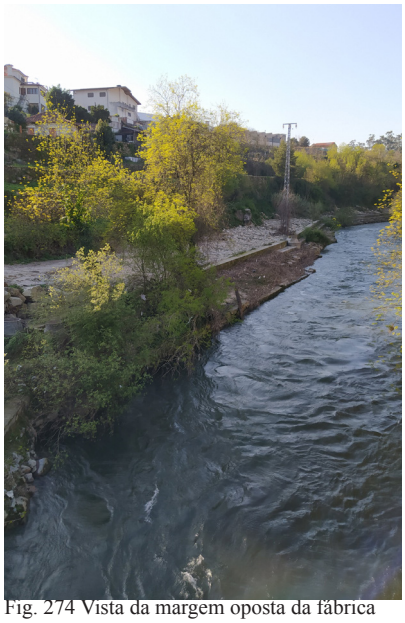


Fig. 274 Vista da margem oposta da fábrica



Fig. 275 Vista da margem oposta da fábrica



Fig. 276 Vista da margem oposta da fábrica



Fig. 277 Limites da propriedade da Fábrica



Fig. 278 Estrutura da Fábrica



Fig. 279 Conduta



Fig. 280 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 281 Vista da Fábrica a partir do rio.

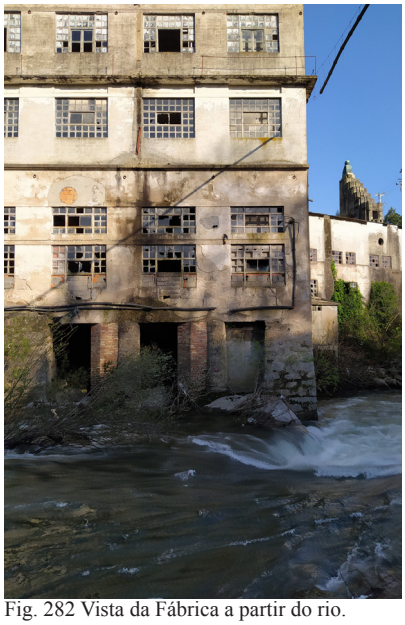


Fig. 282 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 283 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 284 Alçado da Fábrica



Fig. 285 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 286 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 287 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 288 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 299 Vista da Fábrica a partir do rio. Alçado



Fig. 300 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 301 Vista da Fábrica a partir do rio.

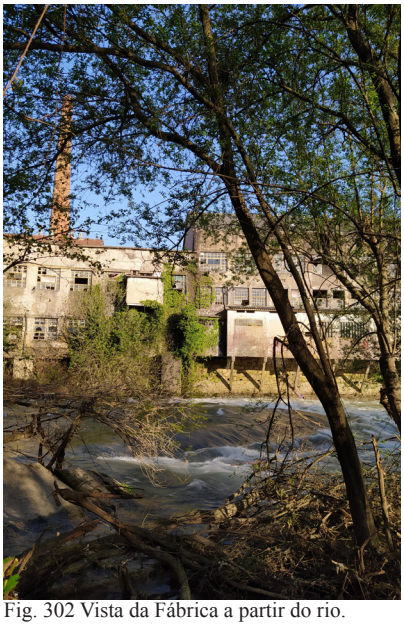


Fig. 302 Vista da Fábrica a partir do rio.



Fig. 303 Vista da Fábrica a partir do rio.

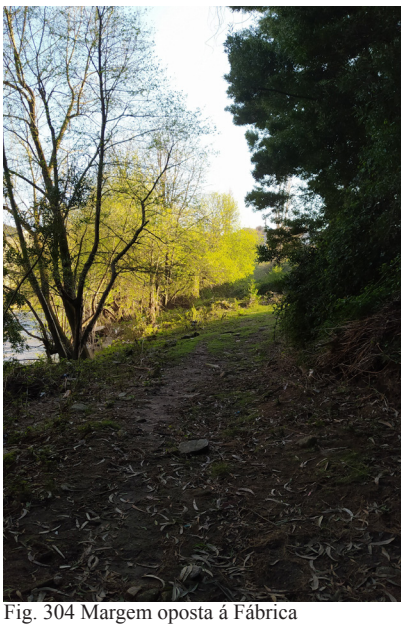


Fig. 304 Margem oposta á Fábrica

Anexos III

Fotografias das Maquetas

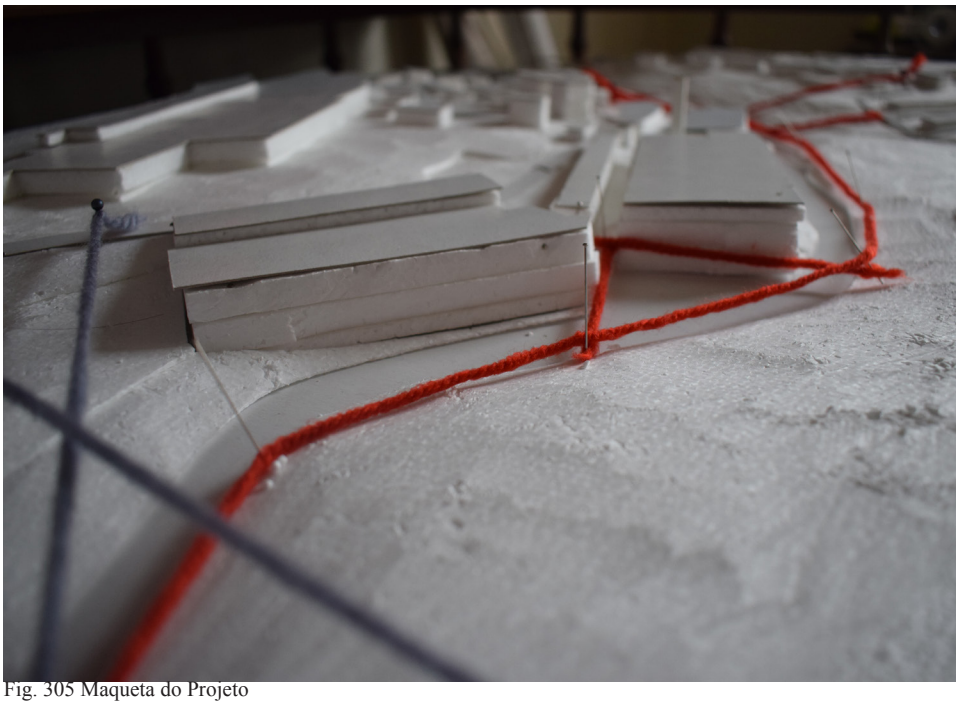


Fig. 305 Maqueta do Projeto

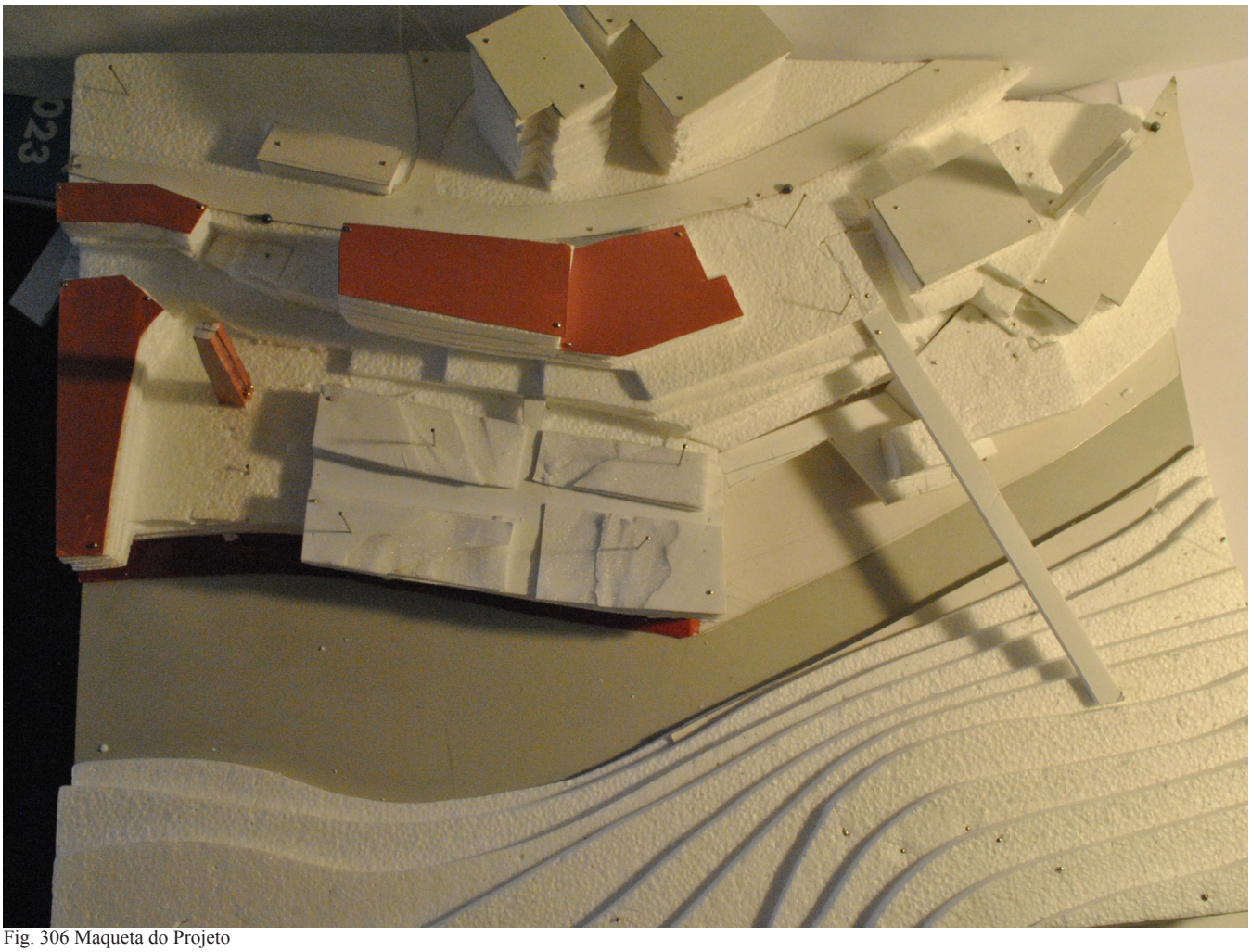


Fig. 306 Maqueta do Projeto



Fig. 307 Maqueta do Projeto



Fig. 308 Maqueta do Projeto

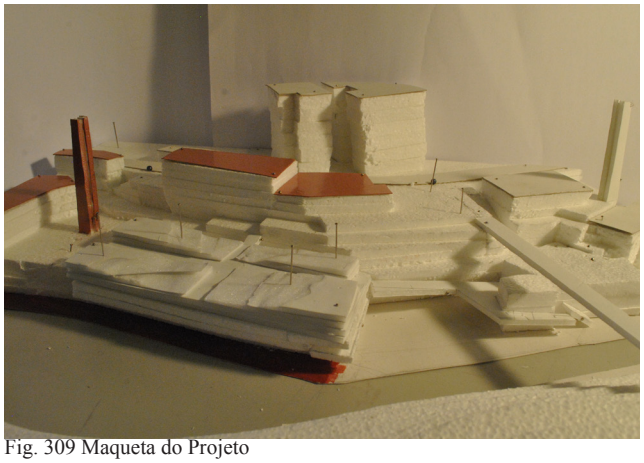


Fig. 309 Maqueta do Projeto



Fig. 310 Maqueta do Projeto

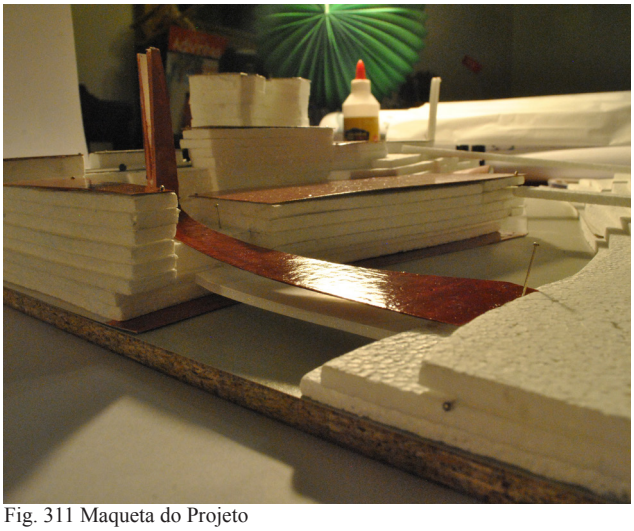


Fig. 311 Maqueta do Projeto

Anexos IV

Lista de Percursos

P1 - Rampa circular pedonal
P2 - Rampa pedonal da Praça da Entrada à Praça da Chaminé
P3 - Rampa para o Estacionamento
P4 - Rampa de ligação que liga a cobertura do Edifício do Estacionamento à Rampa circular pedonal (P1)
P5 - Percurso pedonal sobre o Rio Ave, que parte da Ponte A até ao rio e desenha a plateia do auditório ou da zona de lazer
P6 - Acesso pedonal do Edifício de Habitação
P7 - Acesso para automóveis do Edifício de Habitação
P8 - Percurso da Entrada da Chaminé
P9 - Percurso para a Entrada ao Ateliê dos Artistas
P10 - Percurso na margem oposta à da Fábrica que desenha a zona balnear
P11- Percurso da galeria à beira do rio Ave

Revitalização de um lugar esquecido em Riba d'Ave

Requalificação urbanística da zona da antiga Fábrica Sampaio, Ferreira & C.ª e margens do rio Ave

Ana Luisa Alvim Oliveira Dias de Almeida

FACULDADE DE ARQUITETURA